



Instituto Politécnico  
de Castelo Branco  
Escola Superior  
de Artes Aplicadas

## **Estágio curricular no atelier Arkstudio**

### **Relatório de estágio**

Sofia Ascensão Belém Marques Graça

20160057

#### **Orientadores**

Professor Adjunto Nelson Barata Antunes

Professor Adjunto José Simão Gomes

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design de Interiores e Mobiliário, realizado sob a orientação científica do Professor Adjunto Doutor Nelson Barata Antunes e coorientação do Professor Adjunto Doutor José Simão Gomes do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

**Outubro de 2019**



## Composição do júri

Presidente do júri

Especialista Tiago Patrício Rodrigues

Professor Adjunto Convidado da Escola Superior de Artes Aplicadas - IPCB

Vogais

Doutor Joaquim Bonifácio da Costa

Professor Adjunto da Escola Superior de Artes Aplicadas - IPCB

Doutor Nelson Barata Antunes

Professor Adjunto da Escola Superior de Artes Aplicadas - IPCB



## Dedicatória

À minha mãe.



## **Agradecimentos**

Aos professores Nelson Antunes e José Simão, pela orientação.

A todos os professores do curso, pelo ensinamento.

À ESART e ao IPCB, pela oportunidade de estudar em casa.

À arquitecta Margarida Matias, pela partilha.

À minha família, aos meus amigos e ao Tiago, pelo apoio.

À minha mãe, pela inspiração.



## **Resumo**

O presente documento visa retratar o estágio curricular decorrente do Mestrado em Design de Interiores e Mobiliário da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Deste modo, apresenta as suas características, contextualiza o seu local e, por fim, expõe a actividade desenvolvida durante este período.

No momento da caracterização, abordam-se, de modo breve e genérico, os modelos habitacionais predominantes na capital portuguesa entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. A crescente reabilitação do edificado habitacional lisboeta a par com a encomenda de projectos de design dos interiores e, sendo estas matérias do estágio, fomentou o seu estudo.

A contextualização local realiza-se através de uma breve síntese histórica e análise da conjuntura social e económica actual da cidade de Lisboa, assim como da apresentação da empresa de acolhimento e referência a outros três ateliers da capital.

Por fim, trata-se a actividade desenvolvida, que incidiu sobre a prática de design de interiores e possibilitou a participação em sete projectos distintos. A sua exposição estrutura-se de acordo com as fases projectuais nas quais se colaborou e tem como foco expor as tarefas realizadas pela aluna e a explicação das opções tomadas.

O estágio curricular proporcionou o primeiro contacto com a realidade laboral do design de interiores, particularmente do sector habitacional e resultou numa aprendizagem constante e estimulante.

## **Palavras-chave**

Design de interiores, estágio, habitação, projecto.



## **Abstract**

This document aims to depict the internship integrated on the Interior and Furniture Design Master of the School of Arts of the Polytechnic Institute of Castelo Branco.

In that sense, it presents its characteristics, contextualizes its place and, lastly, exposes the activity developed during this period.

Alongside its characterization, a brief and general approach is made to the predominant housing models in the Portuguese capital between the second half of the nineteenth century and the first half of the twentieth century. The growing rehabilitation of the Lisbon dwellings along with the commissioning of the interior design project, and being these subjects of the internship, encouraged its study.

The local contextualization is carried out through a brief historical synthesis and analysis of the current social and economic conjuncture of the city, as well as the presentation of the host company and reference to another three Lisbon-based studios.

Finally, the activity developed during the internship, which was based on the practice of interior design and provided collaboration on seven distinct projects. Its presentation is structured according to the project phases in which participated, focusing on the tasks done by the student and on the explanation of the decisions made.

The internship provided the first contact with the working reality of interior design, particularly in the housing sector and resulted in constant and stimulating learning.

## **Keywords**

Housing, interior design, internship, project.



# Índice geral

Relatório de estágio – Volume I	I
<i>Resumo e palavras-chave</i>	<i>IX</i>
<i>Abstract and keywords</i>	<i>XI</i>
<i>Índice geral</i>	<i>XIII</i>
<i>Índice de figuras</i>	<i>XV</i>
<i>Índice de tabelas e vídeos</i>	<i>XVII</i>
<i>Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos</i>	<i>XVIII</i>
<b>Capítulo I</b>	<b>1</b>
1. <i>Introdução</i>	3
1.1 Nota introdutória	3
1.2 Justificação	5
1.3 Objectivos	6
1.4 Questão da investigação	7
1.5 Factores críticos de sucesso e insucesso	8
1.6 Breve contextualização dos modelos habitacionais lisboetas entre a segunda metade do séc. XIX e a primeira metade do séc. XX	9
1.6.1 Habitação popular na segunda metade do século XIX	9
1.6.2 Habitação das classes média e alta na primeira metade do século XX	11
<b>Capítulo II</b>	<b>17</b>
2. <i>O local</i>	19
2.1 A cidade de Lisboa	19
2.1.1 Breve síntese histórica	19
2.1.1.1 Período Romano, Bárbaro e Muçulmano	19
2.1.1.2 Primeira Dinastia	20
2.1.1.3 Segunda e Terceira Dinastias	20
2.1.1.4 Depois do terramoto de 1755	20
2.1.1.5 Evolução pós-pombalina	22
2.1.1.6 Época Contemporânea	22
2.1.2 Breve contexto social e económico	24
2.1.2.1 <i>Boom</i> turístico e crise na habitação	26
2.2 O atelier Arkstudio	29
2.2.1 Apresentação	29
2.2.2 Outros ateliers de Lisboa	30
<b>Capítulo III</b>	<b>31</b>
3. <i>O estágio</i>	33
3.1 Metodologia de trabalho	34
3.2 Tarefas desenvolvidas	36
3.3 Cronograma de actividades	37

3.4	Projectos	38
3.4.1	Projecto 1	39
3.4.1.1	Programa base	39
3.4.1.2	Estudo prévio e Mobiliário	40
3.4.2	Projecto 2	45
3.4.2.1	Estudo prévio	45
3.4.2.2	Projecto de execução	49
3.4.3	Projecto 3	52
3.4.3.1	Estudo Prévio e Mobiliário	52
3.4.3.2	Acompanhamento de obra	57
3.4.3.3	Resultado final	58
3.4.4	Projecto 4	60
3.4.4.1	Estudo prévio	60
3.4.5	Projecto 5	65
3.4.5.1	Programa base	66
3.4.5.2	Estudo prévio e desenhos de execução	67
3.4.5.2	Resultado final	74
3.4.6	Projecto 6	75
3.4.6.1	Programa base	75
3.4.6.2	Estudo prévio	76
3.4.6.3	Projecto de execução	79
3.4.7	Projecto 7	82
3.4.7.1	Estudo prévio	83
<b>Capítulo IV</b>		<b>89</b>
4.	<i>Conclusão</i>	91
	<i>Bibliografia</i>	93
	<i>Webgrafia</i>	93

## Índice de figuras

Figura 1 — Bairro Grandella. Autor: Joshua Benoliel. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	10
Figura 2 — Exemplos de fogos gaioleiro <i>standard</i> . Fonte: Pereira (2016, p. 46).	13
Figura 3 — Exemplo de fogo rabo-de-bacalhau. Projecto da autoria do Arq. Pardal Monteiro. Fonte: Pereira (2016, p. 58).	14
Figura 4 — Exemplo de planta de piso de prédio de gaveto. Fonte: Appleton (2017, p. 19).	15
Figura 5 — Mapa histórico de Lisboa. Data: 1833. Fonte: La sociedad para la difusión de conocimiento útil (Gran Bretaña).	19
Figura 6 — Lisboa. Gravura de “Urbium Poecipuarum Mundi Theatrum Quintum” de Georgio Braunio. Ano: 1593.	21
Figura 7 — Projecto escolhido para a reconstrução de Lisboa após o Terramoto de 1755, 21	
Figura 8 — Antiga refinaria de Cabo Ruivo e actual Parque das Nações. Fonte: Coluna 'Ver para Crer', BEQ.	23
Figura 9 — População estrangeira residente no concelho de Lisboa. Ano: 2016. Fonte: INE.	24
Figura 10 — VAB e emprego por actividade económica na AML. Ano: 2015. Fonte: INE.	25
Figura 11 — Peso dos sectores na AML segundo o pessoal ao serviço. Ano: 2016. Fonte: CML/ DMEI.	26
Figura 12 — Evolução do nº de dormidas na região de Lisboa. Fonte: Turismo de Lisboa.	27
Figura 13 — Valor mediano das rendas por freguesias de Lisboa. Ano: 2017. Fonte: Jornal Público.	28
Figura 14 — Logótipo do atelier.	29
Figura 15 — Arq. Margarida Matias.	29
Figura 16 — Logótipo do B-L.	30
Figura 17 — Logótipo AnahoryAlmeida.	30
Figura 18 — Logótipo do DC.AD.	30
Figura 19 — Metodologia projectual de Bruno Munari.	34
Figura 20 — Levantamento fotográfico. Projecto 1. Fonte: Arkstudio.	39
Figura 21 — Plantas da proposta ilustradas. Projecto 1.	41
Figura 22 — Proposta aprovada da sala de jantar. Projecto 1.	43
Figura 23 — Proposta aprovada da sala de estar. Projecto 1.	43
Figura 24 — Proposta aprovada do quarto de visitas. Projecto 1.	44
Figura 25 — Proposta aprovada do anexo da cozinha. Projecto 1.	44
Figura 26 — Fotografias do alçado frontal e tardoz. Projecto 2. Fonte: Arkstudio.	45
Figura 27 — Caracterização do espaço - Opção 01. Projecto 2. Fonte: Arkstudio.	46
Figura 28 — Caracterização do espaço - Opção 02. Projecto 2. Fonte: Arkstudio.	46
Figura 29 — Perspectiva explodida. Projecto 2.	47
Figura 30 — Alçados da proposta. Projecto 2.	48
Figura 31 — Plantas da proposta. Projecto 2.	48
Figura 32 — Corte longitudinal da proposta. Projecto 2.	48
Figura 33 — Desenhos de execução da cozinha. Projecto 2.	50
Figura 34 — Desenhos de execução da instalação sanitária. Projecto 2.	51
Figura 35 — Levantamento fotográfico - sala de estar e refeições. Projecto 3. Fonte: Arkstudio.	52
Figura 36 — Planta <i>layout</i> de mobiliário. Projecto 3. Fonte: Arkstudio.	53
Figura 37 — Modelação 3D. Projecto 3.	54

Figura 38 — Imagens dos testes de cor – sala de reuniões e copa. Projecto 3.	54
Figura 39 — Apresentação da proposta final – gabinete da direcção. Projecto 3.	55
Figura 40 — Apresentação da proposta final – sala de reuniões 1/2. Projecto 3.	56
Figura 41 — Apresentação da proposta final – sala de reuniões 2/2. Projecto 3.	56
Figura 42 — Apresentação da proposta final – sala de estar e refeições. Projecto 3.	57
Figura 43 — Apresentação da proposta final – sala apoio ao cliente e marketing. Projecto 3.	57
Figura 44 — Fotografias do acompanhamento de obra. Projecto 3. Fonte: Arkstudio.	58
Figura 45 — Fotografias do resultado final. Projecto 3. Fonte: Arkstudio.	59
Figura 46 — Imagem aérea do terreno.	60
Figura 47 — Planta da implantação. Projecto 4. Fonte: Arkstudio.	62
Figura 48 — Caracterização do espaço interior. Projecto 4. Fonte: Arkstudio.	63
Figura 49 — Visualizações 3D do Piso 0. Projecto 4.	64
Figura 50 — Visualizações 3D do Piso 1. Projecto 4.	64
Figura 51 — Visualizações 3D do exterior. Projecto 4.	64
Figura 52 — Fotografia da fachada do edifício.	65
Figura 53 — Planta do Piso 1. Projecto 5. Fonte: Arkstudio.	65
Figura 54 — Planta do Piso 2. Projecto 5. Fonte: Arkstudio.	66
Figura 55 — Elementos do levantamento fotográfico. Projecto 5.	66
Figura 56 — Alçados do levantamento da lareira. Projecto 5.	68
Figura 57 — Estudos 3D da lareira. Projecto 5.	68
Figura 58 — Mosaico seleccionado para lareira. Projecto 5.	68
Figura 59 — Cortes do levantamento da sala de refeições. Projecto 5.	69
Figura 60 — Alçados da proposta da lareira. Projecto 5.	69
Figura 61 — Fotografia do móvel existente. Projecto 5.	69
Figura 62 — Visualização 3D da nova configuração do móvel. Projecto 5.	70
Figura 63 — Cortes da proposta da sala de refeições. Projecto 5.	70
Figura 64 — Desenhos do levantamento da instalação sanitária 01. Projecto 5.	71
Figura 65 — Materiais-base das I.S. Projecto 5.	71
Figura 66 — Desenhos da proposta da instalação sanitária 01. Projecto 5.	72
Figura 67 — Desenhos do levantamento da instalação sanitária 02. Projecto 5.	72
Figura 68 — Desenhos da proposta da instalação sanitária 02. Projecto 5.	73
Figura 69 — Fotografias do resultado final da I.S. 02. Projecto 5. Fonte: Arkstudio.	74
Figura 70 — Elementos do levantamento fotográfico. Projecto 6.	75
Figura 71 — Planta do levantamento. Projecto 6.	76
Figura 72 — Materiais-base propostos. Projecto 6.	77
Figura 73 — Planta da proposta. Projecto 6.	78
Figura 74 — Cortes da proposta. Projecto 6.	78
Figura 75 — Desenhos de execução da cozinha. Projecto 6.	79
Figura 76 — Desenhos de execução da I.S. Projecto 6.	80
Figura 77 — Desenho de execução do armário. Projecto 6.	81
Figura 78 — Planta Piso 0. Projecto 7. Fonte: Arkstudio.	82
Figura 79 — Visualização 3D do <i>hall</i> de entrada. Projecto 7.	84
Figura 80 — Visualizações 3D da cozinha - teste de cor 02. Projecto 7.	85
Figura 81 — Visualizações 3D da sala de jantar. Projecto 7.	86
Figura 82 — Visualizações 3D da sala de estar. Projecto 7.	88

## Índice de tabelas e vídeos

Tabela 1 — Metodologia projectual praticada pelo atelier.	35
Tabela 2 — Cronograma de actividades.	37
Vídeo 1 — Estudo de incidência solar - 21 de Junho.	61
Vídeo 2 — Estudo de incidência solar - 21 de Dezembro.	61

## **Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos**

AML – Área Metropolitana de Lisboa

Arq. – Arquitecto/a

CAD – Computer Aided Design, ou Desenho Assistido por Computador

CML – Câmara Municipal de Lisboa

DGEEC/MEC - Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, do Ministério da Educação e Ciência

DMEI – Direcção Municipal de Economia e Inovação

ESART – Escola Superior de Artes Aplicadas

FA/UL – Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

INE – Instituto Nacional de Estatística

IST/UL – Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa

IPCB – Instituto Politécnico de Castelo Branco

PIB – Produto Interno Bruto

RGCU – Regulamento Geral da Construção Urbana para a cidade de Lisboa

RGEU – Regulamento Geral das Edificações Urbanas

UCCLA – União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa

VAB – Valor Absoluto Bruto

## Capítulo I



# 1. Introdução

## 1.1 Nota introdutória

*"Because, I think, interiors are ultimately where we live, they are a lot more than pieces of furniture. They're really about interior life, how we live as human beings."*

Ilse Crawford<sup>1</sup>

*"To conceive a space, I listen to it, I analyse its constraints, its needs, and its context. This is how my studio functions; the human scale prevails. I often compare places to faces. I like providing a solution in order to define, with the client, how to work with all the energy that the space inspires."*

India Mahdavi<sup>2</sup>

Disciplina recente no nosso país, o design de interiores tem como actividade a criação de espaços. Espaços ocupados por pessoas. Ora, sejam casas, hospitais ou teatros, o seu âmagos será sempre o utilizador destes espaços. É o seu modo de habitar aplicado à função do espaço, as suas necessidades e a maneira como o experiencia, que conduzem o processo projectual a par com a estética e conceito definidos com o cliente e as condicionantes orçamentais e temporais.

O designer de interiores deve conhecer a História, observar a sociedade e explorar as tecnologias. Tratando-se de uma área multidisciplinar e dependente de tantas outras, o seu espírito comunicativo e proactivo revela-se tão importante como o conhecimento técnico e metodológico, a sensibilidade estética e social.

O projecto de design de interiores apropria-se da alma e da vida dos espaços, serve-se dos materiais, dos objectos, da luz, do som e da cor em prol da melhoria da qualidade de vida das pessoas.

---

<sup>1</sup> Ilse Crawford – designer, académica e directora criativa britânica contemporânea –, em entrevista ao Dezeen a 4 de Novembro de 2014.

<sup>2</sup> India Mahdavi – arquitecta e designer iraniano-francês contemporânea, citada no *site* do seu atelier.

O estágio curricular tem como objectivo principal proporcionar a primeira experiência no mercado de trabalho da área de estudos do aluno. Este deve procurar aplicar as competências desenvolvidas ao longo do seu percurso académico e explorar a actividade profissional.

O presente trabalho visa retratar o estágio curricular realizado no âmbito do Mestrado em Design de Interiores e Mobiliário da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Este encontra-se estruturado em quatro capítulos.

A introdução, que reúne a justificação, os objectivos, a questão da investigação e os factores de sucesso e insucesso do estágio curricular. Inclui ainda uma breve abordagem aos principais modelos habitacionais em Lisboa, entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, que encerra o capítulo.

O segundo concerne ao contexto local do estágio. Deste modo, aborda-se a cidade de Lisboa e o atelier Arkstudio. Relativamente à primeira, é apresentada uma breve síntese histórica, seguindo-se-lhe uma análise sucinta da conjuntura social e económica actual da capital. Na segunda parte, caracteriza-se a empresa de acolhimento e faz-se referência a outros três ateliers lisboetas de perfil semelhante.

No capítulo três, expõe-se a actividade desenvolvida durante este período. Assim, a descrição da metodologia de trabalho utilizada, a enumeração das tarefas realizadas, assim como o cronograma dos projectos, iniciam o capítulo. Seguidamente, abordam-se individualmente os sete projectos, tendo como foco as tarefas realizadas pela estagiária e a justificação das opções tomadas.

Por último, a conclusão, onde é feita uma análise retrospectiva destes seis meses.

## 1.2 Justificação

O plano de estudos do Mestrado em questão prevê a realização de um estágio curricular pelos alunos, numa entidade à sua escolha.

Posto isto, a aluna pesquisou vários ateliers de design de interiores em Lisboa, pois pretendia explorar esta área e residir nesta cidade. De seguida, seleccionou as empresas com as quais mais se identificou, relativamente ao portfólio, valores e objectivos, e contactou-as. Foi-lhe, então, proposto, por parte da directora do Arkstudio, estagiar à distância.

Dada a oportunidade de obter experiência profissional num atelier dinâmico, com projectos versáteis e centrados no cliente, de estilo contemporâneo com influências escandinavas e portuguesas, de, ainda assim, visitar pontualmente locais de obra, de observar e aprender com profissionais da área, a escolha da empresa recaiu sobre este atelier.

### **1.3 Objectivos**

O estágio curricular tem como objectivos primordiais proporcionar o primeiro contacto com a realidade laboral e a integração do aluno no mercado de trabalho da sua área de estudos, assim como a aplicação das competências adquiridas ao longo do seu percurso académico e a aquisição de novos conhecimentos.

Este visa, ainda, o desenvolvimento do conhecimento crítico e criativo do aluno, ao ser integrado em equipas e projectos distintos, da sua capacidade de adaptação e superação de desafios, ao lidar com metodologias de trabalho diferentes, indecisões dos clientes, prazos de entrega e limites orçamentais e, de igual modo, do seu espírito de equipa, ao trabalhar diariamente com outras pessoas em prol do sucesso dos projectos e, consequentemente, da empresa.

Por fim, a criação de contactos profissionais nas demais áreas inerentes à profissão revela-se uma mais valia para o futuro profissional do aluno.

## **1.4 Questão da investigação**

A aluna propôs-se a observar, aprender e praticar conhecimentos teóricos e práticos transversais à actividade de um designer de interiores, a aplicar diferentes metodologias, a contactar com clientes, fornecedores, empreiteiros e locais de obra.

Propôs-se, também, a executar todas as tarefas a si atribuídas com vista a apoiar o processo projectual e a equipa de trabalho, pesquisando e sugerindo soluções.

Em última análise, pretendeu ganhar experiência e autonomia enquanto designer de interiores.

## **1.5 Factores críticos de sucesso e insucesso**

A actividade durante o estágio desenvolveu-se de forma positiva graças ao empenho da estagiária, à disponibilidade da Arq. Margarida para esclarecer e orientar as diferentes tarefas e por incidir sobre projectos interessantes e motivadores.

Não obstante, o facto de ser realizado à distância gerou alguns aspectos menos positivos, entre os quais, falhas na transmissão e compreensão da informação, assim como não ser possível consultar livros, catálogos, amostras de materiais existentes no atelier, ou visitar fornecedores e locais de obra com tanta frequência. Também a pouca introdução a certos projectos se traduziu em dúvidas em fases posteriores.

## 1.6 Breve contextualização dos modelos habitacionais lisboetas entre a segunda metade do séc. XIX e a primeira metade do séc. XX

A crescente reabilitação do edificado habitacional a par com a encomenda de projectos de design dos seus interiores, pressupõe o conhecimento prévio do mesmo. Sendo estas actividades do atelier onde decorreu o estágio, e o assunto *per se* do interesse da aluna, propôs-se conhecer os modelos habitacionais predominantes em Lisboa.

Dada a vastidão do tema e tendo em conta o tempo previsto para a escrita deste subcapítulo, houve necessidade de balizar o mesmo. Deste modo, decidiu-se, tratar dois momentos e classes sociais distintos, de modo a ilustrar a dimensão do assunto global e, quem sabe, influenciar pesquisas diversificadas.

Assim, a transformação dos pátios e das vilas ocupados pela classe trabalhadora, tão característicos da capital portuguesa e que antecede o desenvolvimento da construção de edifícios de habitação plurifamiliar, foi um dos pontos escolhidos. À parte da moradia unifamiliar/palacete das famílias mais abastadas, foi o edifício de habitação colectiva promovido pelo sector privado (prédio de rendimento), que preencheu a malha residencial lisboeta ao longo da primeira metade do século XX. Por este motivo, e pretendendo agora um olhar sobre o espaço interior, seleccionaram-se, como segundo momento, os fogos destes prédios destinados às classes média e alta.

Deste modo, a presente contextualização inicia-se com uma breve abordagem à evolução da habitação popular durante a segunda metade do século XIX e, seguidamente, explora-se, de modo genérico, dois modelos habitacionais predominantes do prédio de rendimento das classes média e alta, na primeira metade do século XX, sob o ponto de vista da matriz morfológica e das transformações no modo de habitar da família portuguesa.

Este trabalho apoiou-se em quatro autores: Teixeira (1992), Acciaiuoli (2015), Pereira (2016) e Appleton (2017) e salvaguarda-se, logo à partida, de uma excessiva padronização dos modelos habitacionais aqui tratados.

### 1.6.1 Habitação popular na segunda metade do século XIX

Durante a segunda metade do século XIX, os pátios tornaram-se o modelo habitacional popular predominante em Lisboa. Estes têm a sua génese na ocupação, por parte das classes trabalhadoras, de edifícios devolutos nos bairros populares e de habitações rurais, próximos de zonas industriais.

Um pátio consiste numa área de geometria mais ou menos regular, localizada dentro de um quarteirão, constituída por pequenas casas construídas à volta de um espaço livre comum. Alguns deles eram consideravelmente amplos, outros mais estreitos, construídos em pequenas parcelas de terreno.

Graças ao desenvolvimento da economia e investimento imobiliário, os pátios desenvolveram-se e foram substituídos por outros tipos de habitação de baixo custo; sucederam-lhes as vilas, que, por sua vez, deram origem a edifícios de habitação colectiva.

A construção de vilas iniciou-se na década de 1870, por iniciativa de pequenos proprietários e industriais para alojar os seus operários. Estas, tendo a sua origem na matriz tradicional dos pátios, caracterizam-se por conjuntos de pequenos edifícios habitacionais dispostos em torno de um espaço livre comum, por norma uma rua privada. Algumas delas possuíam também creches, escolas e lojas.

As vilas constituíam uma forma de habitação mais urbana, de melhor qualidade e de rendas mais elevadas, sendo, também, ocupadas por famílias com baixos rendimentos das classes médias. A sua estrutura foi-se tornando gradualmente menos segregada e melhor articulada com a malha urbana da cidade, evoluindo para pequenos bairros plenamente integrados na cidade.



Figura 1 – Bairro Grandella. Autor: Joshua Benoliel. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.

No final do século, o sector privado aposta na construção de edifícios de habitação plurifamiliar para arrendamento à população trabalhadora e aos estratos mais baixos das classes médias. Estes eram construídos nas áreas circundantes das zonas industriais ou nas áreas de expansão da cidade, próximos de pátios e vilas, e mimetizavam morfologicamente os fogos das classes médias.

No início do século XX, a maioria da classe trabalhadora lisboeta residia já em apartamentos de prédios de rendimento explorados por construtores/proprietários privados.

A capital portuguesa tem uma longa tradição de habitação colectiva e os blocos de habitação operária construídos desde o final do século XIX fortificaram esta herança (Teixeira, 1992).

### 1.6.2 Habitação das classes média e alta na primeira metade do século XX

As classes média e alta lisboetas residiam, sobretudo, em apartamentos de prédios de rendimento.

O prédio de rendimento consiste num edifício de habitação colectiva em propriedade vertical, construído de raiz, para arrendamento a diferentes famílias. Com origem na antiguidade, este tornou-se, a partir do século XVIII, predominante na malha urbana de muitas cidades europeias.

A sua presença em Lisboa é anterior ao terramoto de 1755. Este era, à época, habitualmente constituído por fogos de três ou quatro compartimentos cuja matriz morfológica acompanhava a profundidade dos terrenos; não eram ainda atribuídas funções específicas às divisões “as refeições eram tomadas onde se pusesse uma mesa e ainda não havia corredores que assegurassem a privacidade dos compartimentos interiores” (Appleton, 2017: 12).

Durante a primeira metade do século XX, este era essencialmente explorado pelo sector privado. O prédio de rendimento foi alvo de várias transformações, fruto da (tardia) regulamentação do edificado, com a publicação, em 1930, do RGCU<sup>3</sup> e, em 1951, do RGEU<sup>4</sup>, da influência internacional, sobretudo francesa, da evolução da sociedade portuguesa e do seu modo de habitar, e por fim, dos próprios autores de projecto, os construtores e, mais tarde, os arquitectos.

Neste período, podem ser identificados dois modelos habitacionais predominantes na capital. Estes são o gaioleiro e o português suave ou rabo-de-bacalhau. De seguida, pretende-se identificar, de modo *standard*, as características morfológicas do espaço interior destes modelos referenciando, também, os seus prédios de gaveto.

O gaioleiro foi, de modo geral, construído entre o final do século XIX até à década de 30, nos bairros Camões, agora Conde de Redondo, Campo de Ourique, Estefânia, Almirante Reis/Anjos/Bairros das Colónias, Avenidas Novas e Rego para acomodar a burguesia lisboeta.

Os seus construtores (os gaioleiros<sup>5</sup> ou patos-bravos<sup>6</sup>), inspirados nos modelos habitacionais das classes mais altas de Lisboa do final do século XVIII e primeira

---

<sup>3</sup> RGCU – Regulamento Geral da Construção Urbana para a cidade de Lisboa.

<sup>4</sup> RGEU – Regulamento Geral das Edificações Urbanas.

<sup>5</sup> Gaioleiro – designação pejorativa atribuída aos construtores civis vindos de várias regiões do país que praticavam construção de má qualidade e especulativa.

<sup>6</sup> Pato-bravo – designação dada aos carpinteiros/construtores civis oriundo de Tomar no início do século XX.

metade do século XIX, adaptaram estes à estrutura da casa burguesa, um rectângulo estreito e comprido.

A distinção entre fachada e traseiras, evidenciada pela diferença de materiais aplicados e nível de ornamentação, a presença de duas portas, principal e de serviço, no alçado frontal e escadas de serviço e varandas ou marquises de ferro são, também, características da habitação burguesa. A diferenciação funcional fachada/traseiras prendia-se com o simbolismo da afirmação estatutária da primeira e com a utilização profana da segunda, território menor, destinado aos empregados, fornecedores, à mulher e às crianças.

A presença de saguão, pequeno pátio no interior do edifício destinado à iluminação e ventilação dos espaços centrais do fogo, é também um elemento identitário do modelo gaioleiro e formata o desenho da sua planta de piso, assemelhando-se a “I”.

Em relação à organização do espaço interior, esta é definida pela própria morfologia do lote, pela oposição dia/noite e pela “lógica burguesa de tripartição do espaço doméstico” (Pereira, 2016: 45). Esta consiste na divisão simbólica do fogo em três zonas – social/privada/serviço – agregando espacialmente as divisões que dividem a mesma função.

Os quartos, alvo de uma certa menorização estatutária, com excepção do quarto principal, representam a zona nocturna e privada da casa e situam-se no centro da casa, juntamente com as instalações sanitárias.

A zona social, localizada na frente da habitação, é composta por saleta ou escritório, espaço masculino, uma ou mais salas, espaço de representação familiar e quarto principal com acesso directo ao *toilette*, espaço feminino. Neste modelo habitacional o quarto principal mantém-se na zona social, por ser considerado um local de recepção; este facto denota uma tripartição inacabada do espaço. A divisão masculina possuía uma entrada independente da casa, o que possibilitava uma miscigenação entre casa e trabalho (ou a sua sublocação, prática comum deste século); já o *toilette* era exclusivamente destinado à mulher, factos que evidenciam a individualização e separação sexual dos espaços.

Nas traseiras, situava-se então a zona de serviço. Esta continha a cozinha (nalguns casos acrescida de uma copa), espaço feminino, sala de jantar e varanda ou marquise; representava o lado informal e funcional da família burguesa.

Na Figura 2 apresentam-se duas plantas de fogos gaioleiros.

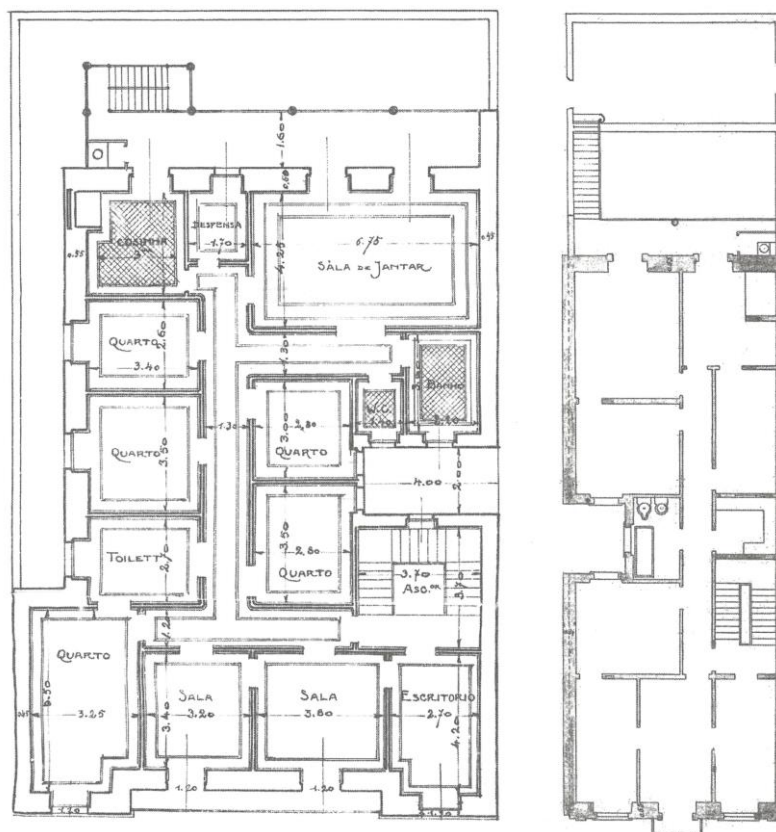


Figura 2 – Exemplos de fogos gaioleiro *standard*. Fonte: Pereira (2016, p. 46).

Já o modelo habitacional nacionalista, pejorativamente designado de português suave, baseia-se nos antigos modelos joanino e pombalino, incorpora a regulamentação publicada pelo Estado Novo e influencia-se, não raras vezes, na burguesia parisiense do início do século XX.

Este é destinado às classes média e alta do regime e construído nas áreas residenciais mais valorizadas da época, entre elas, Areeiro, Praça de Londres, António Augusto Aguiar e Sidónio Pais, Guerra Junqueiro, Alameda e Avenida de Roma.

Em relação ao exterior, este caracteriza-se pela verticalidade dos torreões piramidais de topo e pela materialidade da pedra. Uma entrada principal algo imponente, ornamentada com elementos escultóricos e uma escadaria em pedra, a introdução do “piso nobre”, varanda abalaustrada no primeiro piso (Pereira, 2016: 55), a permanente distinção fachada/traseiras, a deslocalização da porta de serviço para as traseiras assim como, nalguns casos, a integração da escada de serviço no interior do prédio, são também elementos identificativos do português suave.

Este modelo pode também ser designado de rabo-de-bacalhau, a propósito da sua planta em forma de “T”, que se prende com a necessidade de aumentar a área livre do alçado tardoz face às novas medidas regulamentares.

A configuração padronizada do interior do modelo estado-novista assenta num completar da tripartição burguesa. Este prevê a arrumação espacial final das três funções da casa, com a quase inversão entre sala de jantar e do quarto principal.

A mudança do quarto principal para a divisão mais periférica do fogo, assim como o gradual desaparecimento do *toilette* e a integração de instalações sanitárias, encerra a zona privada da casa, praticamente autónoma.

Por sua vez, a deslocalização do espaço de maior intimidade familiar para a fachada principal, para o contacto com o exterior, compõe a área social das elites do Estado Novo. Neste modelo surge o *hall*, espaço de recepção e de transição entre público e privado e apenas um dos dois escritórios do piso possui entrada independente.

O desenvolvimento da zona dos serviços reforça a segregação deste espaço, assim como a hierarquização e distinção social e sexual no interior da habitação. A esta zona é acrescentada uma copa, um quarto com ligação directa à cozinha e respectiva instalação sanitária, um espaço destinado aos fornecedores e, nalguns casos, outro para a realização de tarefas domésticas específicas, como o tratamento da roupa (Acciaiuoli, 2015; Pereira, 2016).

Na Figura 3 pode observar-se um exemplar do modelo habitacional nacionalista, projecto da autoria do Arq. Pardal Monteiro.

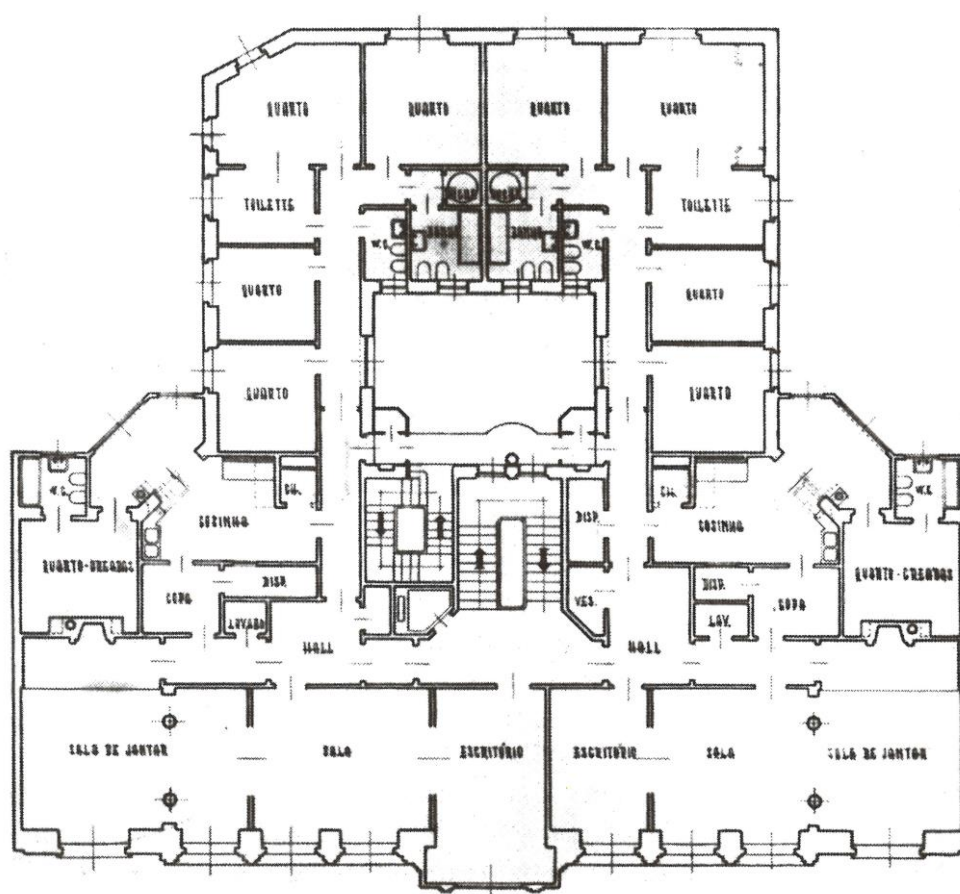


Figura 3 – Exemplo de fogo rabo-de-bacalhau. Projecto da autoria do Arq. Pardal Monteiro. Fonte: Pereira (2016, p. 58).

Do mesmo modo, os prédios de gaveto de ambos os períodos, sofreram transformações e procuraram igualmente maximizar a área livre das fachadas e dos logradouros.

Nas primeiras décadas deste século começaram a surgir plantas de piso de prédios de gaveto com uma divisão simétrica segundo uma bissectriz, que garantia uma maior igualdade e qualidade dos fogos. Esta tendência desenvolve-se ao longo do primeiro quartel e a adopção da matriz morfológica em “T” originou os grandes prédios com logradouros amplos e interiores luminosos e salubres que encontramos hoje, por exemplo, na Av. da República e na Av. Almirante Reis.

Nestes fogos, a circulação é feita por corredores paralelos às fachadas. Ao longo da primeira metade do século XX, verificou-se um declínio do sistema de passagem entre divisões, substituídos pelos corredores. Porém, alguns edifícios do período português suave recuperaram o sistema de enfiada de vãos entre compartimentos, especialmente na área social, de modo a unir e ampliar os espaços (Appleton, 2017).

Na Figura 4 encontra-se um exemplo de uma planta de piso de um prédio de gaveto.

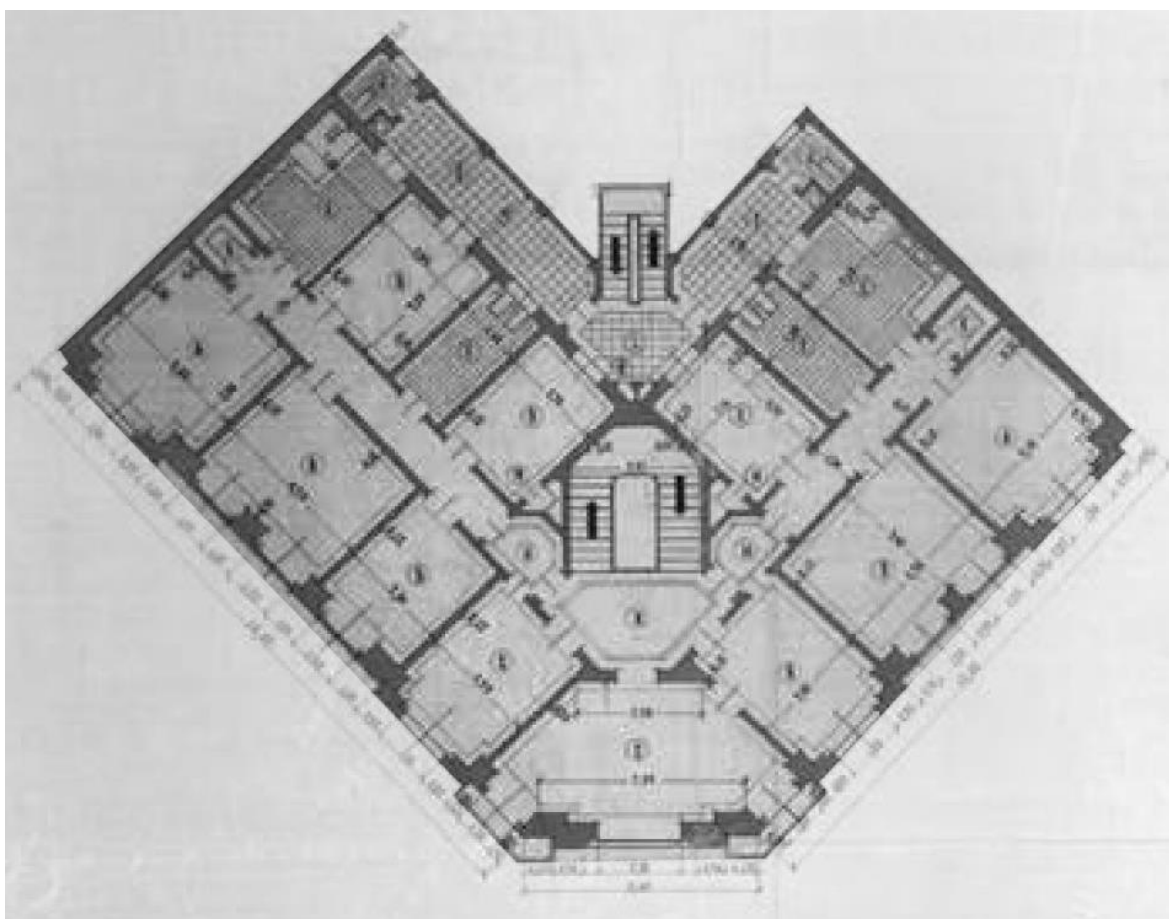


Figura 4 – Exemplo de planta de piso de prédio de gaveto. Fonte: Appleton (2017, p. 19).



## Capítulo II



## 2. O local

O presente capítulo visa ilustrar o contexto local do estágio. Deste modo, caracteriza-se Lisboa, cidade que acolhe o atelier, através de uma breve síntese da sua História e da análise da sua situação social e económica actual. De seguida, apresenta-se a empresa de acolhimento e a referência a outros três ateliers de perfil similar encerra o capítulo.

Para a sua escrita foram consultados os sites da CML, do Museu de Lisboa e da UCCLA, assim como artigos pertinentes, disponíveis online, do Diário de Notícias, Público e Jornal de Negócios.

### 2.1 A cidade de Lisboa

#### 2.1.1 Breve síntese histórica

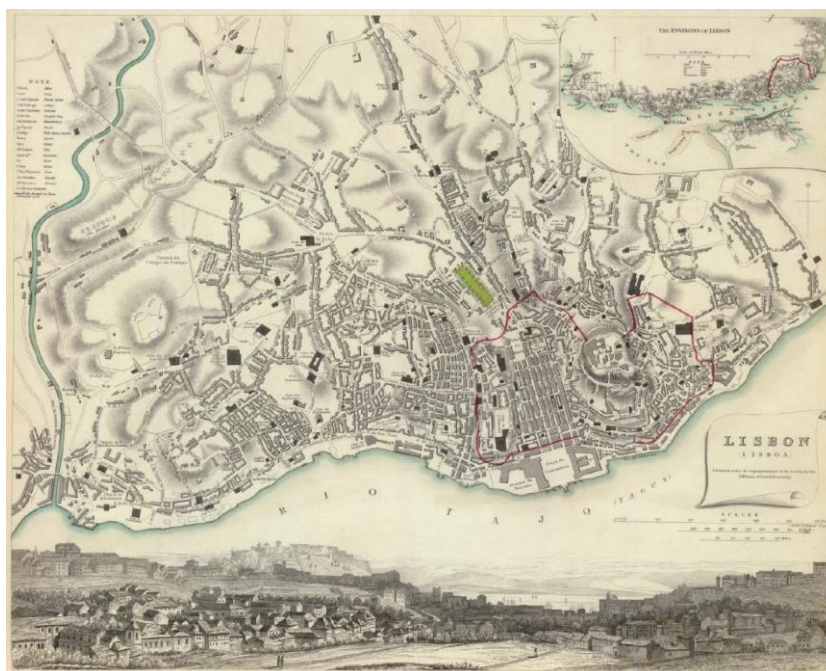


Figura 5 – Mapa histórico de Lisboa. Data: 1833. Fonte: La sociedad para la difusión de conocimiento útil (Gran Bretaña).

##### 2.1.1.1 Período Romano, Bárbaro e Muçulmano

Lisboa tem a sua génese numa citânia<sup>7</sup> pré-histórica situada a norte do actual castelo de S. Jorge.

Durante a Lusitânia Romana, é uma das cidades mais importantes, de nome *Olisipo*. Esta caracteriza-se essencialmente pela existência de um núcleo de população

---

<sup>7</sup> Citânia – povoação fortificada pré-romana localizada na Península Ibérica.

defendida pelo exército, cujos arrabaldes, iam sendo ocupados por famílias de agricultores.

Após as sucessivas invasões dos povos germanos (visigodos e suevos) em 500 d.C., dos árabes em 700 d.C. e durante a Reconquista Cristã, a cidade muçulmana transforma-se no mais opulento centro comercial de toda a África e parte da Europa.

#### **2.1.1.2 Primeira Dinastia**

A 24 de Outubro de 1147, D. Afonso Henriques reconquista a cidade. Com a participação cristã, dá-se a expansão de Lisboa para além das suas muralhas, inserindo dois dos seus arrabaldes na cidade, a Baixa e Alfama.

Entre 1373 e 1375 é criada uma nova muralha – “Cerca Nova” ou “Cerca Fernandina” –, sob o reinado de D. Fernando I, perante as ameaças invasoras de Castela.

É durante a 1ª Dinastia que a corte se instala de forma definitiva na capital do Reino e que se estabelecem as bases da expansão marítima de Portugal.

O País mantém o estatuto de núcleo de um dos mais importantes sistemas de trocas comerciais do mundo.

#### **2.1.1.3 Segunda e Terceira Dinastias**

Em 1400, D. João I manda construir a primeira urbanização na colina do Carmo.

Em 1500, a corte de D. Manuel I abandona o castelo e fixa-se no Terreiro do Paço, onde passou a centrar-se toda a actividade comercial.

Também nesta altura é construído o primeiro loteamento da cidade, no Bairro Alto. Com isto, Lisboa começa a ganhar uma consciência urbanística e arquitectónica.

A Restauração da Independência em 1640 e as riquezas vindas do Brasil propiciam uma época de grande ostentação em Lisboa.

#### **2.1.1.4 Depois do terramoto de 1755**

A 1 de Novembro de 1755 um terramoto e sucessivo incêndio, devastam dois terços da malha urbana e cerca de três mil casas de Lisboa. As zonas devastadas incluem a Baixa, os bairros do castelo e o Carmo.

Este acontecimento proporciona a reconstrução da cidade Baixa, promovida e orientada pelo secretário de Estado do Reino, Marquês de Pombal e pelos arquitectos e engenheiros Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel. O novo plano urbano segue regras fixas, como a simetria dos traçados de eixos de composição, e as opções arquitectónicas são assentes em regulamentos de construção, tendo em conta

conhecimentos anti-sísmicos. É, igualmente, introduzido um sistema de saneamento de esgotos e de prevenção de risco de incêndio.

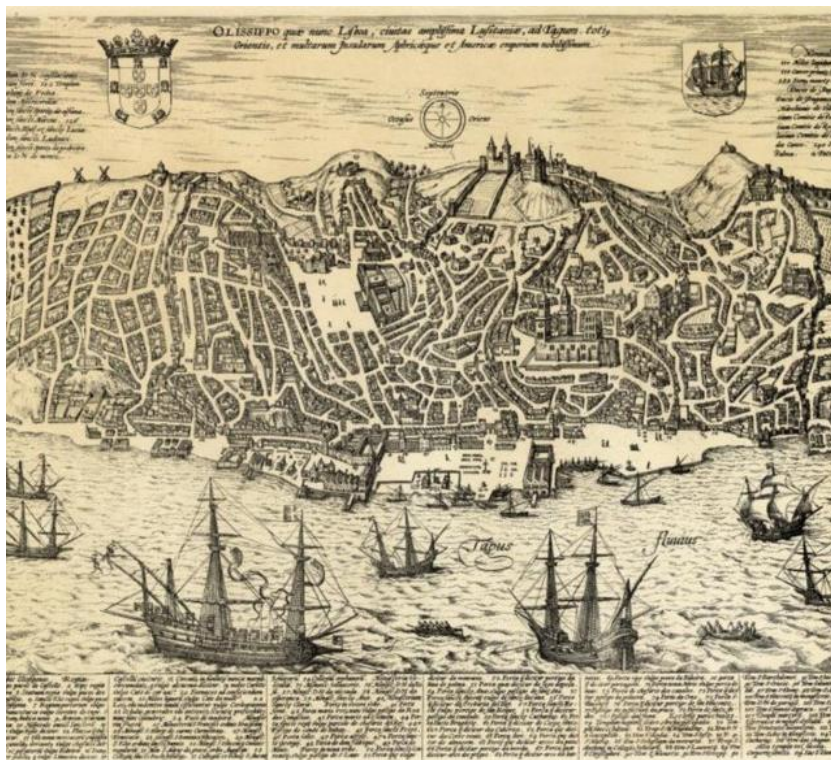


Figura 6 – Lisboa. Gravura de “Urbium Poecipuarum Mundi Theatrum Quintum” de Georgio Braunio. Ano: 1593.

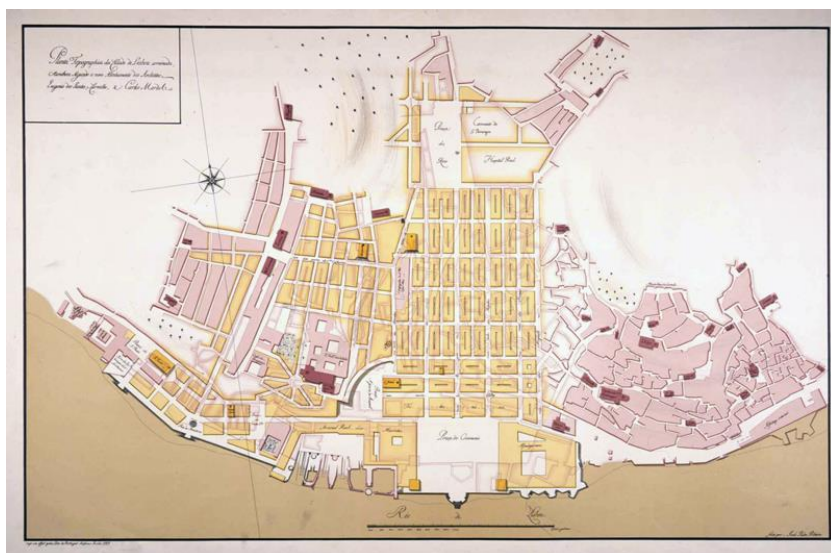


Figura 7 – Projecto escolhido para a reconstrução de Lisboa após o Terramoto de 1755, da autoria dos arquitectos Eugénio dos Santos Carvalho e Carlos Mardel. Ano: 1758. Fonte: Museu de Lisboa.

Em 1764, é inaugurado o Passeio Público, actualmente Avenida da Liberdade, como zona de recreio da burguesia.

Em 1780 surge a iluminação pública das ruas e, em 1801, estas passam a ter o seu nome afixado.

Em 1807 a cidade é tomada pelas tropas napoleónicas, sendo, um ano depois, reconquistada pelo Duque de Wellington.

### 2.1.1.5 Evolução pós-pombalina

Após a vitória do Liberalismo, em 1820, a imponência das obras arquitectónicas é notória nos edifícios públicos, como é o caso da Basílica da Estrela, da Ópera de S. Carlos e do Palácio da Ajuda.

O Teatro Nacional D. Maria II é construído, entre 1843 e 1846, em pleno Rossio Pombalino, com características neoclássicas<sup>8</sup>. Denuncia-se, desse modo, o desejo de uma renovação e de novos estilos estéticos.

Surge também um espírito naturalista, com a criação dos jardins de S. Pedro de Alcântara, da Estrela e do Príncipe Real, assim como a plantação de árvores no Rossio.

O Passeio Público é atravessado por uma grande avenida e um novo eixo de desenvolvimento segue-se a esta. A criação da Rua Fontes Pereira de Melo permite a ampliação e planificação de toda a malha urbana desde o Parque da Liberdade, hoje Parque Eduardo VII, até ao Campo Grande.

Posteriormente, são inauguradas as Avenidas Novas, que mimetizam o estilo dos *boulevards*<sup>9</sup> de Paris.

### 2.1.1.6 Época Contemporânea

No período posterior à 1ª Grande Guerra, a Avenida da Liberdade estabelece-se como eixo principal de Lisboa, preenchem-se as restantes malhas entre avenidas e adopta-se o estilo internacional Arte Nova<sup>10</sup>, no Teatro Tivoli do Arq. Raúl Lino, no Cineteatro Éden e no Hotel Vitória, actual sede do Partido Comunista Português, ambos do Arq. Cassiano Branco. Surgem novos bairros de prédios de rendimento com logradouros ajardinados, destinados à classe média.

A partir dos anos 30, o arquitecto começa, finalmente, a ter uma maior presença no edificado lisboeta.

Em 1932, António de Oliveira Salazar sobe ao poder, antecedendo os 41 anos do Estado Novo.

Na década de 40, dois novos bairros – Encarnação e Alvalade – são construídos e, já nos anos 50 e 60, respectivamente, surgem as urbanizações dos Olivais e de Chelas, sob

---

<sup>8</sup> Neoclássico – movimento artístico do séc. XVIII que reviveu os princípios estéticos da antiguidade clássica.

<sup>9</sup> Boulevard – ou alameda; termo francês que designa uma via urbana larga ladeada de árvores.

<sup>10</sup> Arte Nova – movimento artístico do séc. XIX que se regia pela originalidade, qualidade e por um regresso à natureza e ao artesanato.

influência das directrizes da Carta de Atenas<sup>11</sup>.

Durante estes anos, Lisboa sofre um grande crescimento demográfico, fruto do êxodo rural, dos exilados durante a 2ª Guerra e do fenómeno dos retornados.

Esta época é caracterizada pelo edificado de grandes blocos habitacionais, divididos por espaços verdes, procurando melhor arejamento e maior exposição solar, seguindo modelos utilizados noutros países europeus.

Em 1986, Portugal entra na União Europeia. Dois anos depois, um grande incêndio assola o bairro do Chiado e, em 1998, a capital portuguesa recebe a Exposição Mundial que reconfigura a malha urbana.



**Figura 8** – Antiga refinaria de Cabo Ruivo e actual Parque das Nações. Fonte: Coluna 'Ver para Crer', BEQ.

---

<sup>11</sup> Carta de Atenas – manifesto urbanístico resultante do IV Congresso Internacional de Arquitectura Moderna realizado em Atenas em 1933.

### 2.1.2 Breve contexto social e económico

Capital e a maior cidade de Portugal, Lisboa é também o centro de uma área metropolitana com mais de 2,8 milhões de habitantes. A cidade encontra-se dividida em 24 freguesias e a AML é composta por 18 municípios.

Lisboa é o segundo centro financeiro e económico da Península Ibérica, mantém um dos portos mais activos da Europa e grandes complexos industriais de refinarias de petróleo, têxteis, estaleiros, siderurgia e pescas. Está localizada na margem norte do estuário do Tejo e faz ligação à margem sul através da ponte 25 de Abril (ponte suspensa rodoviária e ferroviária que liga a capital a Almada) e da ponte Vasco da Gama (ponte estaiada que liga Lisboa e Sacavém ao Montijo e a Alcochete), actualmente a mais longa da Europa Ocidental.

A capital portuguesa reúne as principais estruturas do poder político e os centros de decisão económica do país e sedes de organismos internacionais de relevo. Possui três universidades públicas e diversos institutos, escolas superiores e universidades privadas. No campo científico, acolhe organizações públicas e privadas de referência internacional dedicadas à investigação, como a Fundação Champalimaud<sup>12</sup>. Tem uma vida cultural forte e diversificada e é palco de eventos de relevo internacional, como é o caso da Web Summit<sup>13</sup>. Com crescente presença nos *rankings* de visibilidade global e vários prémios no sector do turismo, apresenta-se, actualmente, como uma cidade dinâmica, empreendedora e eminentemente cosmopolita.

Em 2016, a população residente ascendia aos 504 mil habitantes, verificando-se um aumento diário de mais de 70% no número dos seus utilizadores, fruto dos movimentos pendulares casa-escola e casa-trabalho. Cerca de 10% da população

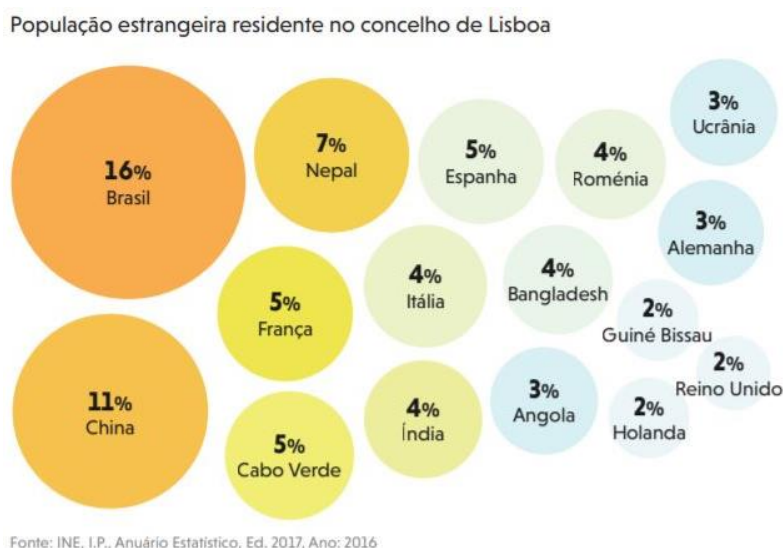


Figura 9 – População estrangeira residente no concelho de Lisboa. Ano: 2016. Fonte: INE.

<sup>12</sup> Fundação Champalimaud – fundação portuguesa sem fins lucrativos dedicada ao desenvolvimento de programas avançados de investigação biomédica e à prestação interdisciplinar de cuidados clínicos.

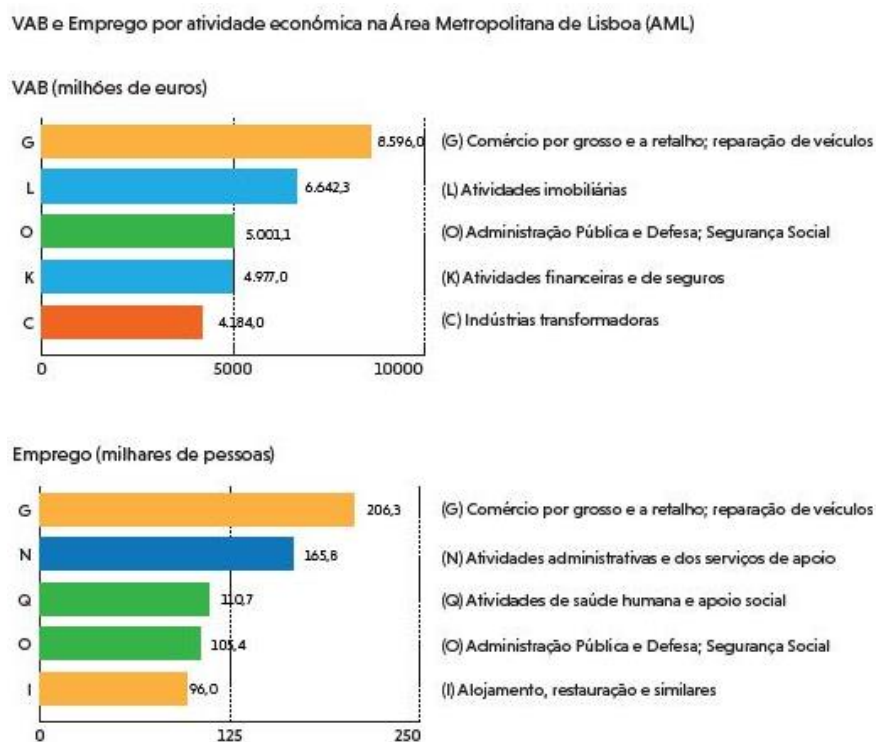
<sup>13</sup> Web Summit – conferência mundial de tecnologias realizada anualmente.

residente corresponde a população estrangeira. Na Figura 9 pode observar-se a proporção das várias nacionalidades estrangeiras residentes (INE, 2016).

Na AML, 36% da sua população residente possui qualificação académica superior. Esta reúne 27% da população activa do país, cerca de 27% da população empregada e 29% da população desempregada. Em 2017, o ganho médio mensal nesta área rondava os €1380 (INE, 2016).

No ano lectivo de 2016/2017, estiveram matriculados mais de 137 mil estudantes no ensino superior na região. O número de estudantes de nacionalidade estrangeira tem crescido exponencialmente desde 2010/2011, ultrapassando agora os 18 mil alunos (DGEEC/MEC, 2016/17).

A área metropolitana de Lisboa representa 36% do PIB nacional e 29% do emprego, espelhando uma produtividade aparente do trabalho 1,25 vezes superior face ao resto do País. O comércio, transportes e alojamento representam 28% do emprego da AML, seguidos dos serviços sociais e pessoais com 23%. Já o valor acrescentado bruto tem a sua maior fatia nos serviços mercantis (27%), seguidos do comércio, transportes e alojamento (INE, 2015). De seguida, na Figura 10, podem observar-se o VAB, por milhões de euros, e o emprego, por milhões de pessoas, nas diferentes actividades económicas.



Fonte: INE, I.P., Anuário Estatístico, Ed. 2017, Ano: 2015

Figura 10 – VAB e emprego por actividade económica na AML. Ano: 2015. Fonte: INE.

A Figura 11 apresenta o peso dos sectores de referência e dos sectores estratégicos na AML, segundo o pessoal ao serviço, no ano de 2016.

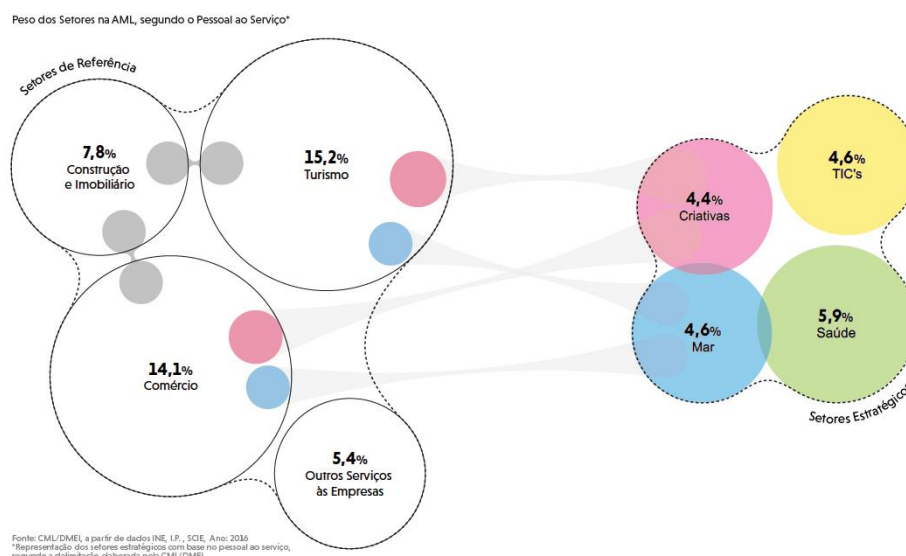


Figura 11 – Peso dos sectores na AML segundo o pessoal ao serviço. Ano: 2016. Fonte: CML/ DMEI.

A região reúne um número considerável de empresas de tecnologia e inovação e acolhe mais de 323 mil empresas de todos os sectores. Vários municípios possuem actualmente medidas promotoras de investimento estrangeiro e acolhem diversas empresas multinacionais, destacando-se entre estas os sectores das tecnologias de informação e os serviços de saúde e bem-estar (INE, 2017). O centro de operações da Google<sup>14</sup> no Lagoas Park<sup>15</sup> ilustra esta situação.

### 2.1.2.1 Boom turístico e crise na habitação

Nas últimas duas décadas do séc. XX, Lisboa registou uma acentuada queda demográfica e assistiu a uma pauperização popular do centro da cidade, resultante do êxodo urbano e da especulação imobiliária associada às cargas fiscais sobre os imóveis. Viu-se, por isso, ser transformada numa cidade de imóveis devolutos e degradados.

A partir do ano de 2009, em plena crise económica portuguesa, Lisboa tornou-se popular enquanto destino turístico e verificou-se uma evolução favorável no número de hóspedes na cidade. Só no ano de 2016, a AML recebeu mais de 6,2 milhões de hóspedes, sendo que mais de 70% destes provieram de Espanha, França, Brasil, Alemanha, Reino Unido e Estados Unidos da América (INE, 2016). Na Figura 12 pode verificar-se a evolução do número de dormidas na região de Lisboa entre 2008 e 2016.

<sup>14</sup> Google – empresa multinacional americana de serviços *online* e *software* fundada em 1998 por Larry Page e Sergey Brin,

<sup>15</sup> Lagoas Park – parque empresarial situado em Oeiras, integrado no programa “Oeiras Valley”.



Figura 12 – Evolução do nº de dormidas na região de Lisboa. Fonte: Turismo de Lisboa.

Consequentemente, nos anos seguintes, nomeadamente a partir de 2013, observa-se uma revitalização do centro urbano lisboeta, tanto graças ao movimento gerado pelos turistas como à aposta na reabilitação do edificado comercial e habitacional, outrora devolutos e degradados. Esta aposta provém sobretudo do investimento estrangeiro no mercado imobiliário, da necessidade do sector do turismo em dar resposta ao rápido e crescente número de dormidas na região, através do alojamento local e de novos hotéis.

Estes dois cenários aliados à legislação municipal relativa ao imobiliário, ou falta dela, geraram uma nova crise na habitação.

Se por um lado edifícios inteiros do centro histórico são reabilitados a fim de serem explorados para arrendamento a curto prazo, em detrimento do arrendamento tradicional, por outro lado o forte investimento estrangeiro gerou uma crescente especulação no sector.

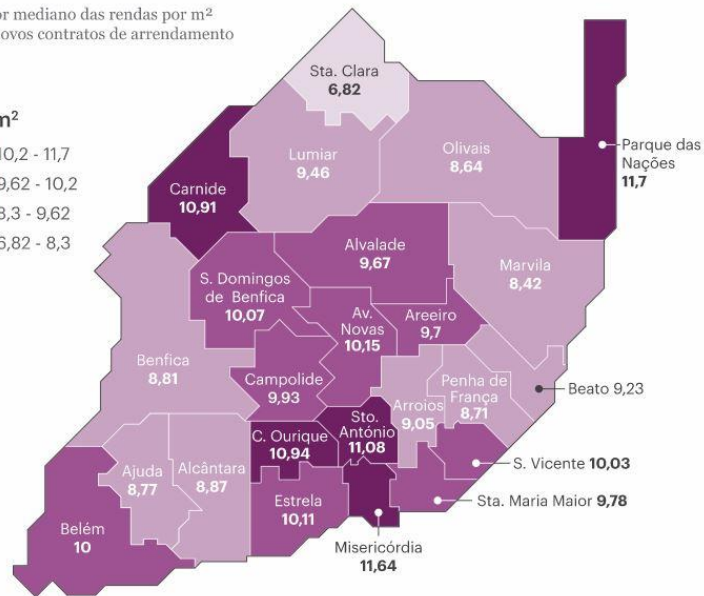
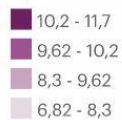
Em 2017, o município de Lisboa apresentou o valor mediano de renda de alojamento familiar mais alto do país – 9,62 €/m<sup>2</sup> –, praticamente o dobro da mediana nacional. Na Figura 13 podem ser observados o valor mediano das rendas por m<sup>2</sup> de novos contractos por freguesia.

A sobrevalorização do valor das rendas e do preço das habitações tornou-se incomportável para o cidadão comum português, impedindo este de comprar ou arrendar casa na capital e obrigando os que nela habitavam a mudar-se para os municípios periféricos.

### Lisboa: Parque das Nações e Misericórdia são as mais caras

Valor mediano das rendas por m<sup>2</sup> de novos contratos de arrendamento

€/m<sup>2</sup>



Fonte: INE, I.P., Estatísticas de rendas da habitação ao nível local

PÚBLICO

Figura 13 – Valor mediano das rendas por freguesias de Lisboa. Ano: 2017. Fonte: Jornal Público.

## 2.2 O atelier Arkstudio

### 2.2.1 Apresentação

# ARKSTUDIO

Figura 14 – Logótipo do atelier.

O Arkstudio foi fundado em 2013 pela Arq. Margarida Matias, na cidade de Lisboa e apresenta-se como uma plataforma multidisciplinar que combina arquitectura, design de interiores, *styling* e fotografia.

Este trata-se de uma empresa de prestação de serviços de arquitectura, reabilitação de edifícios, design de interiores, *styling* e fotografia disponibilizando-os através de consultoria, elaboração de projecto, acompanhamento de obra e montagem final.



Figura 15 – Arq. Margarida Matias.

O atelier tem como mote a criação de ambientes distintos baseados em ideias inovadoras que priorizem o bem-estar dos seus utilizadores, aliando funcionalidade e estética e elementos tradicionais portugueses com o depurado estilo nórdico.

É constituído pela sua directora, que conta com a colaboração de estagiários e de outros profissionais da área, consoante a natureza e necessidades do projecto.

O seu portfólio reúne projectos de carácter habitacional e comercial, localizados maioritariamente na área Metropolitana de Lisboa, mas também na região do Alentejo, e os seus clientes são, sobretudo, particulares, adultos entre os 30 e 50 anos ou jovens empresários, tanto nacionais como estrangeiros.

Conta, actualmente, com a distinção enquanto finalista do Prémio Pádua Ramos do Ano do Design Português, em 2015, duas nomeações para o Prémio Anual Architizer A+Awards e com grande destaque nos *media* da área com o projecto de design de interiores do Restaurante Prado e Mercearia Prado, situados em Alfama, Lisboa.

## 2.2.2 Outros ateliers de Lisboa

A crescente aposta na reabilitação do edificado e nos sectores do comércio, serviços e restauração de uma Lisboa cosmopolita e dinâmica, tem impulsionado a actividade de vários ateliers sediados na cidade, de perfil semelhante ao Arkstudio.

De seguida, destacam-se três deles.

BL DESIGN  
ARQUITECTURA  
INTERIORES

Figura 16 – Logótipo do B-L.



Figura 17 – Logótipo AnahoryAlmeida.

DC.AD

Figura 18 – Logótipo do DC.AD.

O primeiro, B-L design e arquitectura de interiores, foi fundado em 2007 por Cecília Banito e Pedro Lourenço e trata-se de uma empresa de arquitectura de interiores, design, consultoria e decoração. Este é especializado em projectos de remodelação e reabilitação, residencial e comercial, sobretudo na área metropolitana de Lisboa e no Alentejo.

[www.b-l.pt](http://www.b-l.pt)

Já AnahoryAlmeida, um atelier de concepção e criação de projectos de arquitectura, design de interiores e mobiliário, tem como foco projectos de design de interiores no campo da restauração e hotelaria. Foi criado em 2011 em Lisboa por Ana Anahory e Felipa Almeida. No seu portfólio encontram-se vários dos restaurantes do *chef* José Avillez.

<http://www.anahoryalmeida.com/>

Por último, o estúdio DC.AD, Duarte Caldas Arquitectura e Design, sediado em Lisboa e criado em 2014, centra a sua actividade no desenvolvimento de projectos de arquitectura com especial atenção ao design de interiores, mobiliário e iluminação. Os seus projectos englobam espaços residenciais, comerciais e hospitalares.

<http://dc-ad.com/>

## Capítulo III



### **3. O estágio**

O presente capítulo visa retratar a actividade desenvolvida durante o estágio. Este inicia-se com a descrição da metodologia de trabalho utilizada, assim como a enumeração das diferentes tarefas por mim realizadas. Em seguida, pode observar-se o cronograma correspondente a este período e, por fim, a apresentação de cada um dos sete projectos.

A oportunidade de estagiar neste atelier surgiu após ter contactado o mesmo que, para tal, estabeleceu o protocolo necessário para o efeito com a Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

O estágio decorreu durante seis meses, com início a 1 de Setembro de 2017 e término a 2 de Março de 2018. Foi realizado à distância, encontrando-me em Castelo Branco e o Arkstudio, por sua vez, situa-se em Lisboa. Este facto ocorreu por sugestão da directora da empresa e resultou numa adaptação de ambas as partes a este, cada vez mais recorrente, modo de emprego.

### 3.1 Metodologia de trabalho

O estágio realizou-se à distância, de 2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> feira, com horário de trabalho entre as 9:30h-13h e as 14h-18:30h.

Para tal, utilizei o meu computador pessoal, a partir de casa ou de outro local apropriado com ligação à internet. A comunicação era estabelecida através do software Skype<sup>16</sup>, via e-mail ou chamadas telefónicas, e as pastas dos projectos eram armazenadas e partilhadas na ferramenta Dropbox<sup>17</sup>. Esta comunicação era constante durante o período laboral. No decorrer do estágio, desloquei-me por três vezes a Lisboa, a fim de receber informações relativas a *briefings* e realizar os levantamentos métrico e fotográfico de dois projectos.

As tarefas desenvolvidas foram orientadas e coordenadas pela directora da empresa, a Arq. Margarida Matias, tendo estas integrado diferentes fases projectuais ou resultado numa participação pontual no projecto.

Relativamente à metodologia de projecto, ao analisarmos a apresentada por Bruno Munari<sup>18</sup> no livro “Das coisas nascem coisas”, presente na Figura 19, e aquela utilizada pelo atelier durante o meu estágio, na Tabela 1, podemos verificar que existem pontos coincidentes entre as mesmas.

Quanto à metodologia posta em prática no atelier, não sendo este um processo estático, as suas fases eram, muitas vezes, adaptadas ou suprimidas, em função das necessidades e requisitos de cada projecto.



Figura 19 – Metodologia projectual de Bruno Munari.

<sup>16</sup> Skype – software desenvolvido pela Microsoft utilizado para comunicar via online através de texto, voz, vídeo e partilha de ecrã.

<sup>17</sup> Dropbox – serviço de “nuvem” para hospedagem e partilha de ficheiros desenvolvido pela Dropbox Inc.

<sup>18</sup> Bruno Munari – artista, designer, teórico e escritor italiano (1907-1998).

Tabela 1 – Metodologia projectual praticada pelo atelier.

Programa base
Estudo Prévio
Pedido de licenciamento
Projecto de execução
Mobiliário
Acompanhamento de obra
Resultado final

### 3.2 Tarefas desenvolvidas

Durante este período, desenvolvi tarefas diversificadas integradas nas fases projectuais de programa base, estudo prévio, projecto de execução e mobiliário.

Estas compreenderam o *briefing* com clientes, o levantamento métrico à mão levantada e o registo fotográfico de espaços a intervir.

A minha colaboração estendeu-se ao apoio na definição de conceitos e caracterização do projecto a ser desenvolvido, na pesquisa e selecção de materiais-base e paletas de cores e no desenvolvimento de diversas peças gráficas de comunicação da proposta, como plantas ilustradas, perspectivas, fotomontagens e a concepção de imagens 3D renderizadas. Realizei, ainda, estudos de incidência solar em vídeo.

Já relativamente ao desenho 2D, elaborei desenhos técnicos do levantamento, das propostas e das respectivas alterações, assim como, do projecto de execução de diferentes projectos.

Por último, pesquisei materiais, equipamentos e mobiliário, contactei marcas e fornecedores, com o intuito de requerer orçamentos ou informações, e produzi mapas de mobiliário.

O acompanhamento de obra e o resultado final de certos projectos foram depreendidos através de fotografias.

### 3.3 Cronograma de actividades

A Tabela 2 apresenta a duração temporal, ao longo dos seis meses de estágio, da minha participação em cada projecto, enquanto executava o trabalho exposto no subcapítulo seguinte.

Tabela 2 – Cronograma de actividades.

	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro
Projecto 1	■	■				
Projecto 2		■				
Projecto 3			■		■	
Projecto 4			■			
Projecto 5				■		
Projecto 6					■	
Projecto 7					■	■

### **3.4 Projectos**

O trabalho agora apresentado engloba projectos de reabilitação, remodelação, design de interiores e decoração. Estes foram, na sua maioria, encomendados por clientes particulares e de carácter habitacional, existindo, também, um escritório empresarial e um alojamento local. À excepção deste último, localizado em Vila Nova de Mil Fontes, no concelho de Odemira, todos os outros se situam na área metropolitana de Lisboa.

Estes são referenciados numericamente, reservando-se a designação utilizada no atelier, e são apresentados por ordem cronológica. Esta apresentação encontra-se estruturada de acordo com as fases projectuais nas quais intervim, tendo como foco a exposição do meu trabalho e a justificação das opções tomadas.

A colaboração nestes sete projectos resultou numa aprendizagem constante e estimulante e permitiu-me conhecer parte da realidade laboral do design de interiores, sobretudo do sector habitacional em Lisboa.

### 3.4.1 Projecto 1

#### Decoração | Habitação | Príncipe Real, Lisboa

O projecto 1 tinha como propósito a redecação de quatro espaços de uma habitação, pertencente a um jovem casal estrangeiro, situado no Príncipe Real, em Lisboa.

##### 3.4.1.1 Programa base

Os espaços a intervir compunham a sala, o quarto de visitas e o anexo da cozinha.

Com orçamento controlado e relativa urgência, o casal pretendia integrar algumas das suas peças de mobiliário no novo projecto. Ambicionava um ambiente calmo, luminoso e confortável, de linhas e formas simples harmonizadas com peças *vintage*. Quanto às cores, preferia os brancos, cinzas, os azuis e os tons terra.

A Arq. Margarida realizou o levantamento métrico e fotográfico (Figura 20) dos espaços e o registo das peças que os clientes desejavam manter: sofá e aparador da sala, cama individual e suporte para pranchas de surf do quarto de visitas, duas cadeiras para o anexo da cozinha e, ainda, diversas molduras com fotografias e ilustrações.



Figura 20 – Levantamento fotográfico. Projecto 1. Fonte: Arkstudio.

A cliente elaborou o *moodboard* do projecto, um documento com várias imagens de referência e considerações a ter para cada espaço. Pretendia dividir a sala em zona de estar e zona de jantar. Um dos requisitos para a sala de jantar era incorporar uma mesa de refeições para 6 ou 8 pessoas com linhas simples, agradável ao tacto e não necessariamente de madeira. Na sala de estar tinha idealizado um móvel para a televisão que ocultasse os cabos eléctricos e uma estante para livros e vinis, plantas,

tapetes e várias almofadas lisas ou com padrões geométricos. Já no quarto de visitas, pretendia um espaço versátil, que pudesse também ser utilizado como uma pequena sala para relaxar durante o dia, com um ambiente surfista e confortável, com prateleiras sobre a cama e têxteis de cor índigo. Por fim, no anexo à cozinha, que serviria sobretudo como sala de refeições no dia-a-dia da família, seria necessário introduzir uma mesa adequada ao espaço tendo em conta a colocação de uma cadeira de refeições para bebé.

### 3.4.1.2 Estudo prévio e Mobiliário

O estudo prévio teve como ponto de partida a definição do conceito a aplicar. Este visava uma combinação de estilos de mobiliário – contemporâneo e *vintage* –, a caracterização dos espaços como serenos, através de uma paleta de cores entre os cinzas e os azuis, e cómodos, através do uso de diferentes camadas de têxteis e mobiliário ergonómico.

De seguida, dei início aos desenhos técnicos do levantamento em AutoCAD<sup>19</sup> e definimos o *layout* de mobiliário, atendendo aos requisitos da cliente, procurando criar espaços funcionais e fluxos de circulação claros e intuitivos. Posto isto, desenhei também as plantas da proposta, de acordo com as dimensões reais do mobiliário. Este foi pesquisado e seleccionado *online* e as suas imagens e referências colocadas em pastas organizadas por espaço na nossa Dropbox. A sua pesquisa foi realizada tendo em conta o custo, questões ergonómicas, materiais e facilidade de aquisição ou entrega por parte de fornecedores. Foram consultados sites de lojas e marcas de médio custo, como, por exemplo, Area Store, Broste Copenhagen, Cantinho do *Vintage*, Casa, Hay, H&M Home, Ikea, String e Zara Home. Apesar de ter testado diferentes produtos em planta, nunca houve necessidade de se alterar o *layout* de mobiliário inicialmente definido.

Terminadas as plantas de proposta, tratei graficamente as mesmas, conforme se verifica na Figura 21. Este passo tinha como objectivo tornar as peças de comunicação mais apelativas e perceptíveis. As cores eram aplicadas de acordo com os revestimentos e materiais do projecto, em tons suaves, e eram incluídas imagens de plantas e, menos frequente, de texturas e pessoas. Para tal, recorri ao Adobe Illustrator<sup>20</sup>.

O passo seguinte concerniu à elaboração da apresentação da proposta de decoração e do mapa de mobiliário.

---

<sup>19</sup> AutoCAD – software CAD desenvolvido pela Autodesk Inc. utilizado para gerar desenhos 2D e 3D com precisão.

<sup>20</sup> Adobe Illustrator – software gráfico da Adobe Systems utilizado para criar imagens vectoriais.



Figura 21 – Plantas da proposta ilustradas. Projecto 1.

A apresentação da proposta de decoração consistia num ficheiro PDF realizado em Adobe InDesign<sup>21</sup>, organizado por espaços, contendo as plantas de proposta ilustradas, paleta de cores e imagens e legenda dos produtos sugeridos.

Para tal, tratei as imagens, anteriormente armazenadas em pastas, no Adobe Photoshop<sup>22</sup> (retirar o fundo, melhorar resolução, alterar cores) e, de seguida, procurámos criar uma composição visual por espaço, tentando representar o *layout* proposto. Por fim, colocámos a planta ilustrada e a composição visual do mesmo espaço numa única folha do documento, de modo a facilitar a compreensão da proposta, devidamente acompanhadas por legendas contendo a descrição e a marca dos artigos.

Já o mapa de mobiliário refere-se a um documento, realizado em Microsoft Excel<sup>23</sup>, no qual são registados e discriminados dados de todos os produtos necessários adquirir/produzir para concretizar o projecto. Estes dados englobam descrição, quantidade, marca, referência, dimensões, valor unitário sem IVA, valor unitário com IVA, desconto (%), total sem IVA, IVA e Total. É, também, contabilizada a contratação de serviços de entrega e montagem, tanto de fornecedores como de colaboradores. A primeira folha do documento apresenta o somatório dos espaços e serviços de entrega e montagem, seguindo-se do inventário dos artigos organizados por espaço e, por último, a listagem dos serviços de entrega e montagem.

<sup>21</sup> Adobe InDesign – software da Adobe Systems desenvolvido para diagramação e paginação.

<sup>22</sup> Adobe Photoshop – software de edição e tratamento de imagens desenvolvido pela Adobe Systems.

<sup>23</sup> Microsoft Excel – software de folhas de cálculo para análise e visualização de dados do Microsoft Office.

Deste modo, utilizei o *template* facultado pela empresa e recolhi os dados dos produtos nos sites e nos orçamentos comunicados pelas marcas e fornecedores. Nesta fase, estabeleci contacto com fornecedores, como a Area Store, Horto do Campo Grande, Madeiobidos ou Paris-Sete. Estas comunicações tinham como objectivo pedir orçamentos, verificar disponibilidade de stock, esclarecer questões relacionados com os próprios produtos ou com a entrega e montagem dos mesmos.

De modo a cumprir-se o orçamento previsto, foi necessário rever a proposta e encontrar novas soluções, retirando alguns produtos ou seleccionando outros mais económicos. Consequentemente, foi, também, necessário actualizar a planta CAD, a planta ilustrada e a apresentação da proposta. Após primeira apresentação aos clientes, foi novamente necessário procurar alternativas para certos artigos, como a mesa de jantar, mesa de apoio e almofadas da sala de estar, que os clientes não tinham apreciado.

Nas Figura 22 a Figura 25 pode observar-se a apresentação da proposta final.

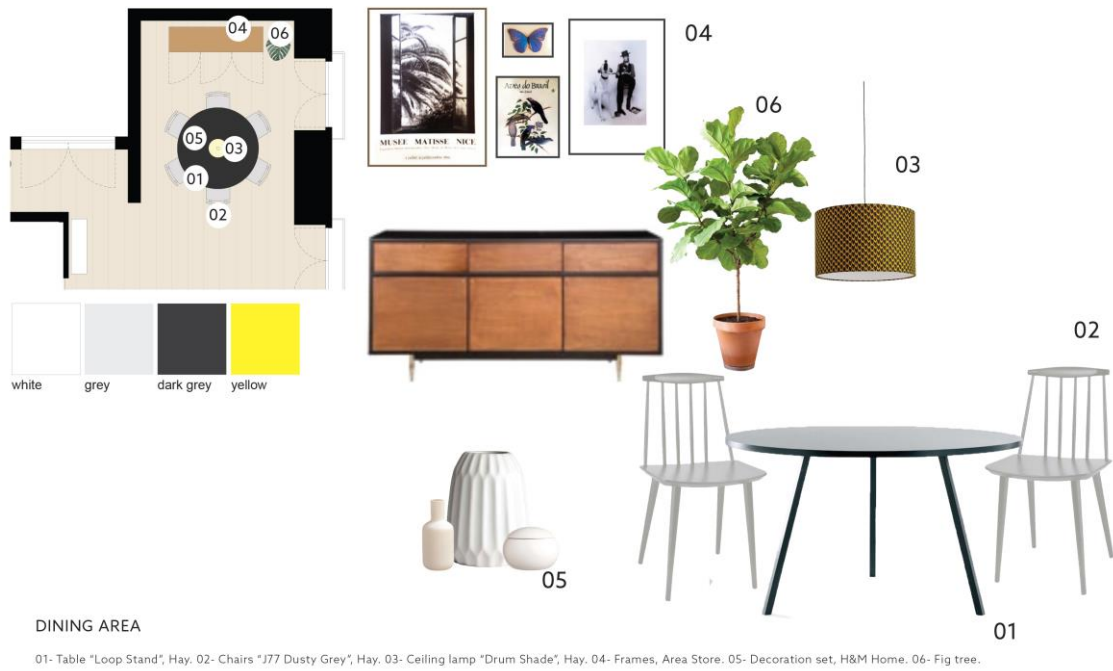
Esta teve em consideração o *briefing* dos clientes, a função das divisões, a criação de fluxos de circulação claros, o nosso conceito e os limites orçamentais e temporais estabelecidos.

Nota-se, logo à partida, a transversalidade da combinação entre peças contemporâneas e *vintage* e da paleta de cores entre os azuis, cinzas e brancos.

Na sala, a separação entre zonas de jantar e de estar é intuitiva. Na primeira, área social entre família e amigos, optámos por um espaço prático e de fácil limpeza, que convidasse ao convívio. Combinámos peças de design contemporâneo com o aparador existente e as molduras que instalámos sobre este. À paleta de tons neutros, introduzimos cor através do candeeiro de tecto, das ilustrações e da planta. Na segunda, igualmente área social, mas também de certa intimidade familiar, procurámos criar um espaço confortável e aprazível. Incorporámos um tapete e várias almofadas, mobiliário de apoio e arrumação que confere alguma versatilidade e leveza ao espaço, como o móvel de televisão com rodízios e as mesas de fácil transporte. As plantas e os tons branco, azuis e terra com o cinza do sofá existente, transmitem serenidade.

A proposta para o quarto de visitas centrou-se num ambiente descontraído. Propusésemos a instalação de estores nas portas que dão acesso à sala, apresentámos peças de mobiliário ligeiras e de madeira clara, dadas as dimensões reduzidas do quarto. Integrámos algumas das molduras existentes e conforto através dos têxteis de tons índigo e cinza.

O anexo à cozinha, zona de refeições quotidianas, pretendia-se funcional. A mesa e o banco corrido Ikea possibilitam vários lugares sentados quando necessário, a integração da cadeira para bebé *vintage* torna este espaço singular e as almofadas e coxins azuis confortável e sereno, coerente com o restante projecto.



07

Figura 22 — Proposta aprovada da sala de jantar. Projecto 1.



06

Figura 23 — Proposta aprovada da sala de estar. Projecto 1.

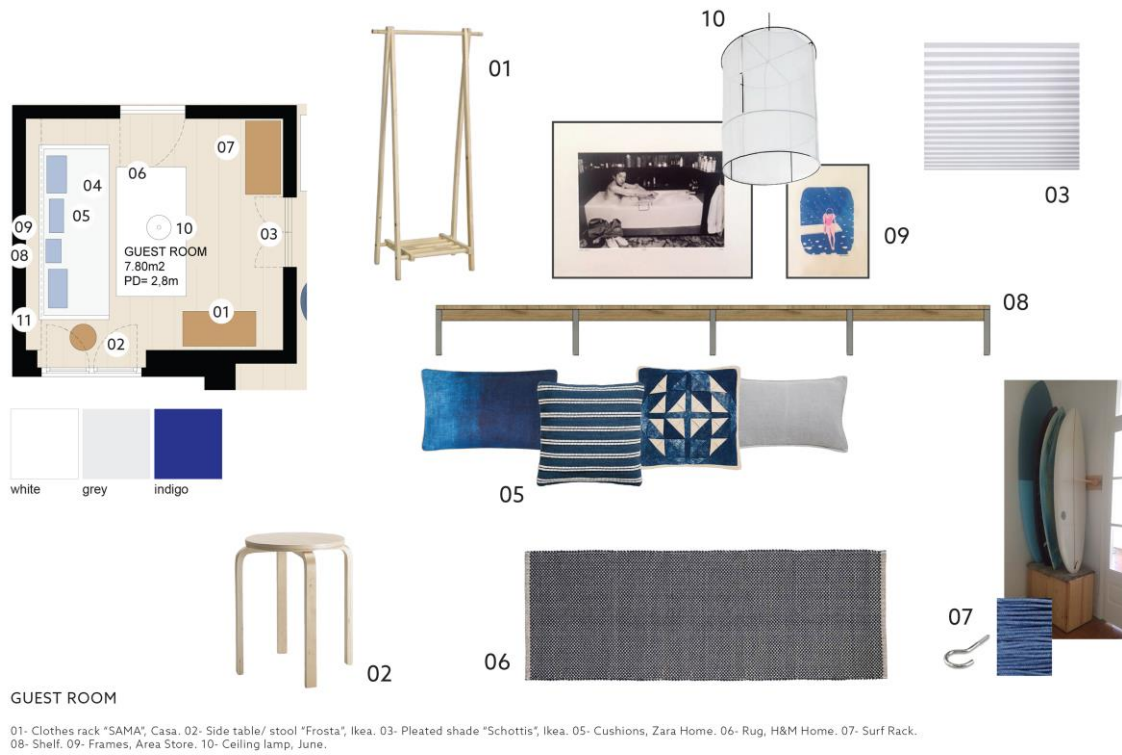


Figura 24 – Proposta aprovada do quarto de visitas. Projecto 1.

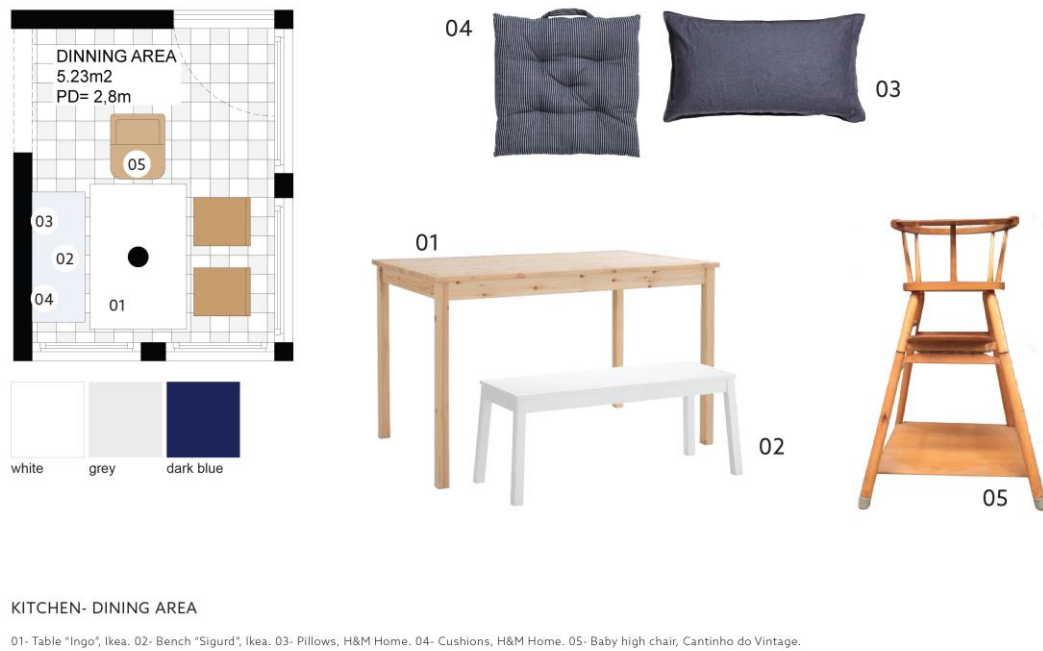


Figura 25 – Proposta aprovada do anexo da cozinha. Projecto 1.

### 3.4.2 Projecto 2

#### Caracterização do espaço interior | Habitação | Azeitão

O presente projecto consistiu na caracterização do espaço interior de um fogo devoluto, em fase de reabilitação, situado em Azeitão no distrito de Setúbal.

O imóvel tinha sido adquirido pela cliente, uma jovem adulta, engenheira civil, que, com orçamento previamente estabelecido, pretendia torná-lo na sua habitação permanente.



Figura 26 – Fotografias do alçado frontal e tardoz. Projecto 2. Fonte: Arkstudio.

#### 3.4.2.1 Estudo prévio

O projecto de reabilitação do edifício foi desenvolvido pela cliente em colaboração com o Arkstudio e encontrava-se já em curso quando iniciei funções na empresa. Pretendia-se agora a caracterização do espaço interior, cabendo à cliente a posterior selecção dos equipamentos e mobiliário.

A cliente ambicionava um conceito *open space* mas que fosse perceptível a separação entre zonas/funções. Estas englobavam zona de estar, cozinha, zona de refeições, quarto, instalação sanitária e terraço. Uma vez que o pé-direito alto o permitia, tinha idealizado a construção de um mezanino. Esteticamente, procurava uma combinação entre os estilos escandinavo e rústico.

O atelier tinha já apresentado duas propostas para a organização do espaço interior, expostas nas Figura 27 e Figura 28.



Figura 27 – Caracterização do espaço - Opção 01. Projecto 2. Fonte: Arkstudio.



Figura 28 – Caracterização do espaço - Opção 02. Projecto 2. Fonte: Arkstudio.

A cliente optou pela opção nº1.

Em reunião definiram-se os materiais-base e os métodos construtivos. Deste modo, para os pavimentos optou-se por betonilha autonivelante afagada e OSB afagado pintado a branco, pelo custo reduzido, fácil aplicação e aspecto visual contemporâneo. As paredes da I.S.<sup>24</sup> seriam em sistema de placas de gesso cartonado hidrófugo com isolamento térmico e acústico e a estrutura do mezanino em madeira revestida a placas de gesso cartonado. A cozinha e as escadas seriam construídas em alvenaria, estas com

<sup>24</sup> I.S. - instalação sanitária.

cobertor em OSB pintado. Por fim, pintura acetinada com RAL<sup>25</sup> 9002 (cinza branco) para as paredes e guarda do mezanino em madeira rústica pintada a RAL 9010 (branco puro), obtendo-se um ambiente luminoso, salubre e confortável.

Com o intuito de auxiliar a percepção do projecto, modeliei a três dimensões a estrutura e elementos fixos da habitação. Para tal, recorri ao AutoCAD 3D.

De seguida, realizei e tratei graficamente duas perspectivas explodidas que integrariam a apresentação da proposta (Figura 29). A segunda perspectiva pode ser observada no Volume II – apêndices.

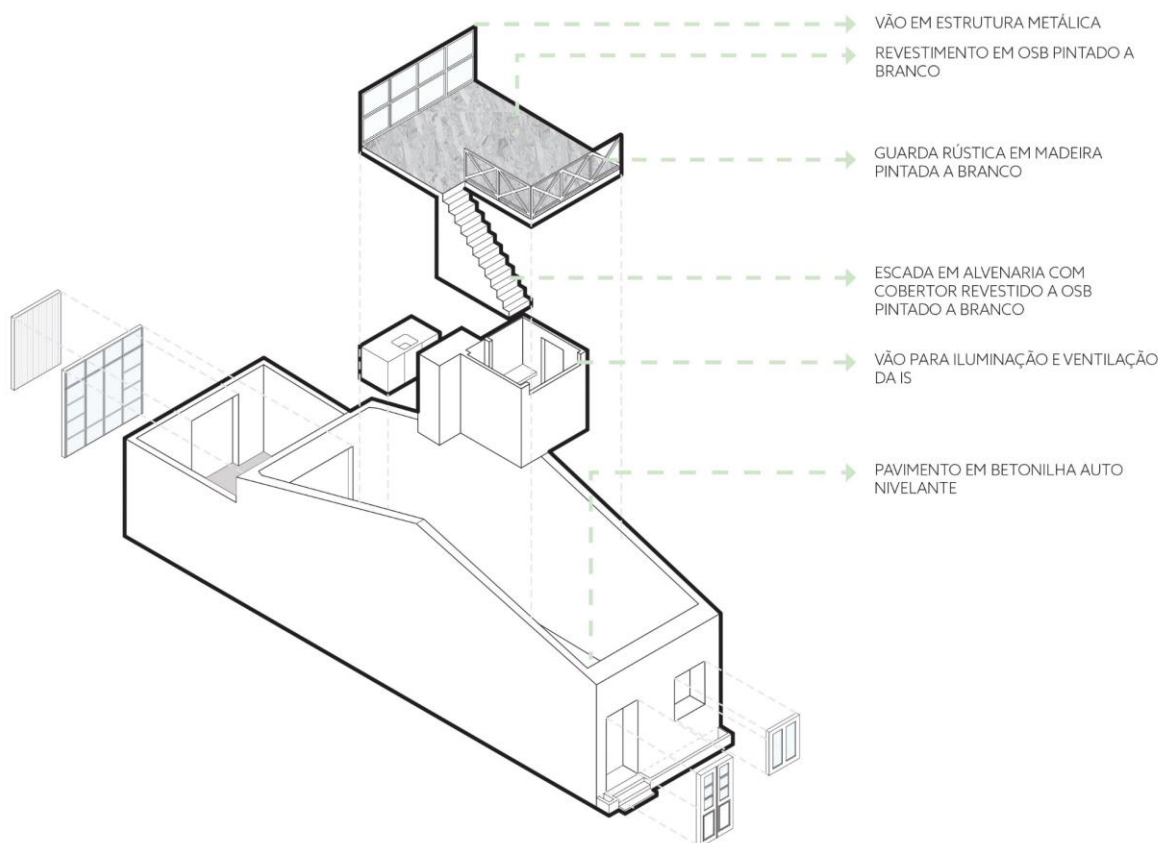


Figura 29 – Perspectiva explodida. Projecto 2.

O passo seguinte consistiu na produção dos desenhos técnicos da proposta. Estes são apresentados à escala 1/50 e incluem as respectivas legendas de materiais. Deste modo, desenhei as duas plantas (Figura 31), um corte longitudinal (Figura 32) e um transversal, contendo as escadas, vão da I.S. e guarda do mezanino e, ainda, os alçados frontal, posterior e tardo (Figura 30).

<sup>25</sup> RAL – *Reichs-Ausschuss für Lieferbedingungen*. Sistema de definição de cores fundado em 1925 na Alemanha.

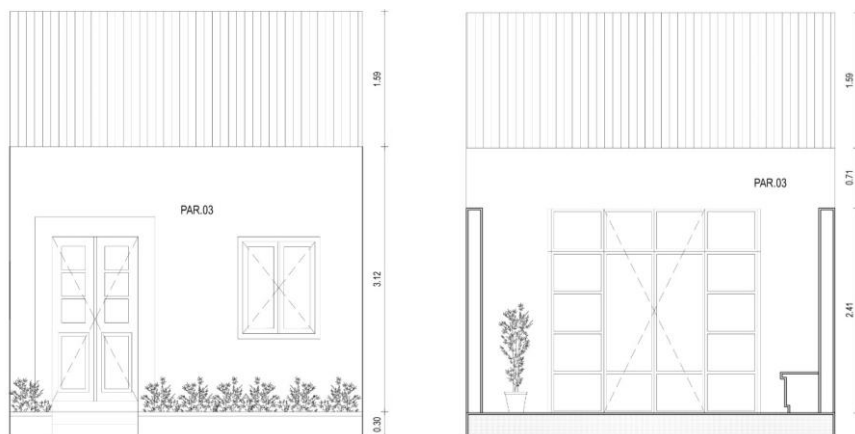


Figura 30 – Alçados da proposta. Projecto 2.

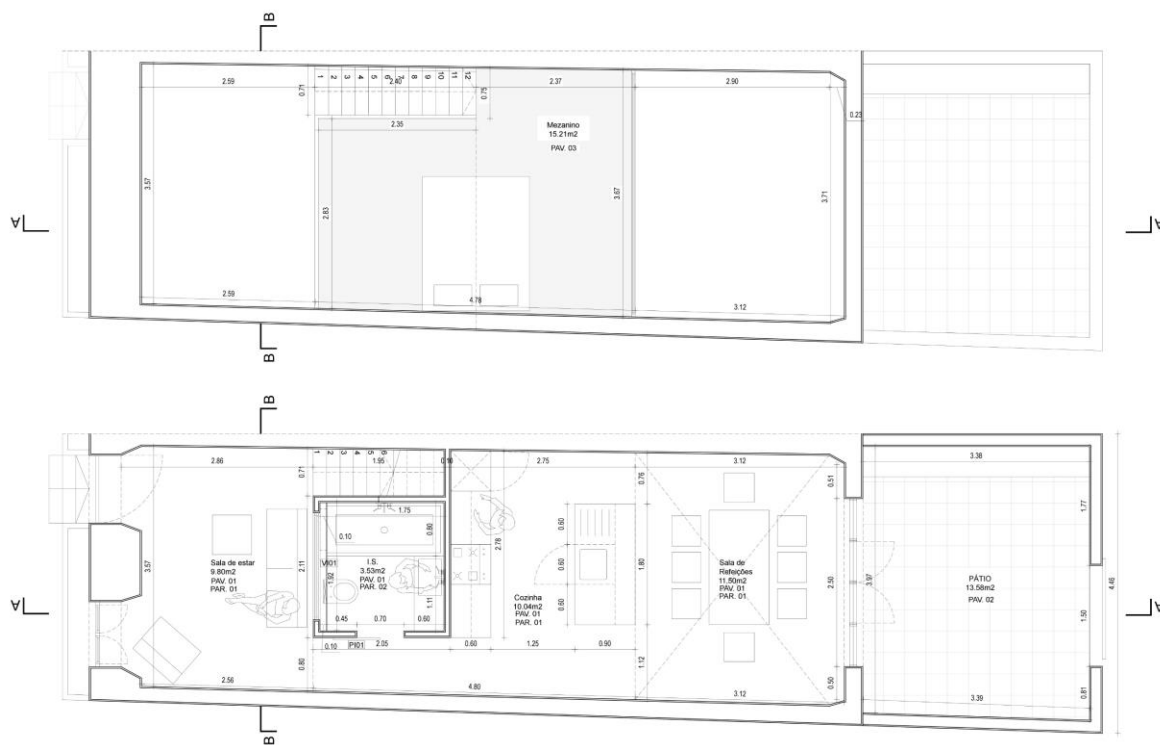


Figura 31 – Plantas da proposta. Projecto 2.

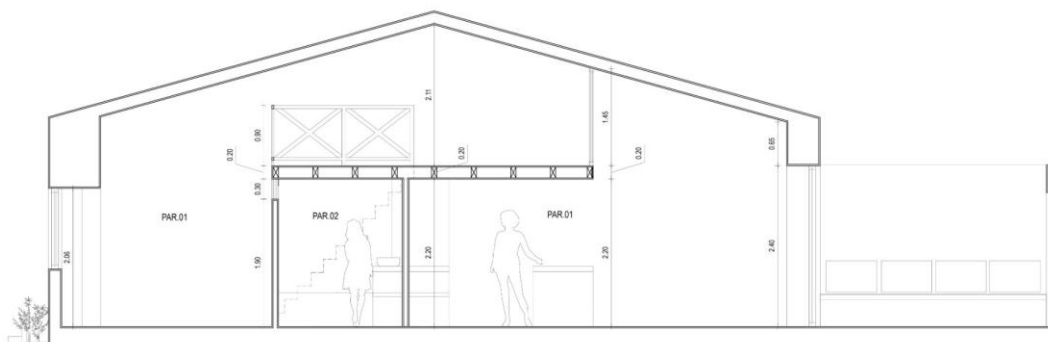


Figura 32 – Corte longitudinal da proposta. Projecto 2.

A proposta apresentada atendeu ao *briefing* da cliente e procurou soluções criativas e económicas, tendo em vista uma habitação funcional, confortável e adequada às necessidades da futura residente. A instalação do mezanino divide, à excepção da I.S., este *open space* em zonas privada e social, não comprometendo a privacidade própria ao quarto. Na zona social percebe-se a organização espacial em *hall* e zona de estar, circulação, cozinha e sala de jantar e estar, que acede ao terraço por um grande vão. É prevista a integração de sofás e mobiliário de apoio e de uma mesa rectangular de oito lugares. Também no mezanino é proposta a instalação de um grande vão fixo garantindo a sua iluminação natural e salubridade. A selecção da materialidade teve em consideração as condicionantes orçamentais e a harmonia entre contemporâneo e rústico, requerida pela cliente.

A proposta foi apreciada e aprovada e deu-se seguimento ao projecto de execução.

#### 3.4.2.2 Projecto de execução

O projecto de execução é iniciado após a aprovação da proposta e tem como objectivo facultar toda a informação necessária à execução da obra. Os desenhos de execução, por norma à escala 1/20, compreendem mapa de vãos, mapa de carpintaria e serralharia e pormenorização à escala 1/5 ou 1/2. Estes são acompanhados por peças escritas que englobam mapa de acabamentos, caderno de encargo e mapa de medições.

Neste caso, realizei os desenhos de execução da cozinha e da instalação sanitária.

Contrariamente ao previsto, a cozinha seria agora produzida por módulos e não em alvenaria com frentes de madeira, por questões orçamentais. Seriam lacados a branco conseguindo-se um espaço luminoso e leve. Definiu-se, então, a localização dos equipamentos a incluir, tendo em conta a funcionalidade e ergonomia do espaço e o projecto de especialidades. Sendo o pé-direito reduzido, optou-se por colocar prateleiras em madeira ao invés de módulos superiores, reforçando também o carácter rústico da habitação. Para as bancadas seleccionámos microcimento, um material resistente, de fácil manutenção e de baixo custo e em harmonia com as restantes escolhas. A ilha foi desenhada de modo a incluir a cuba, zona de lixos, máquina da loiça e da roupa e ainda possibilitar três lugares sentados. Na Figura 33 podem ser observados desenhos de execução da cozinha.

Na I.S. optámos por uma porta de correr por questões funcionais, pela instalação de um vão fixo para iluminação natural e projectámos um murete que permitisse instalar autoclismo de encastrado e criar um nicho para arrumação junto à banheira. Também a localização de todos os equipamentos assim como as dimensões previstas foram indicadas, tendo em conta questões funcionais e ergonómicas. Sob a bancada de lavatório em microcimento, adicionámos uma prateleira em madeira para arrumação, solução económica e coerente com o restante projecto. A Figura 34 contém a planta e cortes da instalação sanitária.

Os desenhos da proposta e de execução podem ser consultados no Volume II.

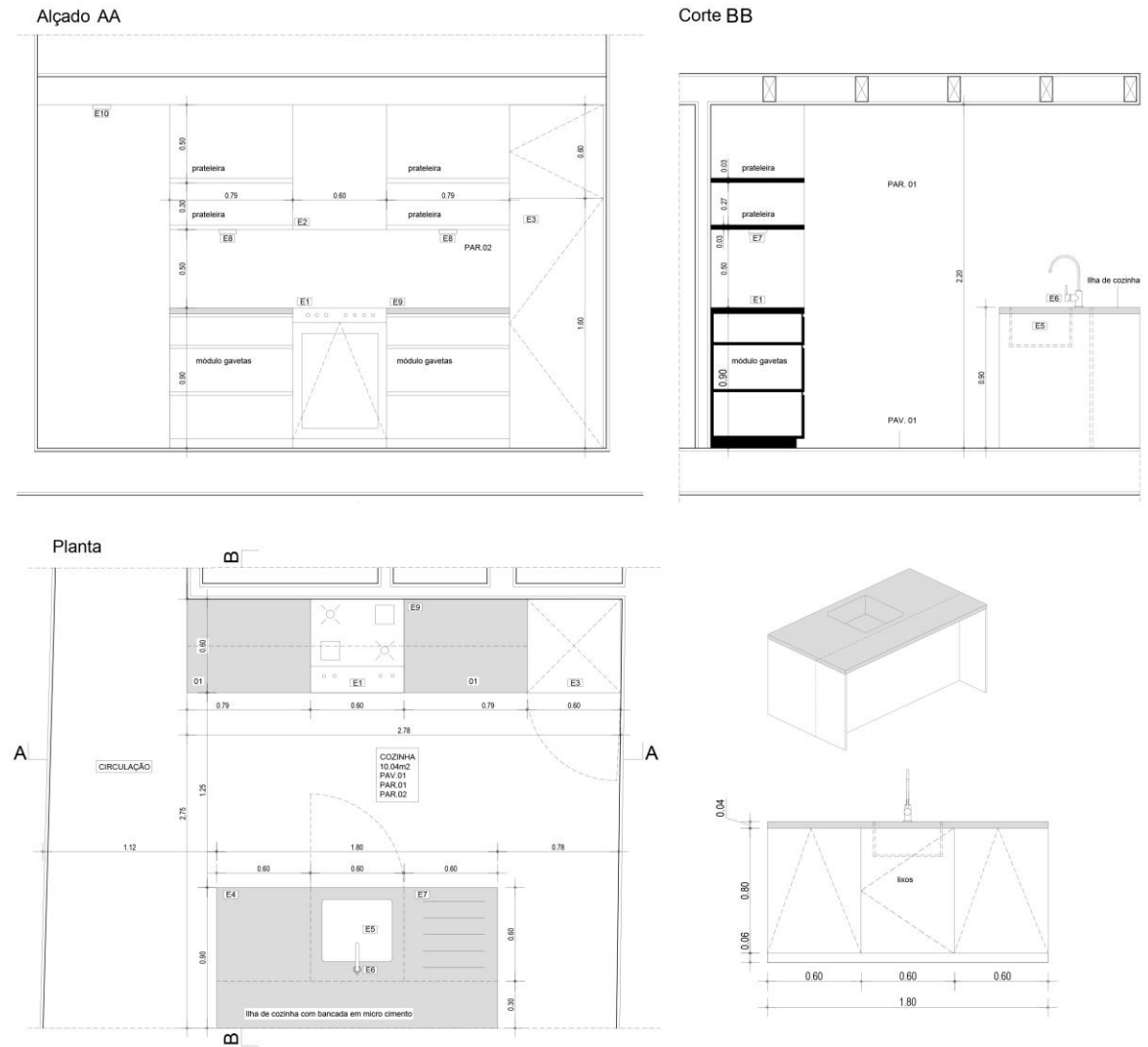


Figura 33 – Desenhos de execução da cozinha. Projecto 2.

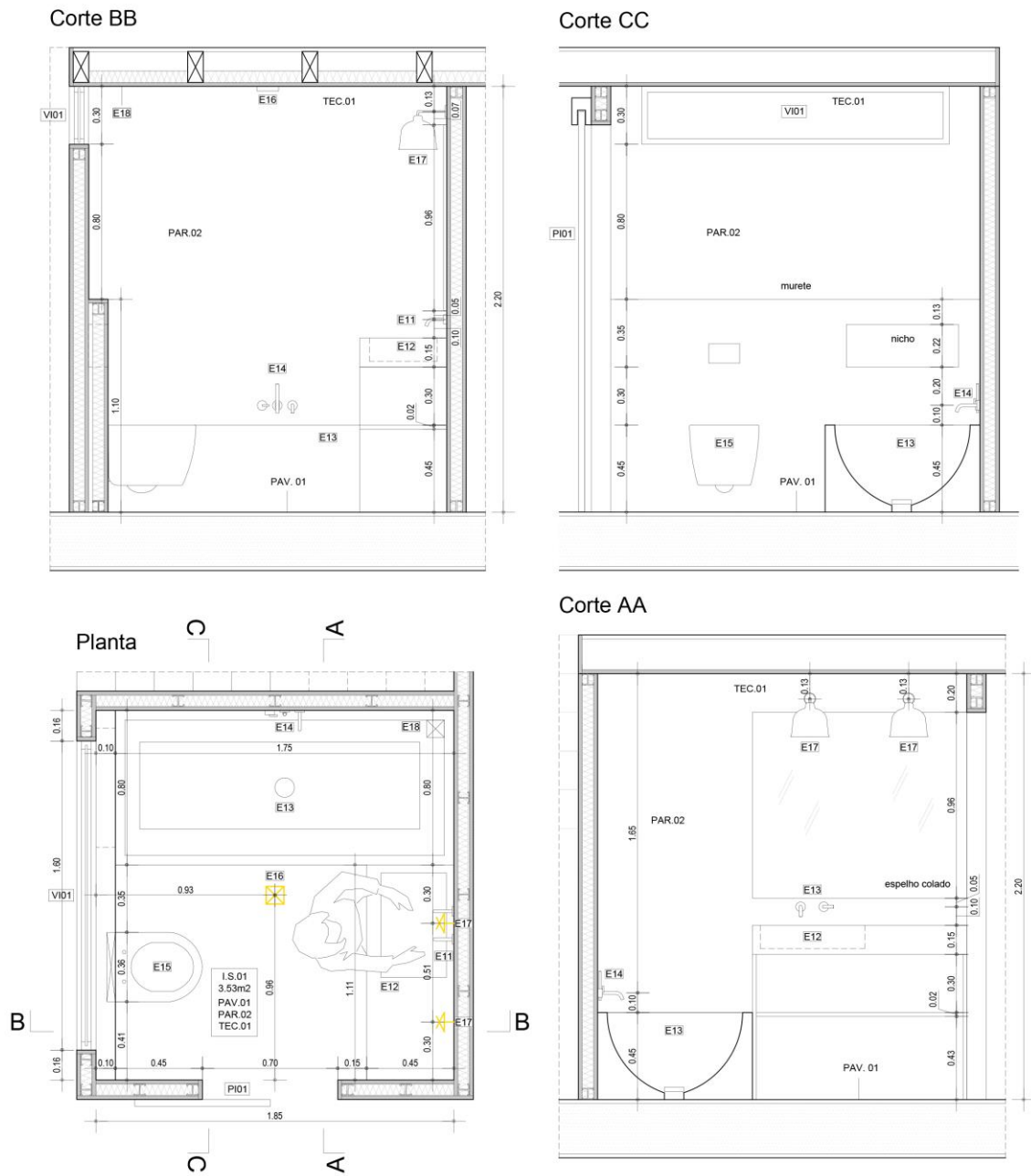


Figura 34 – Desenhos de execução da instalação sanitária. Projecto 2.

### 3.4.3 Projecto 3

Remodelação e design de interiores | Escritório empresarial | Av. da República, Lisboa

Projecto 3 diz respeito ao projecto de remodelação e design de interiores de um escritório empresarial. Situado no último piso de um prédio na Avenida da República em Lisboa, este iria receber uma pequena empresa ligada às tecnologias digitais.

Com orçamento restrito, o cliente, director da empresa em causa, desejava sobretudo um local de trabalho funcional, actual e dinâmico.

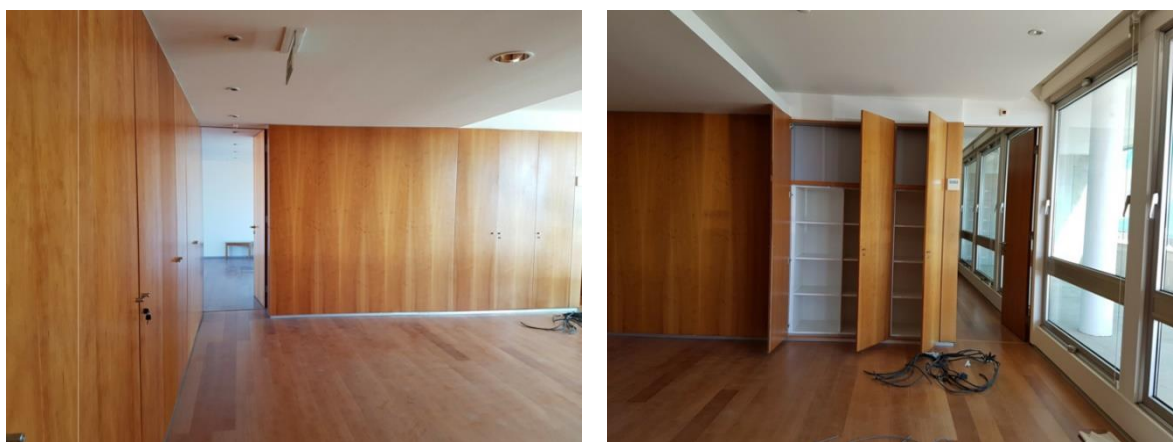


Figura 35 – Levantamento fotográfico - sala de estar e refeições. Projecto 3. Fonte: Arkstudio.

#### 3.4.3.1 Estudo Prévio e Mobiliário

O projecto de alterações e o *layout* de mobiliário tinham já sido aprovados pelo cliente quando integrei o projecto. Os espaços a projectar compreendiam a circulação, o gabinete da direcção, a sala de reuniões, a sala de estar e refeições, o gabinete de apoio ao cliente e o gabinete de marketing.

Em relação ao conceito, julgámos, logo à partida, imperativo incorporar o espírito jovem da equipa nas características do espaço preexistente. Tínhamos como objectivo criar um local de trabalho funcional e agradável tendo em conta a sua vivência.

Toda a estrutura original iria ser mantida. O pavimento flutuante laminado iria ser substituído por pavimento flutuante de madeira Tarkett, mais nobre e de maior valor estético. A restante materialidade do espaço – paredes em alvenaria e gesso cartonado, rodapé em cantoneira de alumínio escovado, caixilharias em perfil de alumínio anodizado e tectos em gesso cartonado – manter-se-ia. Alguns pontos de luz seriam adaptados tal como certas portas e painéis dos armários fixos. Por fim, todas as paredes, tectos e carpintarias iriam ser pintados.

Os equipamentos necessários eram, em primeira análise, iluminação, mesas e cadeiras de escritório, mesas de refeições, sofás/poltronas, mesa de apoio, loiças para

a copa e cortinados em todas as paredes com vãos exteriores. O *layout* de mobiliário (Figura 36) procurou criar espaços amplos e leves e fluxos de circulação claros. O espírito de equipa e abertura foi incorporado através da colocação das mesas juntas e no centro das divisões, viradas entre si, fomentando a entreajuda e troca de ideias. Também no gabinete da direcção se pretendia um ambiente receptivo. Na sala de reuniões seria colocada uma mesa de oito lugares e criada uma zona de estar, mais privada, com sofás. Na sala de estar e refeições, teríamos um sofá e uma televisão fixa à parede e uma mesa comprida junto à copa, convidativos ao convívio entre colegas.

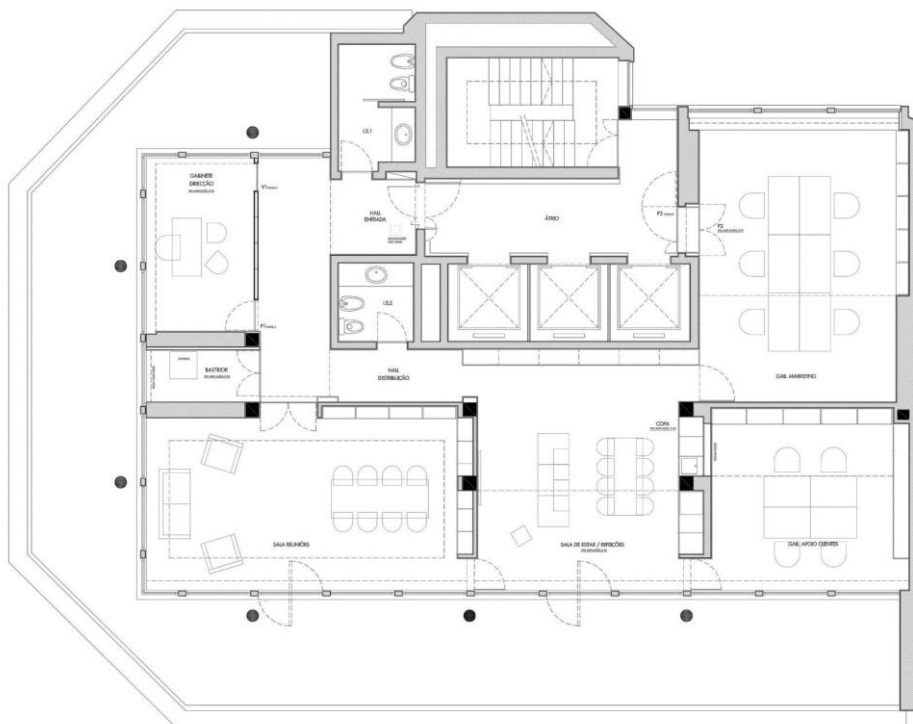


Figura 36 – Planta *layout* de mobiliário. Projecto 3. Fonte: Arkstudio.

De modo a estudarmos o ambiente resultante da aplicação de diferentes cores nos tectos, paredes e carpintarias, decidimos realizar imagens renderizadas dos espaços correspondentes ao gabinete da direcção, sala de reuniões, copa, sala de estar e refeições, gabinete de marketing e gabinete de apoio ao cliente.

A modelação a três dimensões e renderização<sup>26</sup> não eram, até então, práticas do atelier. Dado isso, tive autonomia na execução das mesmas e explorei, para tal, de modo autodidacta, os softwares 3Ds Max<sup>27</sup> e Renderer Corona<sup>28</sup>.

Os *renders* aqui executados não pretendiam uma representação hiper-realista, mas sim o estudo e percepção das opções tomadas e do ambiente daí resultante.

<sup>26</sup> Renderização – processo digital de conversão de modelos 3D em imagens 2D (*renders*).

<sup>27</sup> 3Ds Max – software de modelação tridimensional desenvolvido pela Autodesk Inc.

<sup>28</sup> Renderer Corona – software de renderização de modelos 3D desenvolvido pela Chaos Group.

Finalizada a modelação 3D da estrutura e equipamentos fixos (Figura 37), apliquei os materiais e realizámos três testes de cor para casa espaço, como se observa na Figura 38 para a sala de reuniões e copa. As imagens serviam apenas para estudos internos e, por isso, foram renderizadas com baixa qualidade; já as cores eram meramente orientativas, sendo o RAL definido em obra.

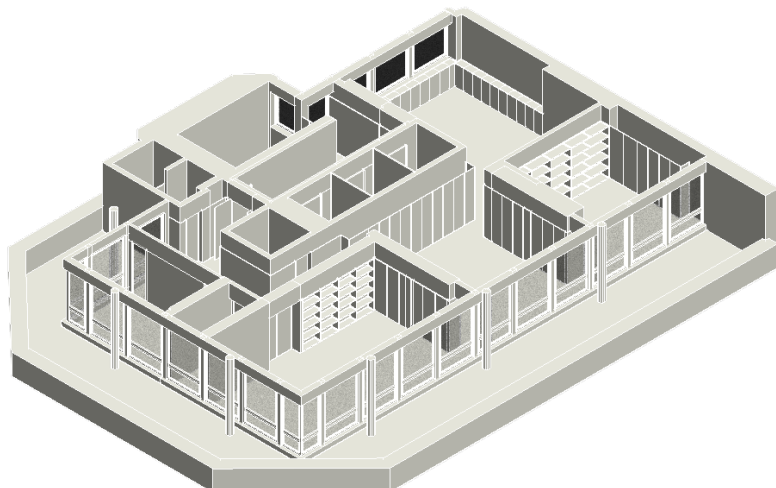


Figura 37 – Modelação 3D. Projecto 3.

No 1º teste, o tecto era pintado a preto e as paredes e carpintarias a branco; no teste nº2 testámos os três elementos a branco e, por último, o tecto e as paredes a branco e as carpintarias a cinza. Nos armários da copa testou-se, ainda, um tom azul petróleo.

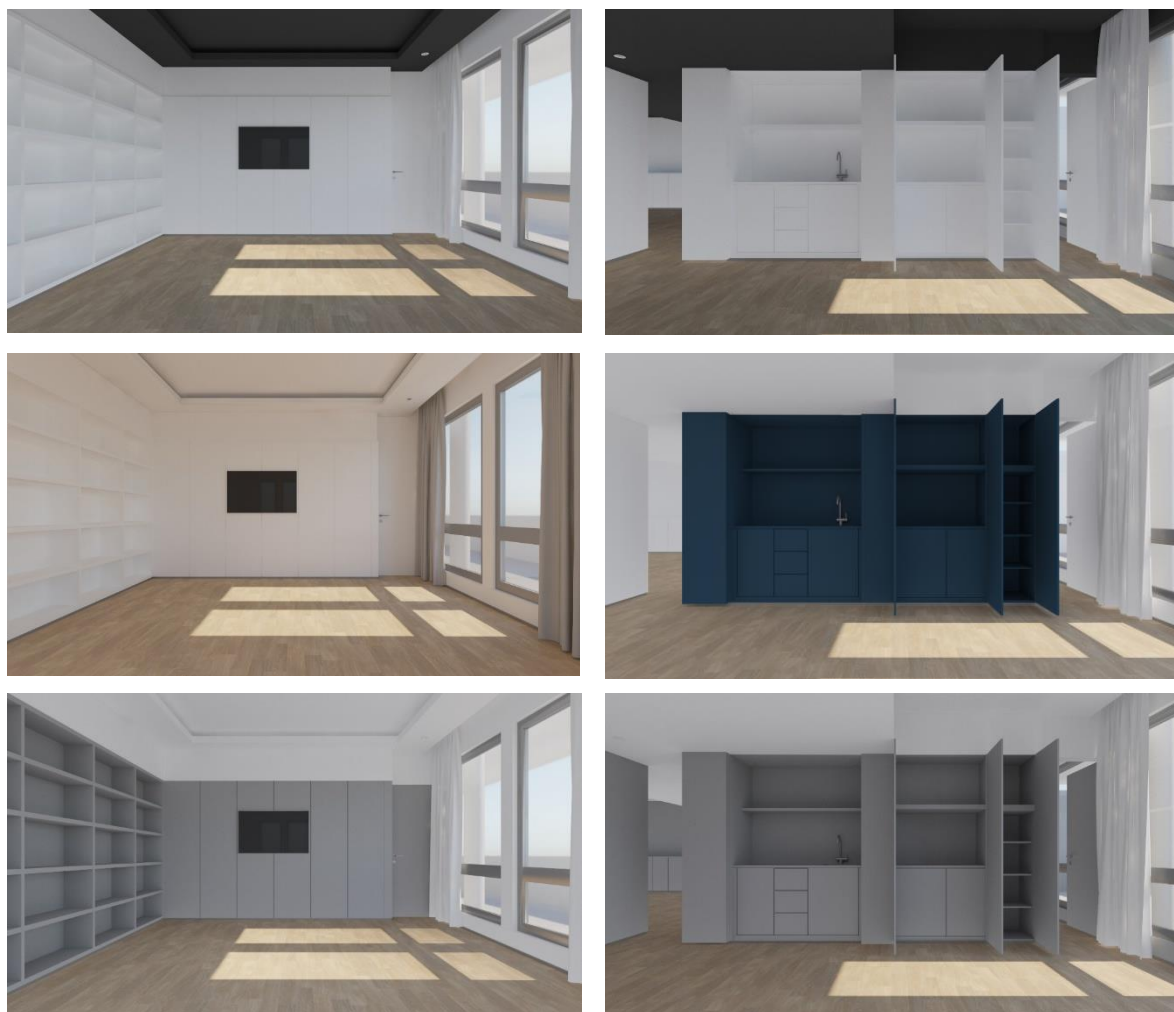


Figura 38 – Imagens dos testes de cor - sala de reuniões e copa. Projecto 3.

Optámos pelo 3º estudo, tectos e paredes brancas e carpintarias a cinza, alcançando um espaço luminoso, confortável e contemporâneo, de ambiente tecnológico, pela associação à cor cinza destes equipamentos, e de proximidade, pelo tom contínuo a todo o escritório.

A fase seguinte correspondeu à selecção, de acordo com o *layout* anteriormente aprovado, de todo o mobiliário necessário e iluminação, assim como de cortinados, tapetes, loiças para a copa, plantas e elementos decorativos.

Simultaneamente, desenvolvi os *renders* com os equipamentos seleccionados. Algumas das marcas escolhidas, como a Hay e Muuto, disponibilizam modelos tridimensionais dos seus produtos o que agilizou o processo moroso de modelação 3D de equipamentos.

Posteriormente, realizámos o mapa de mobiliário, contactando marcas e fornecedores e, por fim, estruturámos a apresentação da proposta (Figura 39 a Figura 43) com as visualizações 3D, imagens do mobiliário sugerido e respectiva legenda.

Salvo algumas alterações de artigos por questões orçamentais, a proposta foi aprovada e deu-se seguimento ao projecto.

Neste projecto procurámos soluções práticas e cómodas, de acordo com o *briefing*, conceito e os limites orçamentais. Materializámos as tecnologias digitais através da paleta de cores entre o preto e os cinzas, e do alumínio e polipropileno, que harmonizámos com a madeira do espaço, com as mesas em pinho e bétula e os têxteis. Introduzimos dinamismo através de apontamentos na cor laranja e conforto com sofás, tapetes e almofadas. Marcas como Hay, Ikea, Ferm Living, Ghome, Muuto, Area Store, Onok e Pedroso e Osório faziam parte da nossa proposta.

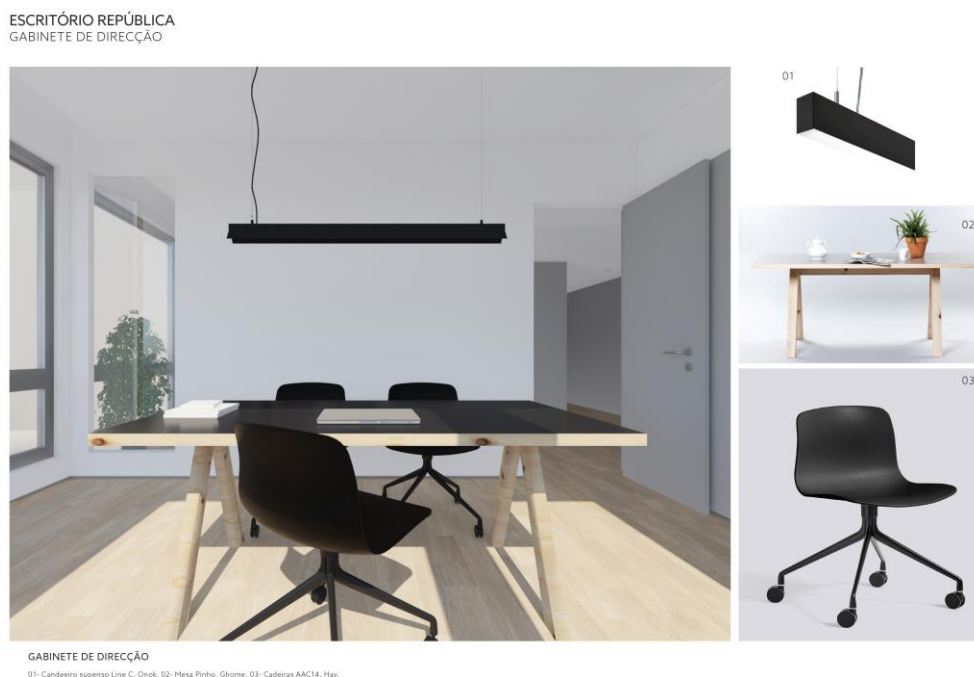
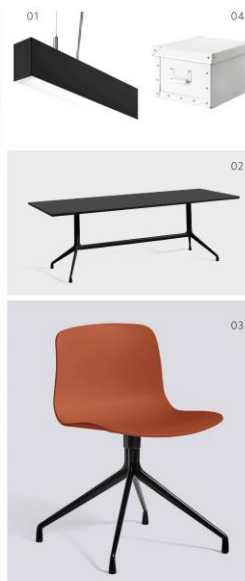


Figura 39 – Apresentação da proposta final - gabinete da direcção. Projecto 3.

ESCRITÓRIO REPÚBLICA  
SALA DE REUNIÕES



SALA DE REUNIÕES

01- Candeiro suspenso Line C, Onok. 02- Mesa AAT10, Hay. 03- Cadeiras AAC10, Hay. 04- Caixas de armazenamento Fjällå, Ikea.

Figura 40 — Apresentação da proposta final - sala de reuniões 1/2. Projecto 3.

ESCRITÓRIO REPÚBLICA  
SALA DE REUNIÕES



SALA DE REUNIÕES

05- Sofá Denver, Area. 06- Almofadas, H&M. 07- Mesa Tray L, Hay. 08- Poltronas Talitha, Area. 09- Tapete Marge, Ferm Living. 10- Vasos, Ikea.

Figura 41 — Apresentação da proposta final - sala de reuniões 2/2. Projecto 3.



Figura 42 – Apresentação da proposta final - sala de estar e refeições. Projecto 3.



Figura 43 – Apresentação da proposta final - sala de apoio ao cliente e marketing. Projecto 3.

### 3.4.3.2 Acompanhamento de obra

Durante a fase de obra, acompanhei a mesma através de fotografias recolhidas pela responsável do projecto, como as apresentadas na Figura 44.



Figura 44 – Fotografias do acompanhamento de obra. Projecto 3. Fonte: Arkstudio.

### 3.4.3.3 Resultado final

Após a montagem final, foi realizada uma sessão fotográfica com o intuito de incluir o projecto no portfólio da empresa. Na Figura 45 encontram-se algumas dessas fotografias.





Figura 45 – Fotografias do resultado final. Projecto 3. Fonte: Arkstudio.

### 3.4.4 Projecto 4

Arquitectura e design de interiores | Alojamento local | Vila Nova de Mil Fontes

Projecto 4 designa o projecto de arquitetura e design de interiores de um alojamento local situado em Vila Nova de Mil Fontes, no concelho de Odemira.



Figura 46 – Imagem aérea do terreno.  
Projecto 4. Fonte: Google Maps.

#### 3.4.4.1 Estudo prévio

O projecto de arquitetura encontrava-se em fase de estudo prévio quando integrei a equipa. Este compreendia a concepção de quatro edifícios idênticos (100m<sup>2</sup> cada, constituídos por sala, cozinha e duas *suites*) com entradas independentes e logradouro comum com zona de churrasco e tanque, numa área de implantação com cerca de 550m<sup>2</sup>.

Os clientes pretendiam também o desenvolvimento de estudos de incidência solar da proposta. Este tipo de estudos nunca tinha sido realizado no atelier anteriormente, pelo que foi necessário pesquisar e analisar diferentes métodos.

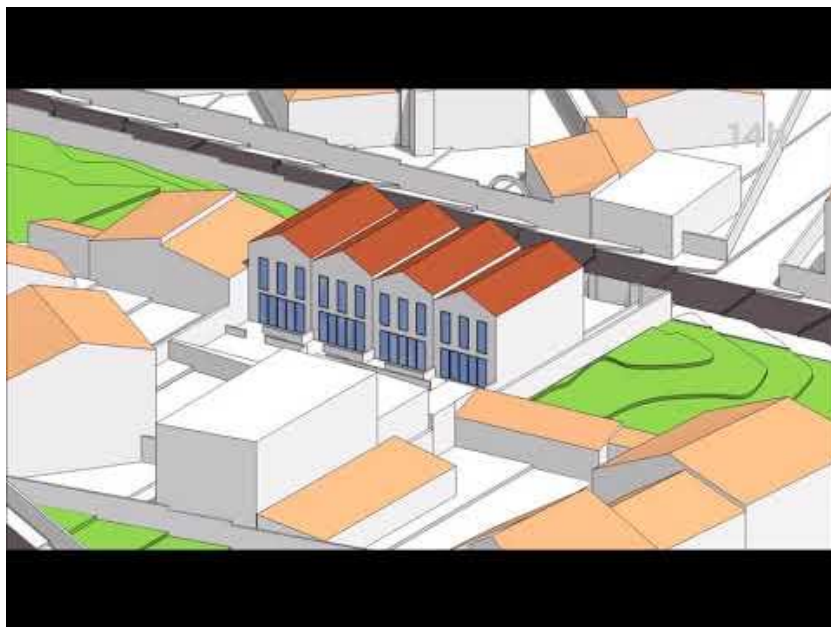
Por fim, decidimos que recorreria ao software SketchUp<sup>29</sup>, para modelar a três dimensões de forma genérica os volumes da proposta e da sua envolvente e registar a incidência solar nos dias do solstício de Verão, 21 de Julho, e do solstício de Inverno, 21 de Dezembro, em intervalos de tempo de hora a hora.

Para tal, comecei por modelar o terreno e edificado envolventes, com base na planta do levantamento topográfico facultada e observando o Google Street View<sup>30</sup>. Terminada a envolvente, desenvolvi a volumetria de diferentes propostas em estudo.

<sup>29</sup> SketchUp – software de modelação tridimensional desenvolvido pela Google.

<sup>30</sup> Google Street View – recurso do Google Maps que facultava panorâmicas de 360° na horizontal.

Posteriormente, introduzi as coordenadas geográficas do terreno e produzi diferentes vídeos com o intuito de se estudar a incidência da luz solar na implantação, dimensionamento de vãos e instalação de pérgolas. Nos vídeos 1 e 2, podem ser visualizados os estudos da proposta aprovada.



Vídeo 1 – Estudo de incidência solar - 21 de Junho. Projecto 4.



Vídeo 2 – Estudo de incidência solar - 21 de Dezembro. Projecto 4.

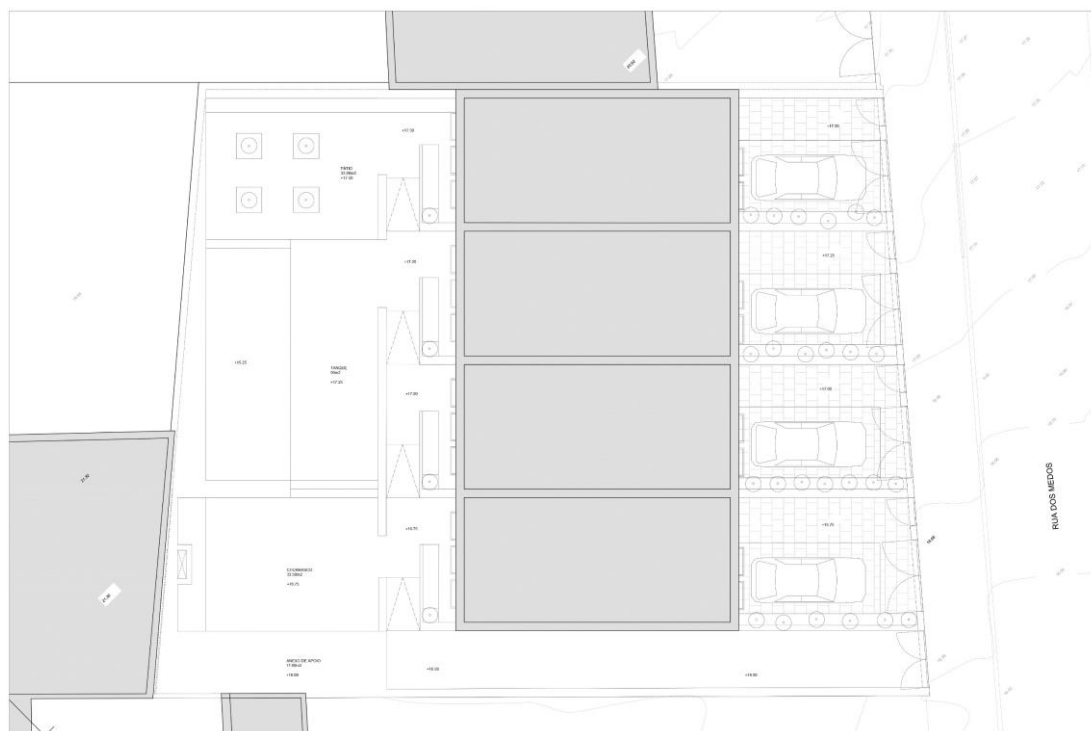


Figura 47 – Planta da implantação. Projecto 4. Fonte: Arkstudio.

Durante o estudo prévio, foi, também, necessário produzir visualizações 3D de modo a auxiliar a caracterização dos pátios privados, do logradouro e do espaço interior, e que, posteriormente, seriam incluídas na apresentação da proposta aos clientes.

Aqui, utilizei o 3Ds Max, importando parte dos volumes representativos da envolvente anteriormente modelados, e desenhei o espaço exterior e um edifício, partindo dos desenhos técnicos que me foram facultados. Esta tarefa resultou numa troca de informação constante, com a experimentação a três dimensões a auxiliar a tomada de decisões.

A proposta de arquitectura consistia em quatro edifícios de dois pisos em banda, com entrada e pátio frontal independentes e logradouro comum, com zona de churrasco, tanque, recanto com árvores e anexo de apoio. Estavam previstos os acessos, muros e canteiros para árvores e vegetação. Os pátios foram projectados tendo em conta o estacionamento de um carro ligeiro e a instalação de uma pérgola.

No espaço interior os fluxos de circulação claros, a funcionalidades dos espaços e o conceito geral mantêm-se. O piso 0 representa a área social da casa e o piso 1 o andar privado, com as duas *suites*.

O primeiro organiza-se em *open space* com vãos largos nos alçados opostos, garantido a iluminação natural deste espaço com pé-direito de 2,40m. A cozinha em península delimita a zona de refeições, a circulação e a sala. Nesta última, a lareira minimalista com interior revestido é completada com nichos de arrumação; prevê-se a

colocação de um sofá de dois lugares, poltronas e mesas de apoio. O vão de escadas acomoda o frigorífico e módulos de arrumação.

O piso 1, com pé-direito superior, 2,70m, é composto pela circulação, dois quartos com instalação sanitária privada, armários embutidos e nichos de arrumação.

O conceito transversal a todo o projecto prendia-se com a harmonização de um estilo minimalista, depurado e leve, com características tradicionais portuguesas; de um local de lazer sereno no calor alentejano.

Assim, casas de planta rectangular com cobertura em telha de duas águas, vãos rectangulares e simétricos, tectos em madeira pintada a branco, logradouro de linhas rectas e formas simples, a água do tanque, oliveiras e vegetação natural da região ilustram o exterior deste alojamento local. O branco das paredes e o tom quente de areia do microcimento contínuo dominam o espaço. A madeira, a pedra portuguesa lioz e o perfil metálico preto completam a materialidade base do projecto.

Na Figura 48 podem ser observados os desenhos de caracterização do espaço interior e, seguidamente, nas Figura 49, Figura 50 e Figura 51, as imagens renderizadas que inteiraram a apresentação da proposta.

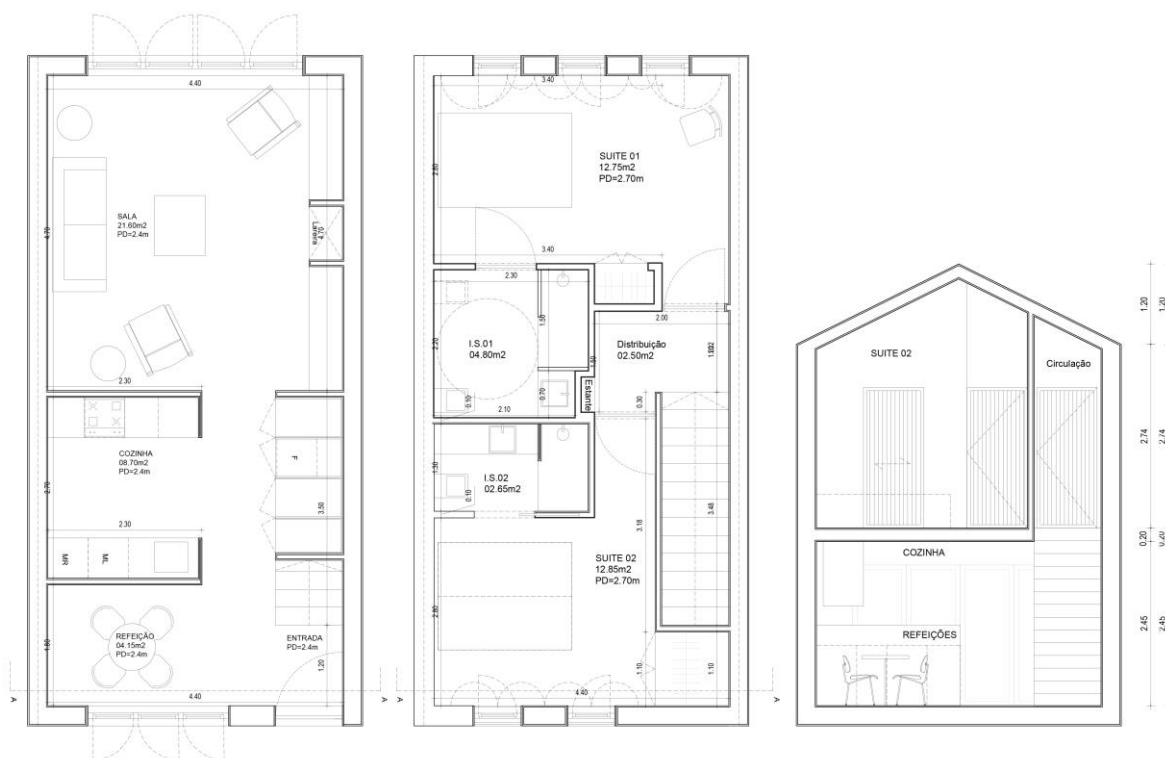


Figura 48 – Caracterização do espaço interior. Projecto 4. Fonte: Arkstudio.



Figura 49 – Visualizações 3D do Piso 0. Projecto 4.

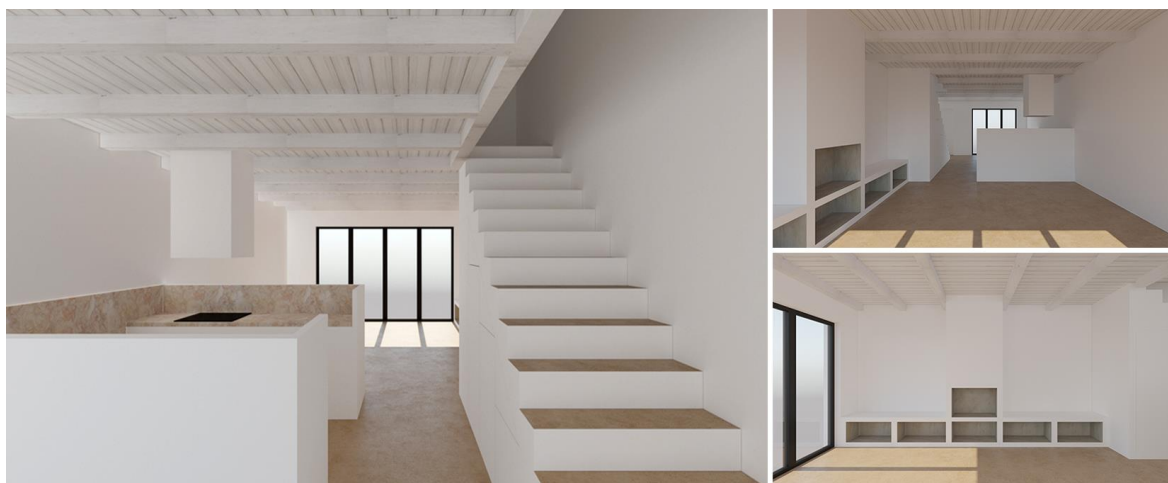


Figura 50 – Visualizações 3D do Piso 1. Projecto 4.

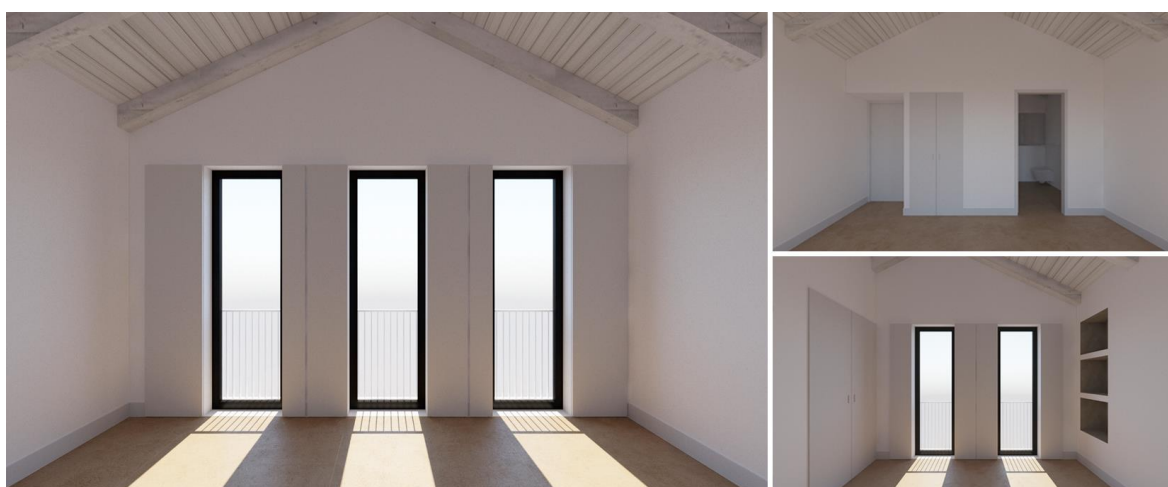


Figura 51 – Visualizações 3D do exterior. Projecto 4.

### 3.4.5 Projecto 5

#### Remodelação e design de interiores | Habitação | Rua Rosa Araújo, Lisboa

O projecto 5 centra-se num apartamento T5 + 1 duplex, localizado na Rua Rosa Araújo em Lisboa, pertencente a uma família estrangeira constituída pela mãe e três filhos pequenos.

O apartamento tinha sido adquirido há cerca de um ano atrás e, nessa mesma altura, o Arkstudio realizou o projecto de decoração de todo o apartamento. Agora, um ano depois, a cliente pretendia realizar certas alterações, nomeadamente, à lareira da sala de estar, à sala de refeições contígua à cozinha e às quatro instalações sanitárias.



Figura 52 – Fotografia da fachada do edifício. Projecto 5. Fonte: Arkstudio.

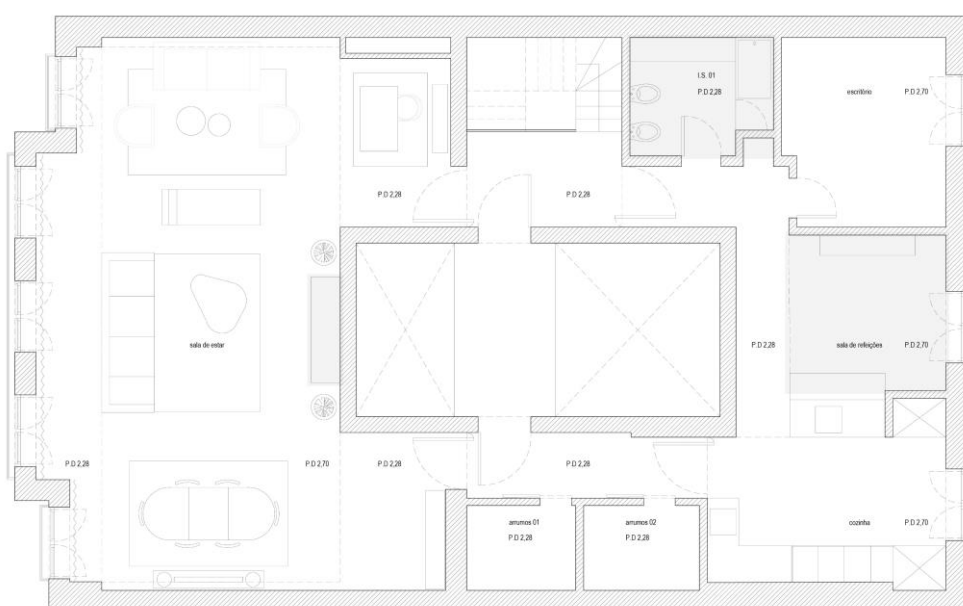


Figura 53 – Planta do Piso 1. Projecto 5. Fonte: Arkstudio.

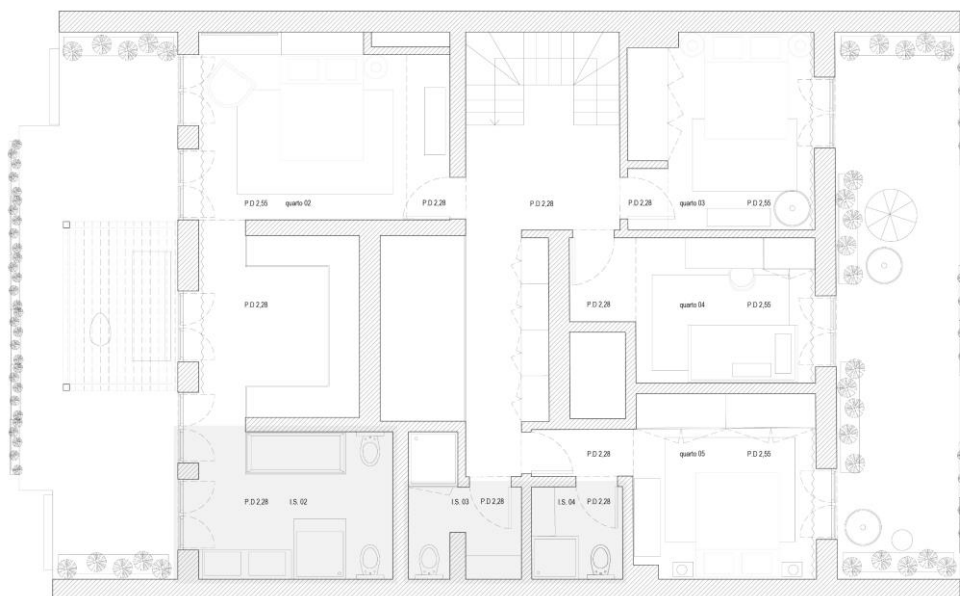


Figura 54 – Planta do Piso 2. Projecto 5. Fonte: Arkstudio.

### 3.4.5.1 Programa base

Deslocámo-nos ao apartamento para realizar o levantamento métrico e fotográfico dos espaços a intervencionar (Figura 55). Estes englobavam a lareira, a sala de refeições e a instalação sanitária no piso 1, assim como a instalação sanitária da suite e as outras duas existentes no 2º piso.



Figura 55 – Elementos do levantamento fotográfico. Projecto 5.

Quanto à lareira a gás, a cliente pretendia manter o equipamento, mas alterar o desenho da estrutura em gesso cartonado para algo *clean* e que permitisse colocar uma televisão naquela parede, frontal ao sofá da sala.

Na sala de refeições, achava a mesa alta existente pouco prática, especialmente com crianças, e idealizava uma banqueta corrida e uma mesa rectangular onde pudesse reunir toda a família; pretendia, também, manter ou adaptar o móvel existente pois necessitava desse espaço de arrumação.

Já nas instalações sanitárias, a cliente tencionava substituir os revestimentos pois não os apreciava e alguns já se encontravam em mau estado devido a infiltrações e uso de produtos de limpeza agressivos. Era, ainda, imperativo a instalação de módulos de arrumação em todas elas.

#### **3.4.5.2 Estudo prévio e desenhos de execução**

O conceito global do apartamento visava a criação de uma habitação prática, acolhedora e elegante, de estilo escandinavo, com materiais naturais, tons neutros e apontamentos de cor, tendo como fio condutor o modo de habitar desta família.

Após a visita ao apartamento, iniciei os desenhos rigorosos do levantamento dos seis espaços. Por norma, estes eram complementados com registos fotográficos do levantamento.

Neste tipo de contratação, sendo o cliente já conhecido e existindo uma troca constante de informação ao longo do processo, a proposta era apresentada sob a forma de desenhos de execução, neste caso à escala 1/25, juntamente com amostras de materiais e imagens de referência.

Posteriormente, realizei, também, os desenhos dos amarelos e vermelhos de cada espaço e o mapa de carpintarias, à escala 1/20. Os primeiros têm como objectivo comunicar em obra aquilo que vai ser demolido ou retirado, representado à cor amarela, e tudo aquilo que será novo no espaço surge a vermelho. Já o mapa de carpintarias reúne todos os equipamentos a produzir em madeira e seus derivados assim como toda a informação necessária à sua produção, que são, depois, encomendados a profissionais dessa especialidade.

De seguida, abordam-se as propostas dos seis espaços, reunindo as I.S. 01, 03 e 04 no mesmo momento.

Os desenhos técnicos dos seis espaços, assim como o mapa de carpintarias do móvel, banquetta da cozinha e os armários das instalações sanitárias, podem ser consultados no Volume II.

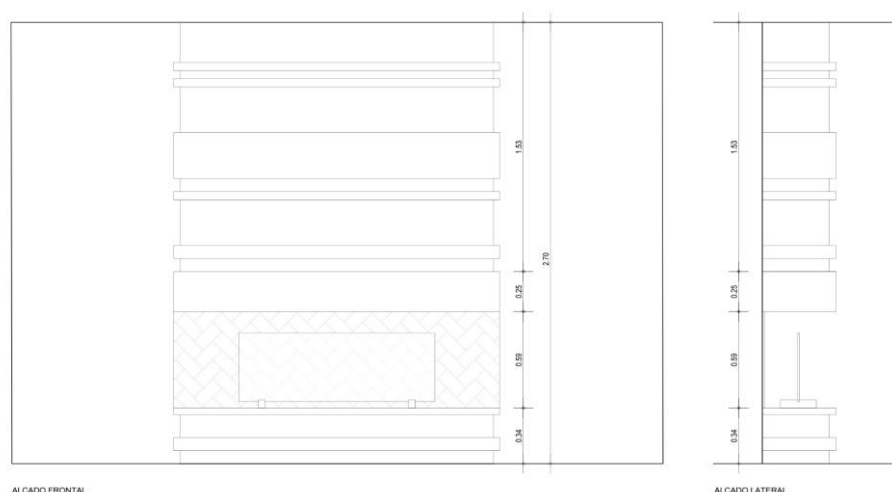


Figura 56 – Alçados do levantamento da lareira. Projecto 5.

Para o estudo da lareira, testei diferentes configurações em modelação 3D, no SketchUp, de modo a seleccionarmos a solução que melhor respondesse ao *briefing* da cliente. O modelo seleccionado corresponde ao último apresentado na Figura 57, pela sua subtileza e leveza conferida ao espaço. De modo a conferir elegância e sofisticação à estrutura, decidimos substituir o mosaico por um de cor preto brilhante 10x30cm da Cinca igualmente com assentamento espinhado.

Na Figura 56 encontram-se os alçados representativos do existente e na Figura 59 os da proposta.

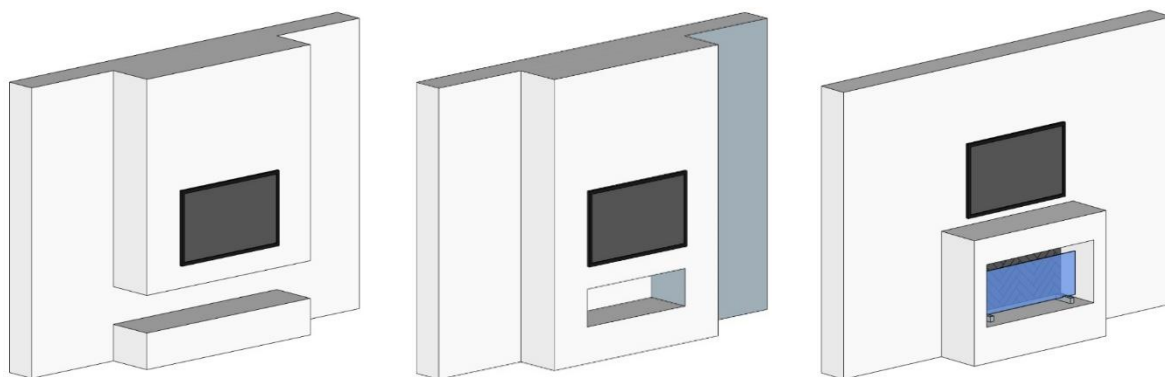


Figura 57 – Estudos 3D da lareira. Projecto 5.

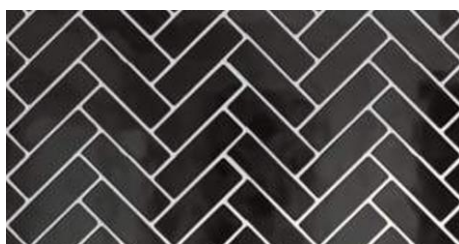


Figura 58 – Mosaico seleccionado para lareira. Projecto 5.

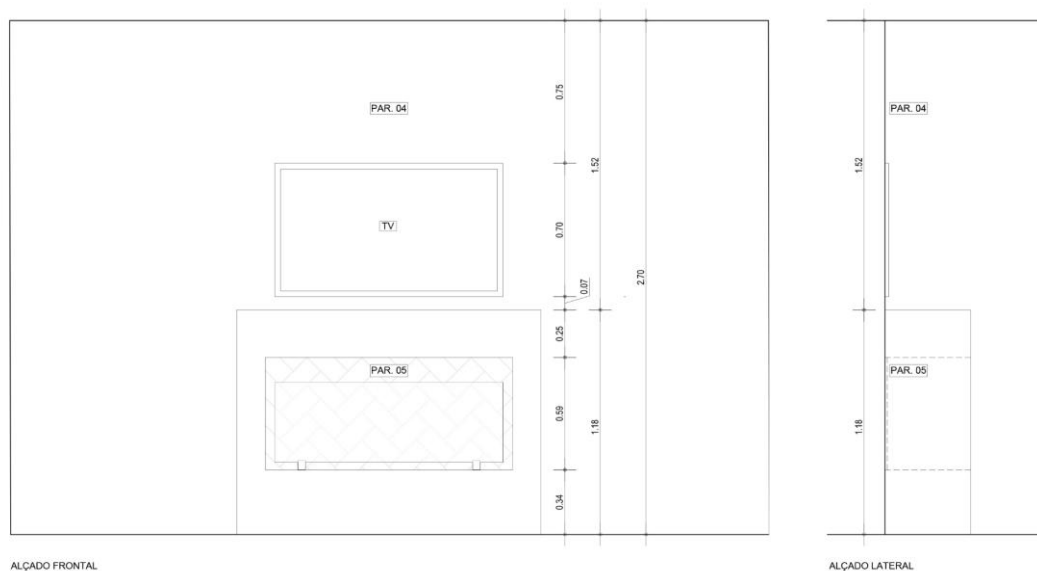


Figura 59 – Alçados da proposta da lareira. Projecto 5.

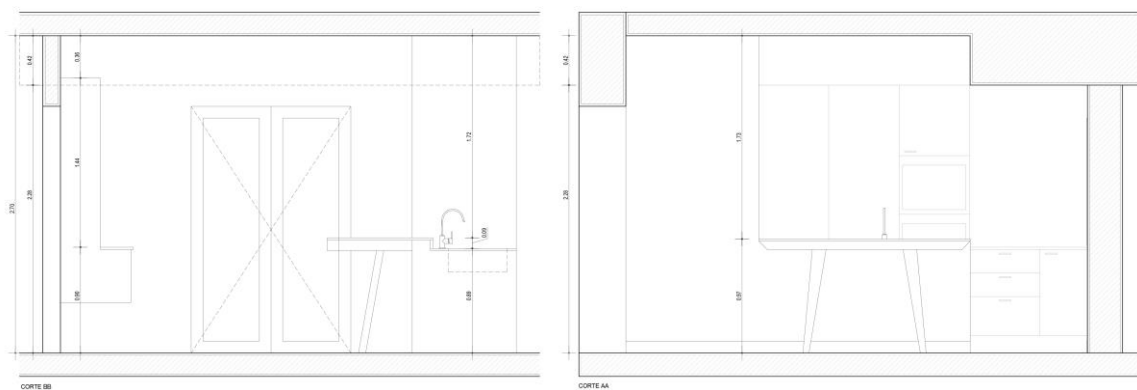


Figura 60 – Cortes do levantamento da sala de refeições. Projecto 5.



Figura 61 – Fotografia do móvel existente. Projecto 5.

Na Figura 59 podem ser observados os cortes do levantamento da sala de refeições e na Figura 61 uma fotografia do móvel existente.

Aqui, sugerimos eliminar a mesa alta e trazer para esta parede uma nova configuração do móvel existente. Este seria adaptado ao desenho da nova parede, projectando-se simultaneamente um equipamento ergonómico, prático com bastante arrumação e reutilizando o maior número de módulos possível, de acordo com os requisitos da cliente. A sua nova configuração foi, depois, modelada a três dimensões em SketchUp, para a apresentação à cliente (Figura 62). Com a deslocalização do armário, conseguiríamos colocar uma banqueta que ocupasse por inteiro a parede norte e uma mesa de dois metros de comprimento com pé central. A reunião familiar era, assim, proporcionada num espaço funcional e prático dedicado às refeições do dia-a-dia. A materialidade predominante nesta sala, madeira de nogueira envernizada, seria mantida, incluindo-a no tampo da mesa e na base da banqueta, pois ia ao encontro do gosto pessoal da cliente. Esta seria harmonizada com a comodidade e conforto dos têxteis dos coxins e das almofadas, que se seleccionariam após aprovação da proposta. Na Figura 63 encontram-se os cortes da proposta da sala de refeições.

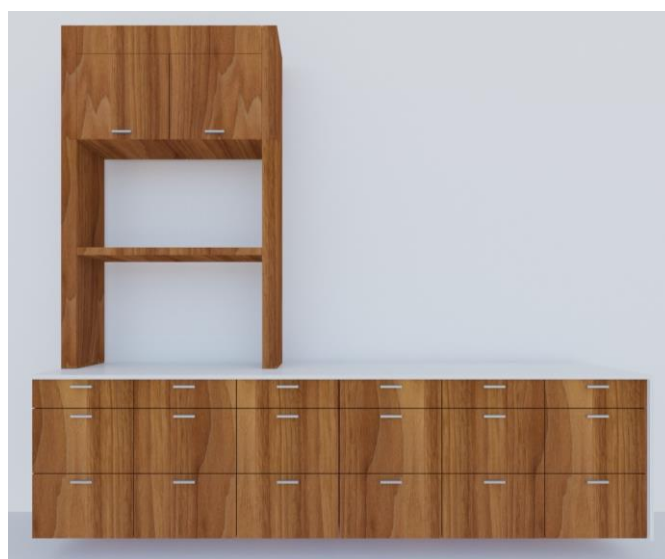


Figura 62 — Visualização 3D da nova configuração do móvel. Projecto 5.

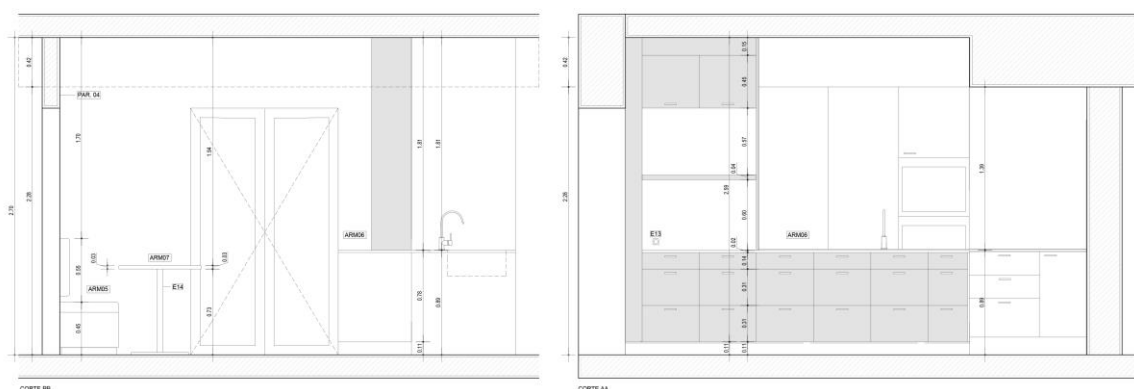


Figura 63 — Cortes da proposta da sala de refeições. Projecto 5.

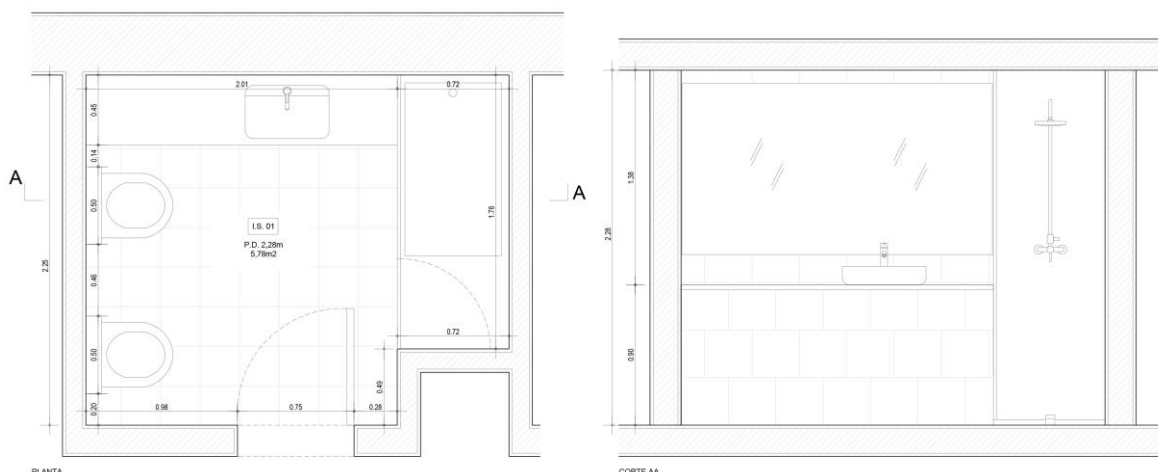


Figura 64 – Desenhos do levantamento da instalação sanitária 01. Projecto 5.

Quanto às I.S. 01, 03 e 04 a nossa proposta centrou-se na escolha de revestimentos resistentes, duradouros, de fácil manutenção e de acordo com o gosto pessoal da cliente, e no desenho de móveis de bancada com arrumação, tendo em conta o conceito e a harmonia do projecto geral.

Assim, para o pavimento seleccionámos mosaico cerâmico 60x60cm de cor antracite da Porcelanosa e, para as paredes, azulejo liso branco 10x30cm com acabamento brilhante da New Terracota, com assentamento espinhado, tornando o espaço luminoso e acrescentando-lhe valor. Para os móveis apostámos numa estrutura com módulos de gavetas em MDF folheado a carvalho natural e bancada em mármore branco *Thassos*, de fixação à parede e com fechos de mola, tornando estas instalações sanitárias mais funcionais e confortáveis. A Figura 65 representa a materialidade seleccionada para as instalações sanitárias.

Na Figura 64 encontram-se os desenhos do levantamento da I.S. 01 e na Figura 66 já com a nossa proposta.



Figura 65 – Materiais-base das I.S. Projecto 5.

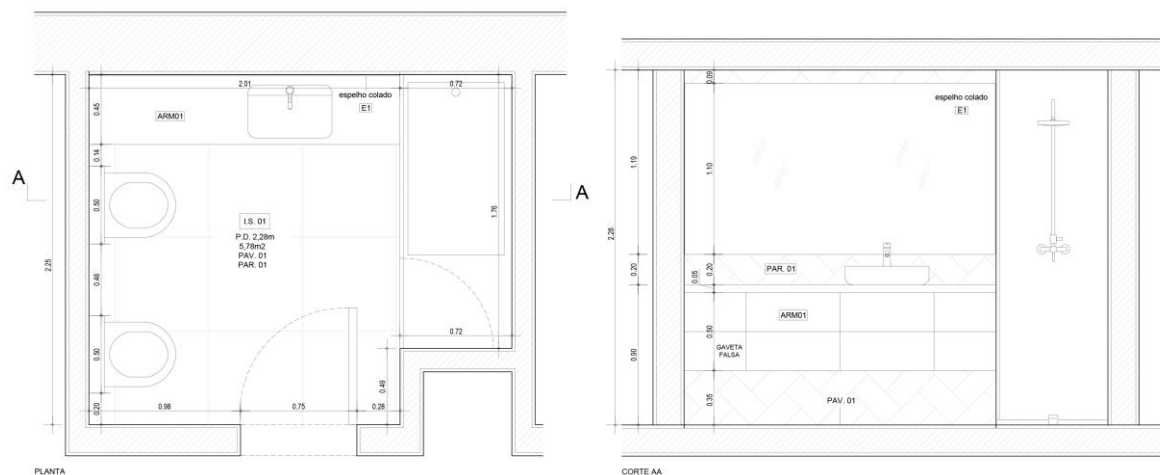


Figura 66 – Desenhos da proposta da instalação sanitária 01. Projecto 5.

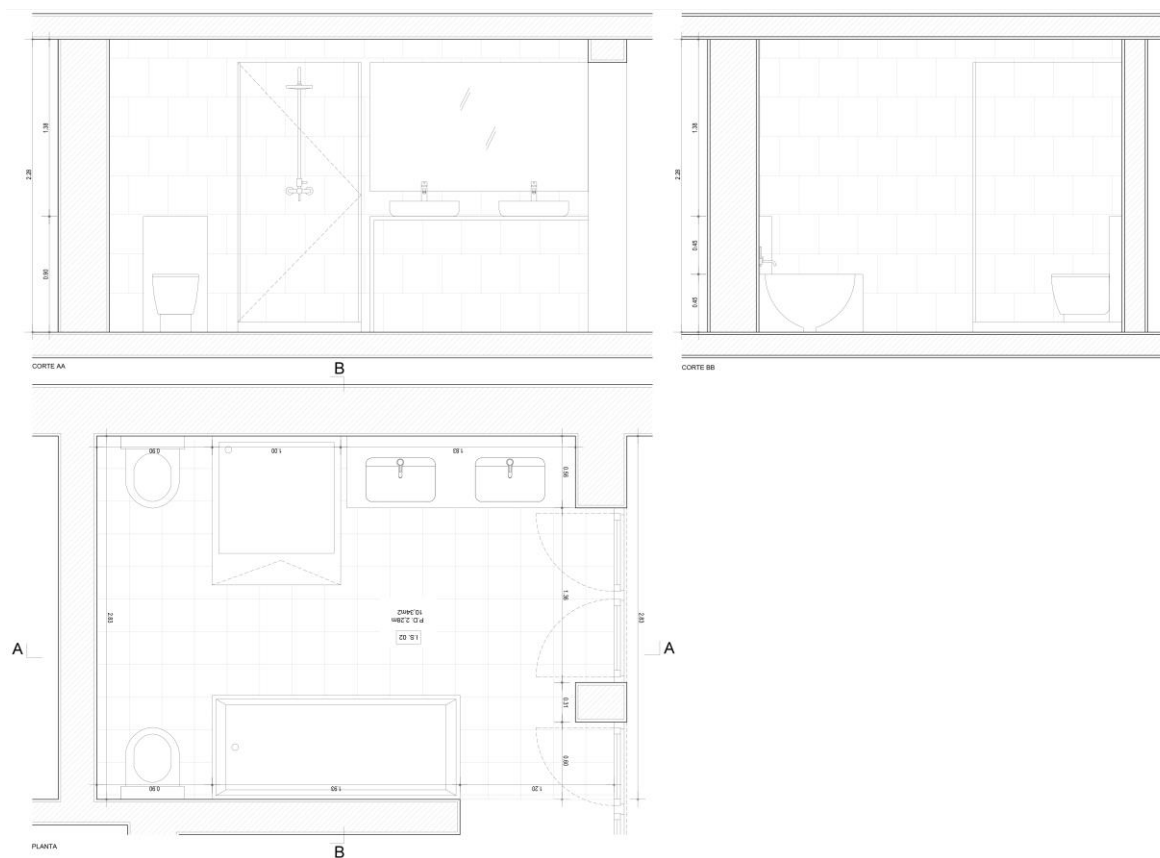


Figura 67 – Desenhos do levantamento da instalação sanitária 02. Projecto 5.

Na instalação sanitária 02 propusemos, a par como a substituição dos revestimentos requerida, a reformulação da sua organização espacial, uma vez que esta era pouco funcional, desconfortável e pouco elegante. Os equipamentos adaptáveis ao novo projecto seriam mantidos.

Deste modo, projectámos dois compartimentos simétricos, para a sanita e zona de duche, originando uma nova parede onde, entre os dois vãos, se situaria a bancada de lavatório. Libertávamos, assim, as paredes maiores e obtínhamos uma divisão ampla e espaçosa e dois compartimentos com maior privacidade. As portas seriam de correr e a bancada, com um lavatório, manteria a mesma linha das outras instalações sanitárias. Não comprometendo os fluxos de circulação claros e a leveza conseguida ao espaço, sugerimos a instalação de uma banheira autónoma de design contemporâneo, configurando o elemento de destaque. Juntamente com revestimentos seleccionados da Porcelanosa, alcançou-se um espaço elegante e acolhido, adequado às necessidades da cliente.

Na Figura 67 e Figura 68 podemos comparar o antes e depois da I.S. 02.

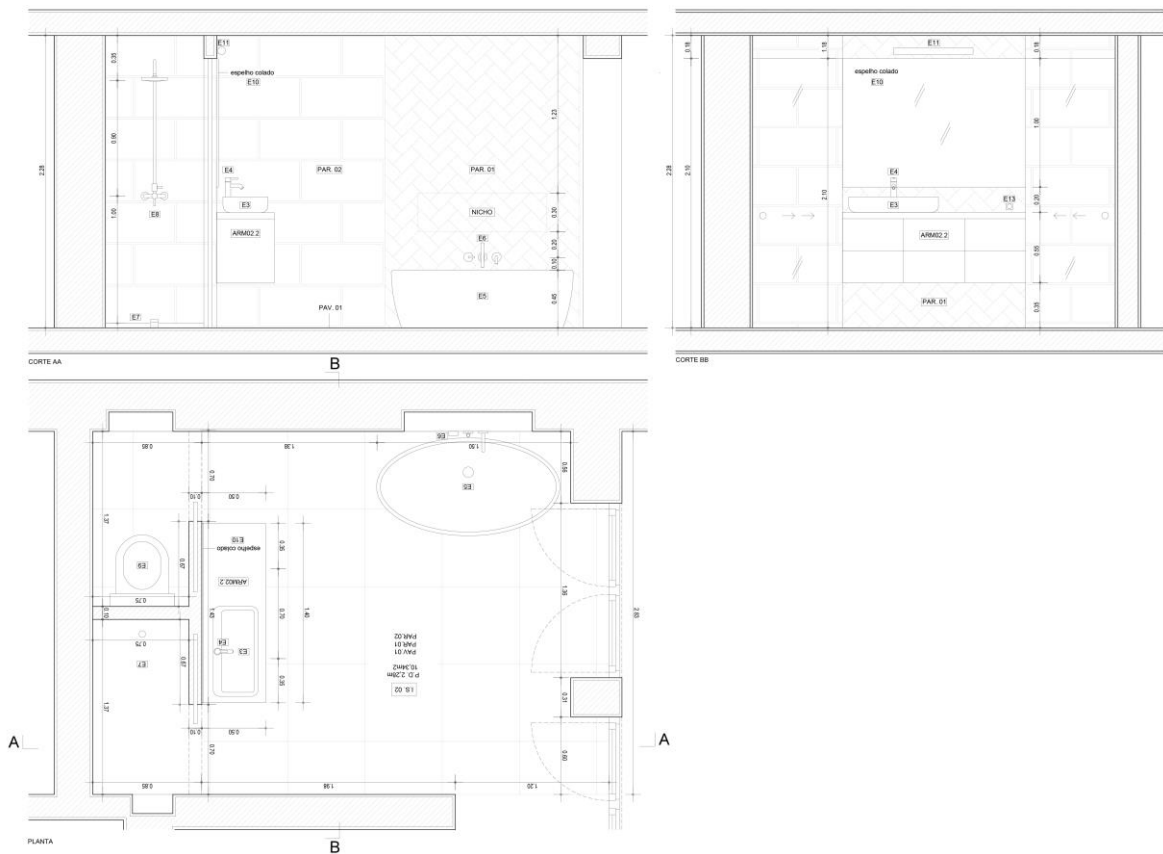


Figura 68 – Desenhos da proposta da instalação sanitária 02. Projecto 5.

### 3.4.5.2 Resultado final

O resultado final da I.S. 02 foi registado em fotografias, presentes na Figura 69.



Figura 69 – Fotografias do resultado final da I.S. 02. Projecto 5. Fonte: Arkstudio.

### 3.4.6 Projecto 6

#### Remodelação e design de interiores | Habitação | Oeiras

O projecto 6 incidiu sob a remodelação integral de um T2, localizado no município Oeiras. O apartamento seria a próxima habitação de um familiar da cliente.

##### 3.4.6.1 Programa base

Reunimos com a cliente no apartamento, onde analisámos o *briefing* e realizámos o levantamento métrico e fotográfico (Figura 70).



Figura 70 – Elementos do levantamento fotográfico. Projecto 6.

A cliente desejava, sobretudo, tornar o apartamento actual e confortável com alguma celeridade. Pretendia um apartamento funcional e luminoso, de cores claras, espaços de fácil manutenção e limpeza, com um estilo despretensioso e elegante.

Posto isto, acordou-se logo à partida que a traça original e a organização do fogo seriam mantidas, tal como o pavimento em madeira, que seria afagado, e as portas, que seriam pintadas, de modo a economizar recursos. Por sua vez, a cozinha e a instalação sanitária sofreriam uma remodelação total por se tratarem de espaços pouco funcionais e desactualizados. Toda a caixilharia seria também substituída com vista a melhorar o conforto térmico e acústico da habitação. O mobiliário e a iluminação não fariam parte da nossa lista de trabalhos.

### 3.4.6.2 Estudo prévio

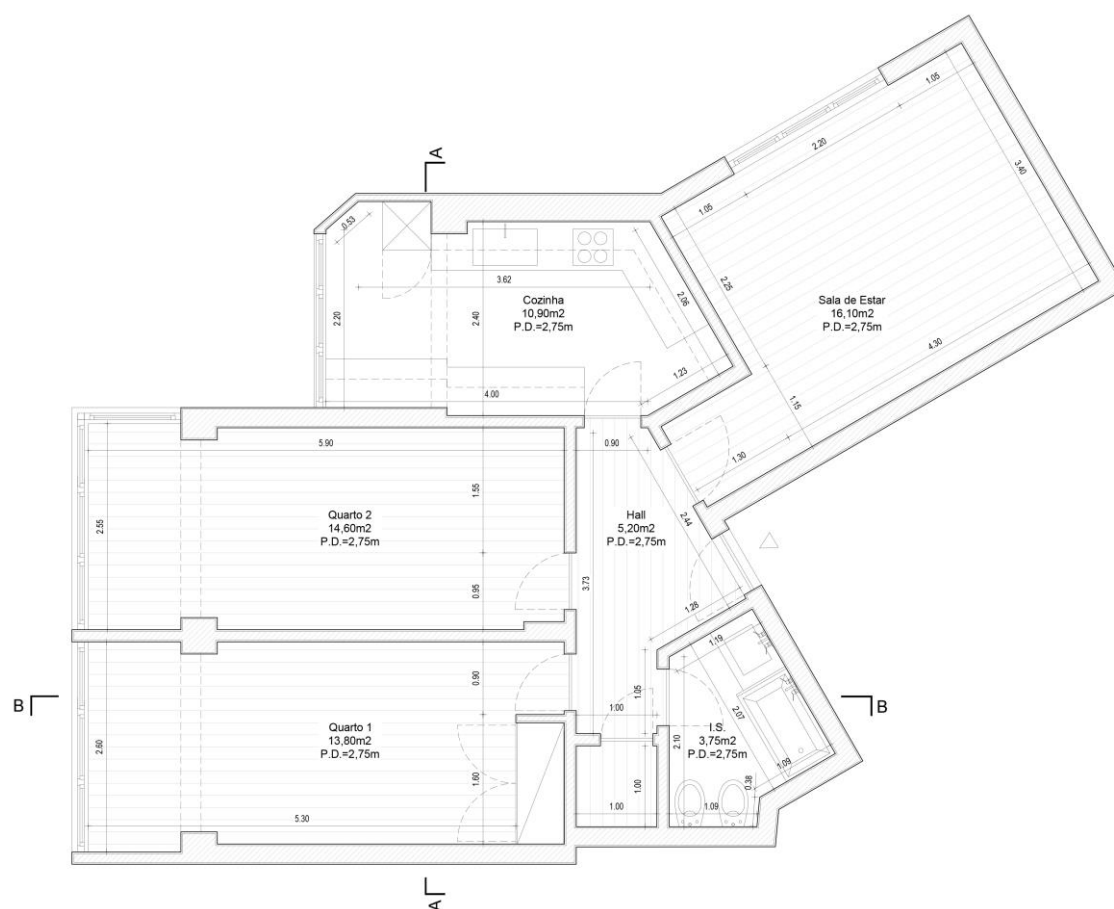


Figura 71 – Planta do levantamento. Projecto 6.

A função e o conforto dos espaços, o cumprimento do *briefing* tendo em conta os limites temporais e orçamentais eram agora os nossos objectivos.

Comecei por desenhar a planta geral (Figura 71) e dois cortes do levantamento. De seguida, testámos novos *layouts* para a cozinha e para a instalação sanitária.

Assim, para a cozinha, estabelecemos eliminar os módulos da parede da entrada, de modo a obter-se um espaço amplo, luminoso e uma zona de refeições, ao prever a colocação de uma mesa redonda. Os pontos de água e de gás seriam mantidos e, deste modo, todos armários e equipamentos ocupariam de forma contínua as outras duas paredes por inteiro. Definimos, ainda, uma zona de lavandaria junto à janela, delimitada pela própria morfologia da planta. O sentido de abertura da porta seria também alterado por questões funcionais.

Já na instalação sanitária, sugerimos desenhar um móvel de bancada com arrumação, colocar um espelho a toda a largura da parede, aumentando a percepção do espaço e eliminar o bidé e a banheira ao integrar a área da arrecadação adjacente como zona de duche. Incluíamos, ainda, uma estante alta desenhada à medida.

No Quarto 02 seria instalado um armário a toda a largura e altura da parede da entrada.

Todos os revestimentos e equipamentos destas duas divisões seriam substituídos por elementos ergonómicos e de design contemporâneo, dentro dos objectivos estabelecidos.

Quanto à materialidade e paleta de cores, pretendíamos, com a sua presença, trazer luz, delicadeza e um toque nostálgico à habitação. Posto isto, seleccionámos um mosaico do tipo *terrazzo* de 30x30cm da Macel para o pavimento da cozinha e da instalação sanitária. Na parede da bancada da cozinha seria colocado mosaico cerâmico branco mate de 7,5x15cm da Primus Victoria, com juntas pretas acentuando o seu assentamento vertical. Para revestir as paredes da instalação sanitária, seria utilizado mosaico cerâmico de 10x10cm, cor creme brilhante, da gama Urban Atelier da Ceramicas Aleluia (Figura 72). As restantes paredes, os tectos seriam pintados à cor RAL 9010 (branco puro) e a nova caixilharia em PVC branco.

Ao mesmo tempo que definíamos a caracterização do espaço, desenvolvi a planta e dois cortes da proposta, presentes nas Figura 73 e Figura 74, assim como os respectivos amarelos e vermelhos. Estes desenhos foram complementados com imagens de referência e respectiva legenda de materiais, com o intuito de suportar a apresentação da proposta. Todos eles podem ser encontrados no Volume II.



Figura 72 – Materiais-base propostos. Projecto 6.

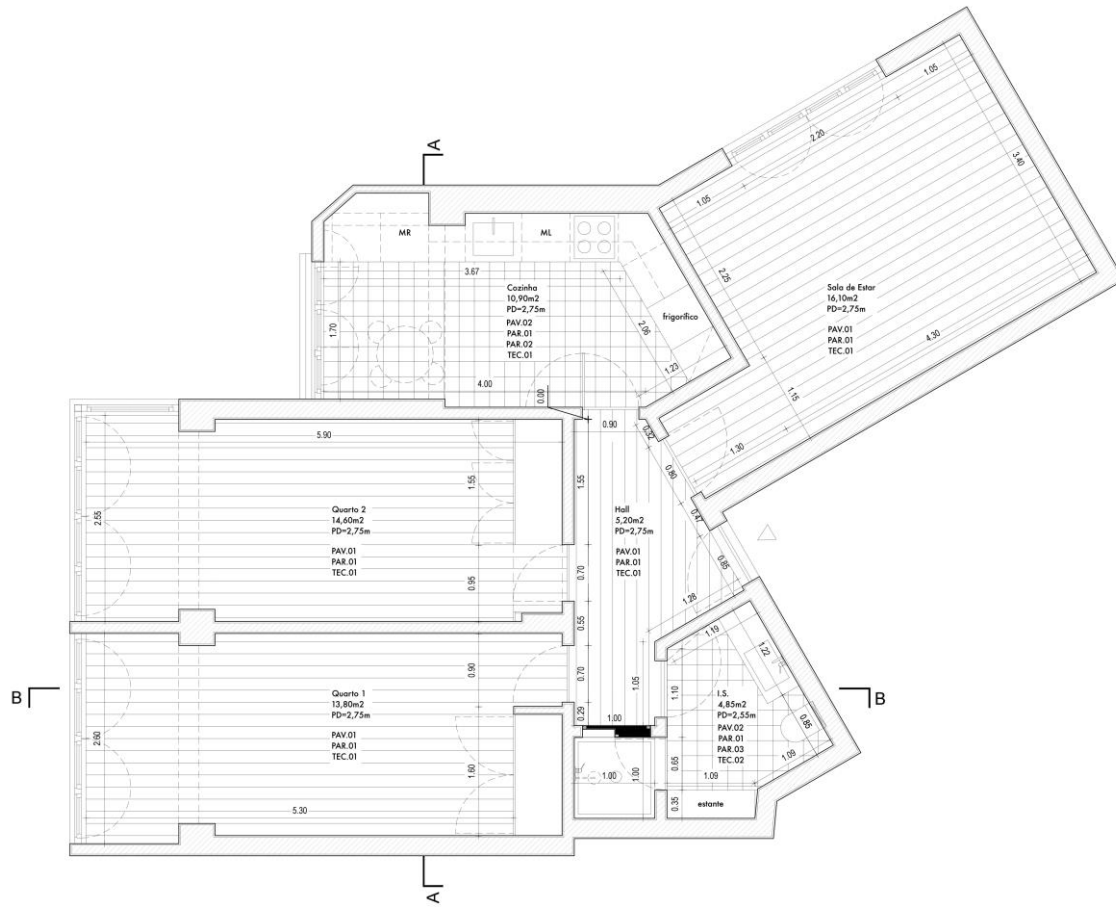


Figura 73 – Planta da proposta. Projecto 6.

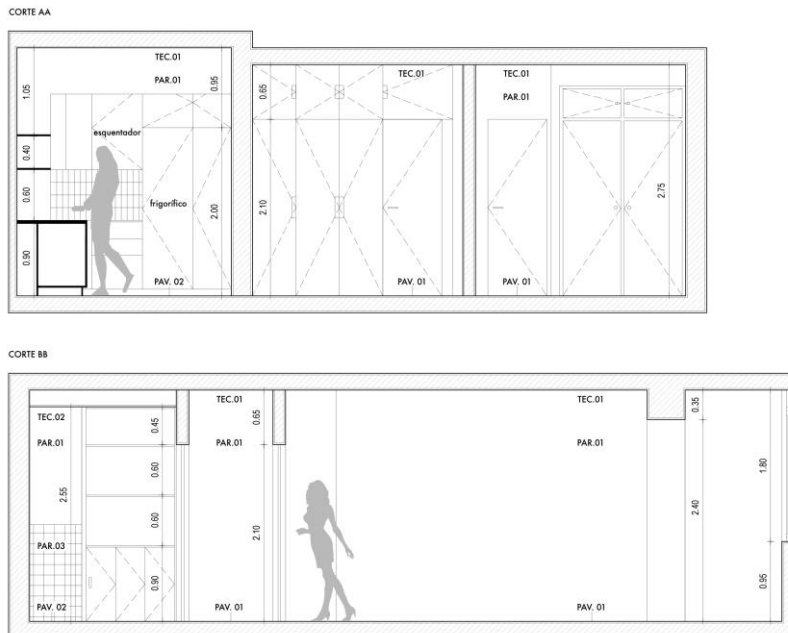


Figura 74 – Cortes da proposta. Projecto 6.

### 3.4.6.3 Projecto de execução

Com excepção das juntas a preto no revestimento cerâmico da cozinha e das frentes na estante da I.S., a proposta foi apreciada e aprovada, dando-se início ao projecto de execução. Nesta fase, a cliente ia acompanhando e validando o trabalho desenvolvido.

Neste, foi-me atribuída a elaboração dos desenhos de execução da cozinha e da instalação sanitária, assim como o mapa de vãos exteriores e de carpintarias, sempre com a supervisão da responsável do projecto e consultando projectos anteriores. Todos eles podem ser encontrados no Volume II.

Relativamente à cozinha, a localização dos equipamentos encontrava-se já estabelecida e o meu trabalho incidiu sobre o desenho dos módulos de armário e de gavetas, tendo em conta a ergonomia do espaço. Estes seriam lacados a cinza mate com bancada em silestone branco, alcançando, com os revestimentos, um ambiente claro e confortável. Na zona da lavandaria, as prateleiras seriam folheadas a carvalho claro, de

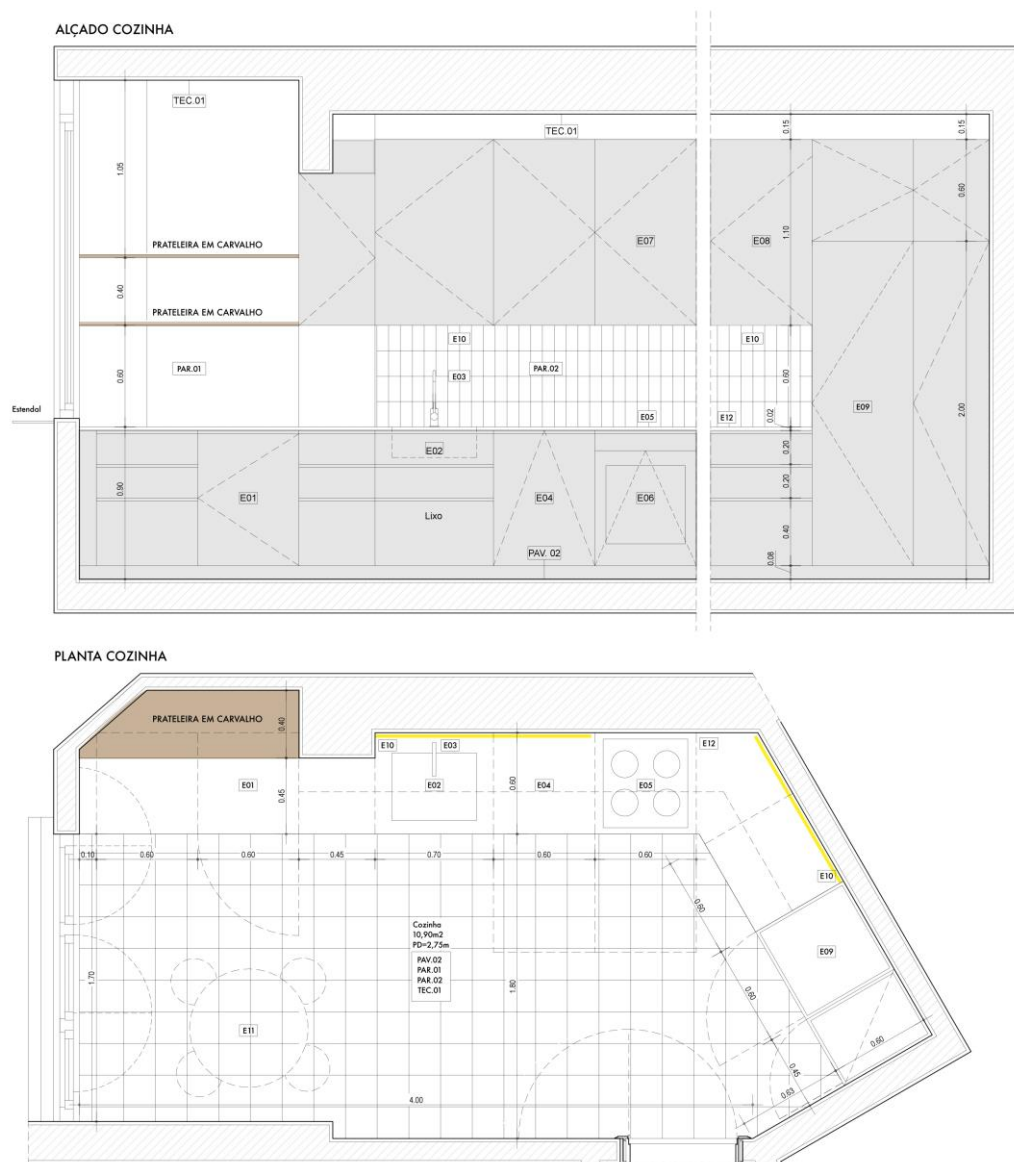


Figura 75 – Desenhos de execução da cozinha. Projecto 6.

modo a reforçar a separação das funções das áreas. Os equipamentos seriam de linha contemporânea, da marca Franke, e seria colocada uma calha LED para iluminação da bancada (Figura 75).

Na instalação sanitária, de modo a garantir a iluminação adequada ao espaço, seria instalado um tecto falso em MDF hidrófugo com sanca de luz LED e focos embutidos. Quanto às carpintarias a produzir, assegurando a coerência com o restante projecto, desenhei o armário de bancada com lavatório de encastre de linhas simples, com estrutura em MDF hidrófugo folheado a carvalho claro e bancada em mármore de estremo. A estante em MDF lacado a branco, a toda a altura do espaço, foi desenhada apenas com prateleiras, prática e de fácil limpeza, e, apesar da dimensão, integrada no espaço. Por último, seleccionámos os equipamentos e acessórios de design minimalista das marcas Bruma e Sanindusa. Na Figura 76 podem ser observados os seus desenhos de execução.

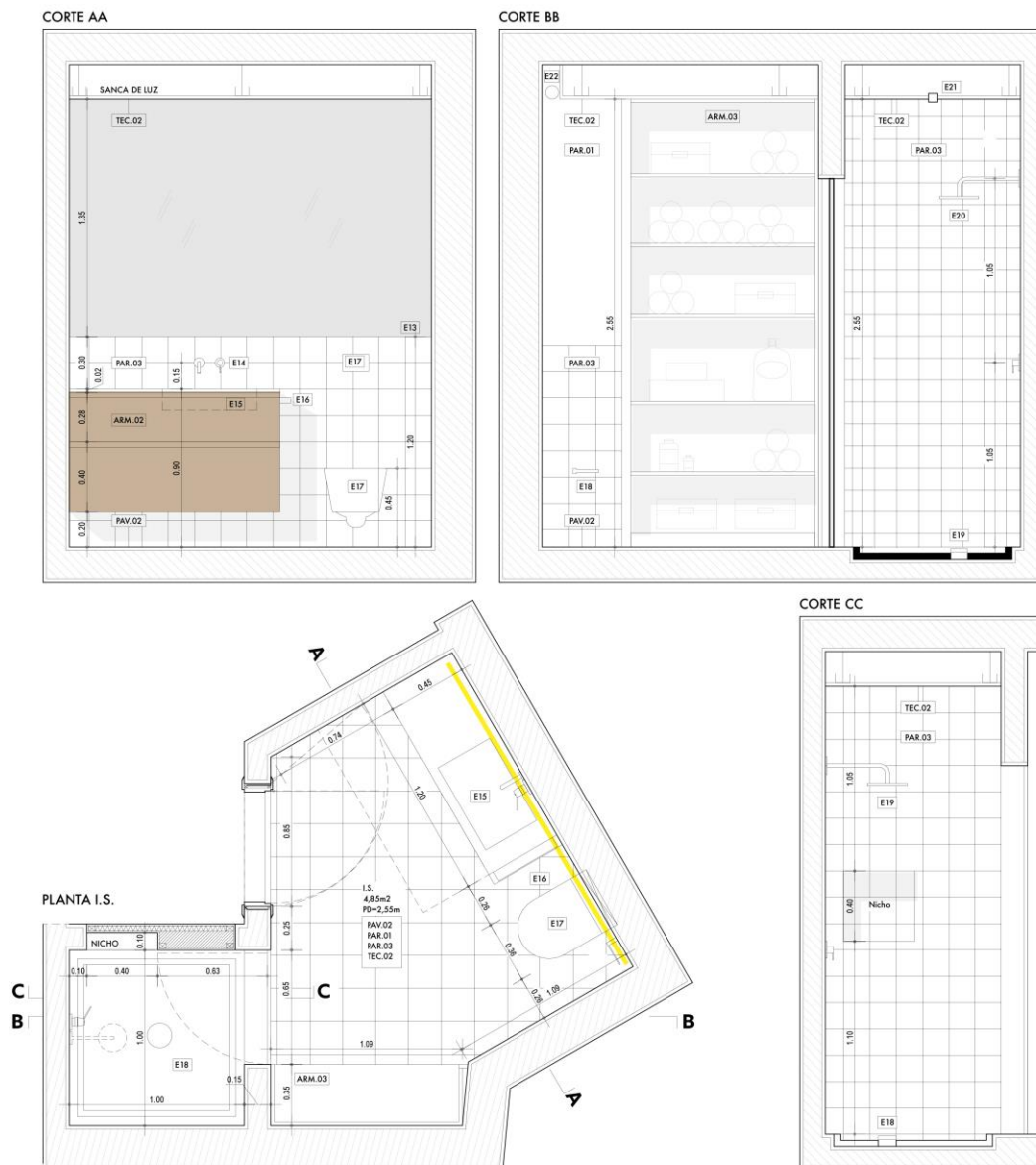


Figura 76 – Desenhos de execução da I.S. Projecto 6.

Por fim, o armário do quarto 02, foi projectado prevendo a sua utilização diária mas também enquanto sistema de arrumação para artigos de utilização menos frequente e de maior volume. Pretendíamos um desenho minimalista que ocupasse toda a largura e altura da parede e integrasse a porta. Para a sua produção, seleccionámos MDF lacado a cinza e interiores folheados a madeira de nogueira, alcançando, assim, um equipamento funcional, prático e elegante. De seguida, na Figura 77, pode observar-se o seu desenho técnico.

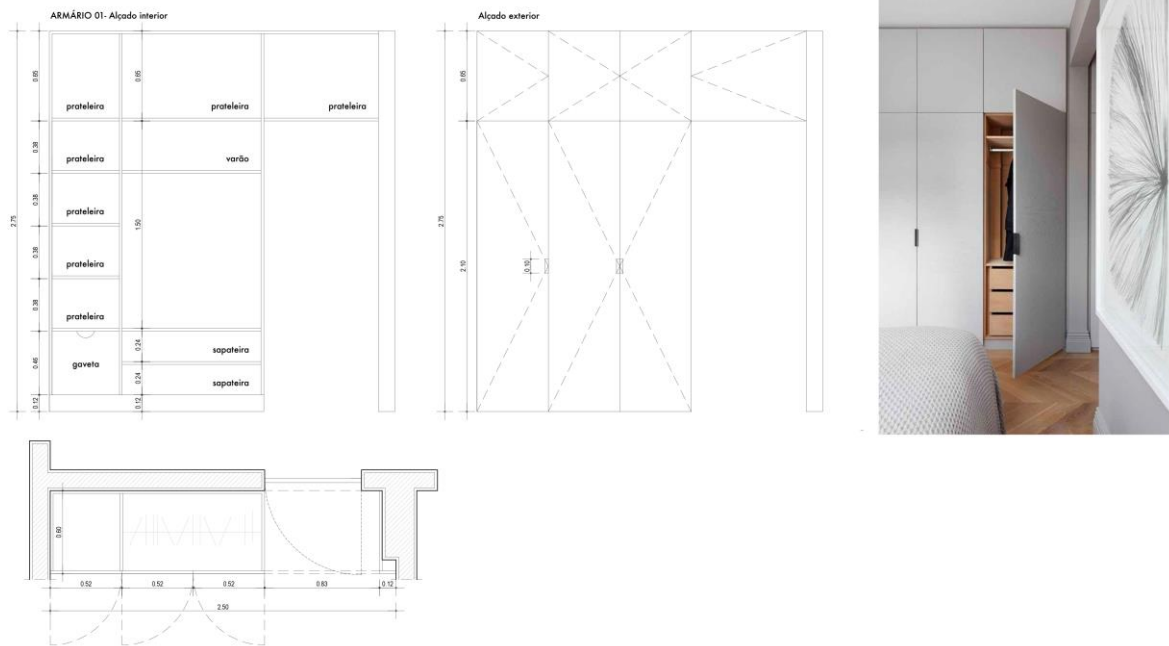


Figura 77 – Desenho de execução do armário. Projecto 6.



### 3.4.7.1 Estudo prévio

A cliente idealizava um ambiente calmo e acolhedor e, simultaneamente, elegante e sofisticado. Esteticamente, pretendia o estilo escandinavo como fio condutor e influências portuguesas e do estilo inglês. Nesta fase do projecto, não foram estabelecidos limites orçamentais.

O processo projectual encontrava-se na fase de caracterização de quatro espaços quando integrei o mesmo. Estes compreendiam a cozinha, o *hall*, a sala de refeições e a sala de estar. Os seus *layouts* de mobiliário tinham já sido estudados à mão levantada pela responsável do projecto.

De modo a auxiliar este processo, decidimos criar visualizações tridimensionais, que seriam também utilizadas enquanto peças de comunicação da proposta. Assim, com excepção da cozinha, muitas das opções foram primeiramente testadas em 3D e só depois definidas e desenhadas.

Os nossos objectivos prendiam-se com a criação de *layouts* funcionais e práticos, direccionando a função de cada espaço às necessidades da família, e com uma resposta assertiva ao *briefing*, apostando na integração e ênfase da arquitectura dos espaços e em peças de design de mobiliário e iluminação de qualidade.

Posto isto, comecei por modelar toda a volumetria da casa e equipamentos fixos. De seguida, apliquei a materialidade definida no projecto de reabilitação, como a pedra lioz, material endógeno da região, madeira de carvalho claro e paredes e carpintarias pintadas à cor branca. Posteriormente, desenvolvemos cada um dos quatro espaços separadamente.

O primeiro a ser estudado foi o hall de entrada, local de recepção e circulação. Aqui, pretendíamos um ambiente leve e amplo e simultaneamente receptivo, onde a circulação não fosse estrangida. Introduzimos funcionalidade e comodidade através de peças elementares de mobiliário, iluminação e têxteis, elegantes, de linhas simples, ambicionando a harmonia do conjunto com os elementos pré-existentes.

Após pesquisarmos diferentes produtos, chegámos à solução observada na Figura 79. A mesa em cortiça e mármore da Frama, o banco 443 desenhado pelo Studioilse e produzido pela De La Espada e iluminação Flos faziam parte da nossa proposta.



Figura 79 – Visualização 3D do hall de entrada. Projecto 7.

Para a cozinha, tinha sido desenvolvido um projecto de execução. À excepção da volumetria da ilha, este respeitou os elementos estruturais, revestimentos e projectos de especialidades definidos pela reabilitação. Projectou-se uma cozinha funcional, prática, de fácil manutenção e limpeza e com bastante arrumação, prevendo a acessibilidade aos módulos superiores através da instalação de uma escada móvel. Procurou-se harmonizar influências da cozinha clássica inglesa, com equipamentos contemporâneos Smeg e materiais portugueses, com a bancada em pedra mármore lioz e integrando no revestimento das paredes de bancada azulejos tradicionais portugueses recuperados em obra.

Com base nos desenhos facultados, desenvolvi a modelação 3D e, com o intuito de se observar o ambiente resultante da aplicação de cores diferentes nas carpintarias, realizei dois testes de cor. Para o primeiro, seleccionámos a referência Hague Blue 30 da Farrow & Ball, conferindo-se serenidade e proximidade ao espaço. Para o segundo teste, foi seleccionada a Purbeck Stone 2011 da mesma marca, também um tom calmo, mas leve e suave, alcançando um ambiente claro e luminoso.

A cliente optou pela 2ª hipótese, apresentada na Figura 80. O primeiro teste pode ser observado no Volume II.



Figura 80 – Visualizações 3D da cozinha - teste de cor 02. Projecto 7.

Quanto à sala de jantar, local de reunião familiar e entre amigos durante refeições, pretendíamos um ambiente despretensioso, onde a função do próprio espaço fosse a protagonista. Assim, um grande tapete delimita simbolicamente a área reservada a esta reunião, onde peças de mobiliário escandinavo prevêm a presença de oito pessoas, requisito indicado pela cliente. Adicionámos um aparador de apoio e arrumação coerente com as outras escolhas. Propusésemos a aplicação de um tom bege nas paredes, aqui meramente representativo, tornando o ambiente afável e acolhedor, e integramos dois tons de carvalho nas cadeiras CH36 e quadros com cor, de modo a



Figura 81 – Visualizações 3D da sala de jantar. Projecto 7.

conferir certo dinamismo à sala. O candeeiro suspenso da Menu harmoniza com os equipamentos brancos pré-existentes. A renderização da proposta da sala de jantar pode ser observada na Figura 81.

Por fim, e representando o último exercício realizado durante o estágio curricular, desenvolvi a visualização 3D da sala estar (Figura 82).

Esta divisão seria utilizada como espaço de convivência familiar e entre amigos e devia prever o mínimo de dez lugares sentados. Aqui, o *layout* estabelecido, dividia a sala em duas zonas de estar com área de circulação frontal à entrada e a todo o perímetro (propúnhamos a deslocalização do aquecimento situado à direita da porta de entrada). A criação de duas zonas de estar paralelas prendia-se com a ausência de barreiras físicas ou visuais entre a família e permitia diferentes interações num mesmo espaço. Ainda, a integração de *poufs* possibilitava a fácil mobilidade entre as duas zonas. O volume da estante pré-existente foi amenizado com a instalação de um espelho ao centro daquela parede, que, ao reflectir outro enquadramento, cria a sensação de profundidade e de ampliação do espaço. Elementos metálicos pretos harmonizam com o recuperador de calor.

Por fim, a selecção de cores suaves, materiais naturais, a repetição de elementos, dois grandes tapetes e peças de mobiliário de marcas como &Tradition, Tinekhome e Gubi, alcançam um ambiente sereno, harmonioso e confortável, adequado ao modo de habitar da família.

O apoio das visualizações 3D durante este processo revelou-se decisivo na tomada de decisões respeitantes ao mobiliário, materiais e paletas de cores. A integração de marcas de gama superior neste projecto proporcionou ainda a pesquisa de novos produtos e marcas, e a sua selecção e harmonia resultou num exercício criativo e evolutivo.



Figura 82 – Visualizações 3D da sala de estar. Projecto 7.

## Capítulo IV



## 4. Conclusão

A oportunidade de aprender com profissionais experientes e observá-los durante a sua actividade é, sem dúvida, a mais valia do estágio curricular.

Licenciada em design gráfico e com um ano de estudos em design de interiores e mobiliário, os dois primeiros semestres deste Mestrado, este período representou o primeiro contacto da aluna com a realidade laboral do design de interiores.

Deste modo, a capacidade de adaptação gradual à metodologia de trabalho do atelier e dos projectos, à equipa, à pressão e aos limites temporais, assim como as testadas capacidades de comunicação e proactividade, foram fundamentais.

Por sua vez, a formação em design gráfico e o domínio dos softwares desta área utilizados no atelier, bem como os conhecimentos adquiridos no primeiro ano do curso, revelaram-se essenciais na execução das demais tarefas.

Em relação ao conhecimento técnico adquirido, este reflecte-se no campo do dimensionamento humano e ergonomia dos espaços, da organização espacial interior, definição de *layouts* e do desenho técnico. Evidencia-se, também, pelo estudo de diferentes materiais, processos construtivos e metodologias projectuais. Ainda, a prática em AutoCAD e a exploração, de modo autónomo, de modelação 3D e renderização, integram competências informáticas desenvolvidas.

A fomentação do espírito crítico e sensibilidade estética, a procura por soluções criativas distintas, assim como, a constante adaptação a alterações e imprevistos caracterizaram de igual modo estes seis meses.

Por fim, o contacto com profissionais da área e suas inerentes, a pesquisa de novos produtos, marcas e fornecedores, assim como, embora escasso, o contacto com clientes e locais de obra, representam experiência igualmente valorizada.

Em suma, o estágio curricular consistiu numa aprendizagem diária de conhecimentos teóricos e práticos elementares a esta actividade profissional e na percepção do seu *modus operandi*. Representa, para mim, um período de superação de desafios, de partilha e dos primeiros projectos. Projectos estes que me permitiram conhecer espaços, pessoas e modos de habitar singulares, que espero guardar e reflectir na minha prática.

*"Choose your corner, pick away at it carefully, intensely and to the best of your ability and that way you might change the world."*

Charles and Ray Eames<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Charles and Ray Eames – casal icónico de designers norte-americano com notável influência na arquitectura e design de mobiliário modernos.



## Bibliografia

ACCIAIUOLI, Margarida – **Casas com escritos: uma história da habitação em Lisboa**. 1 ed. Bizâncio, 2015.

APPLETON, João – **A Avenida Almirante Reis: uma história construída do Prédio de Rendimento em Lisboa**. Lisboa: IST/UL, 2017. Tese de doutoramento.

CALDEIRA, Romana – **A casa como reflexo da sociedade: Lisboa no século XX**. Lisboa: FA/UL, 2016. Dissertação de mestrado.

CHING, Francis D. K.; BINGGELI, Corky – **Diseño de interiores: um manual**. 2 ed. GG, 2017.

GIBBS, Jenny – **Design de Interiores: Guia útil para estudantes e profissionais**. 1 ed. GG, 2016.

PEREIRA, Sandra Marques – **Casa e mudança social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa**. 2 ed. Caleidoscópio, 2016.

RODRIGUES, Maria João Madeira; SOUSA, Pedro Fialho de; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira – **Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura**. 4 ed. Quimera, 2005.

TEIXEIRA, Manuel C. – **As estratégias de habitação em Portugal: 1880-1940**. Análise Social. Vol. XXVII, nº 115, 1992.

## Webgrafia

Arkstudio, acessado a 10 de Outubro de 2019 em:

<https://arkstudio.pt/>

Ateliers de Lisboa, acessado a 21 de Outubro de 2019 em:

[www.b-l.pt](http://www.b-l.pt)

<http://www.anahoryalmeida.com/>

<http://dc-ad.com/>

Ilse Crawford, acessado a 23 de Outubro de 2019 em:

<https://www.dezeen.com/2014/11/04/dezeen-book-of-interviews-ilse-crawford/>

India Mahdavi, acessido a 23 de Outubro de 2019 em:

<https://india-mahdavi.com/studio/>

História de Lisboa, acessido a 14 de Outubro de 2019 em:

<http://www.cm-lisboa.pt/municipio/historia>

<http://www.museudelisboa.pt/pecas/detalhe/news/planta-topografica-da-cidade-de-lisboa-arruinada-tambem-segundo-o-novo-alinhamento-dos-architectos-eugenio-dos-santos-carvalho-e-carlos-mardel.html>

Situação social e económica de Lisboa, acessido a 16 de Outubro de 2019 em:

[http://www.cm-](http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/INVESTIR/ECONOMIA_DE_LISBOA_EM_NUMEROS_2017_PT_MOBILE.pdf)

[lisboa.pt/fileadmin/INVESTIR/ECONOMIA DE LISBOA EM NUMEROS 2017 PT MOBILE.pdf](http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/INVESTIR/ECONOMIA_DE_LISBOA_EM_NUMEROS_2017_PT_MOBILE.pdf)

<https://www.uccla.pt/membro/lisboa>

<https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/a-transformacao-de-lisboa-e-identitaria-9301965.html>

<https://www.jornaldenegocios.pt/economia/politica/eleicoes/detalhe/lisboa-depois-do-boom-turistico-e-do-investimento-estrangeiro-a-crise-na-habitacao>

<https://www.publico.pt/2018/03/21/economia/noticia/arrendamento-em-lisboa-custa-o-dobro-da-mediana-do-pais-1807465>